

REVISTA DA Semanana

Nº 16 — 19 de abril — Cr\$ 10,00



Disque
para Titir



IX - JORNAL DO BRASIL - 1964



CAFIASPIRINA

É
PRA
CABEÇA

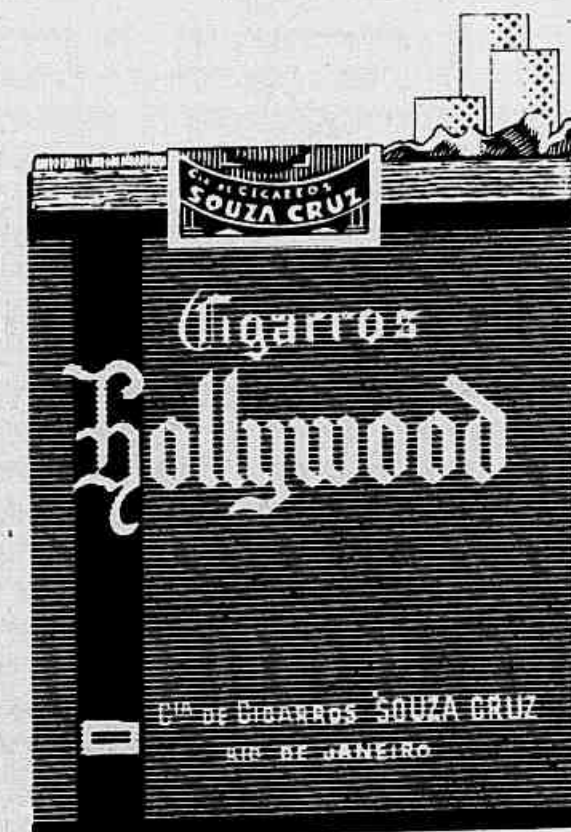
partilham do mesmo encantamento...

do mesmo querer bem... e, naturalmente,

do mesmo maço de Hollywood.



uma tradição
de bom gosto



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

REVISTA DA Semana

Ano 57, N.º 16, Rio, 19-4-1958

Diretor — **ALUIZIO ALVES**

Redator Chefe — **LUIZ LOBO**

Assistentes — **ORLANDO CARAMURO**
QUINTINO CARVALHO
Paginador — **VICTOR TAPAJÓS**

Redatores — **MURILO MELO FILHO**
ADIRSON BARROS
JAYME NEGREIROS

FOTOGRAFOS — Alberto Ferreira, Arnaldo Vieira, V. M. Vasconcelos, Hélio Polito, Antônio Melo. **ILUSTRADORES** — Alberto Lima, Marius, Jaguar, Ambrozio, Rafael, Raf, Babinski. **ARQUIVISTA** — J. Romeu Viana. **EDITORES**: Internacional — Ste-
lan Badiu. **Política** — Murilo Melo Filho. **Feminino** — Nazareth. **Esporte** — Arthur Paralba. **Cinema** — Ely Azeredo. **Rádio &**
TV — Ricardo Ramos. **Literatura** — José Roberto Teixeira Leite. **Artes Plásticas** — Maria Inês Duque Estrada. **Ciência** — Frie-
drich Hoe. **Psicologia** — Fernanda Barcelos. **Humor** — Luis de Azevedo. **Médico** — Silvio Lima. **No Espaço** — Cônego O'Grady.
Teatro — J. Fomm. **Sociedade** — Lady Maxwell. **Economia Doméstica** — Bernardino de Araújo. — **REVISTA DA SEMANA** —
Raz Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Enderêço Telegráfico: **REVISTA**. Telefones: Direção — 22-4447. Redação —
22-8870. Publicidade — 22-2550. Portaria — 22-5602. Assinatura (anual) — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. As-
sinatura para o Exterior — Cr\$ 900,00. — Número avulso, Cr\$ 10,00 — Via aérea, com acréscimo do porte.

Assistente de Direção — **FREDERICO CARVALHO**
Assistente de Publicidade — **J.M. COSTA JÚNIOR**

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente — **GRATULIANO BRITO**

Director-Comercial — **JOFFRE AMADO**

Director-Secretário — **ALUIZIO ALVES**

LEIA:

GENTE 8 — Cheryl pode ter assassinado por amor

27 — O Chapéu do Prefeito

DEPARTAMENTO ESPECIALIZADO

11 — Titina Aguirre

REALLEZA 16 — É difícil ser romântico com a Princesa

HUMOR 20 — Ambrósio no inferno

48 — O Museu de Arte Moderna de São Paulo, Jaguar

GASTRONOMIA 21 — Luís, Diário de um Gastrônomo

MEMÓRIAS 25 — Entrevista Póstuma de Júlio Prestes

INTERNACIONAL 44 — Cuba: olho por olho, bala por bala

TEATRO 50 — Nathan, o Crítico

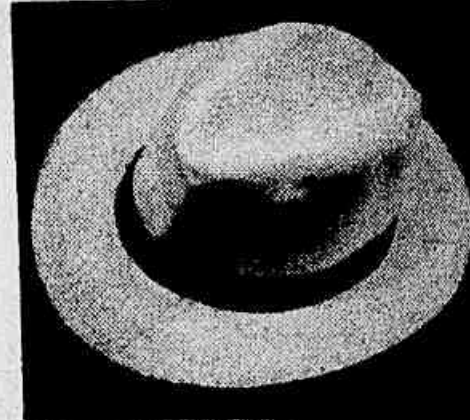
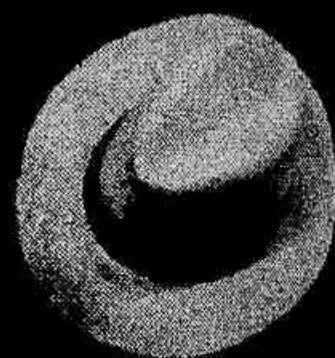
ENTREVISTA 52 — Gilberto Freyre e a Academia

NOVELETA 56 — Matéria de interesse humano

SOCIAIS 60 — Lady Maxwell informa

CINEMA 65 — BB Tostada e ao ponto

CONTATO



ISTO é Titina: "a garôta do D.E."

Idade: 21 anos.

Altura: 1,60 m.

Pêso: 50 quilos.

Busto: 100 cms.

Cintura: 66 cms.

Quadris: 100 cms.

Cabelos e olhos castanhos, claros.

Sonho: viver nos Estados Unidos, casada com um brasileiro.

Prato predileto: bife com fritas.

Gosta: de teatro, volei, música e de biquíni (o seu).

Páginas: 11 a 15.

GILBERTO Freyre deu entrevista à RS, sob a seguinte condição: não reescrever as suas declarações, "porque tôdas as revistas já me ouviram e deturparam as minhas declarações".

Nessa entrevista ele explica a história da sua candidatura a imortal.

POR falar em entrevista: Júlio Prestes dá uma, exclusiva e póstuma, a Rafael Corrêa de Oliveira.

NA próxima semana nós saímos com mais 16 páginas, no Primeiro Número Especial de 1958: o de Humor. Mas Jaguar não esperou e foi fazer, para este número, sua primeira reportagem: na exposição do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

ERA uma vez um chapéu de panamá com fitinha preta. E um moço que era alcaide-mor da cidade Fulana. Vai daí que o senhor alcaide resolveu dar uma festa, para comemorar a chegada de El-Rei ao País Beltrano. Deu. E depois resolveu dar outra festa para comemorar a festa. Deu. O chapéu — que é o personagem principal dessa história — era do senhor alcaide e acabou perdido, durante a festa.

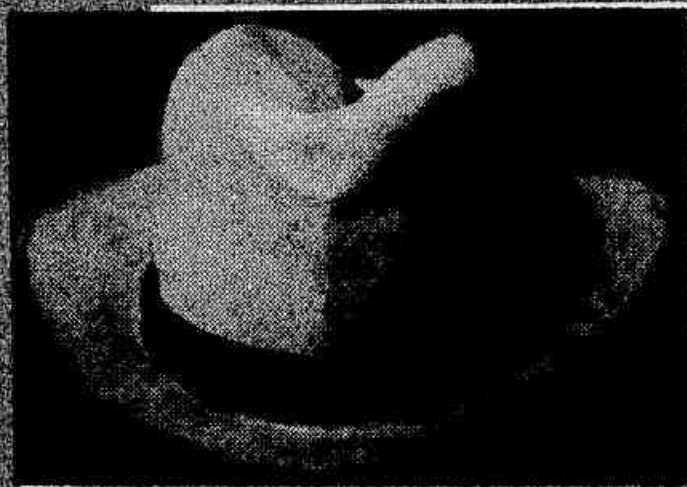
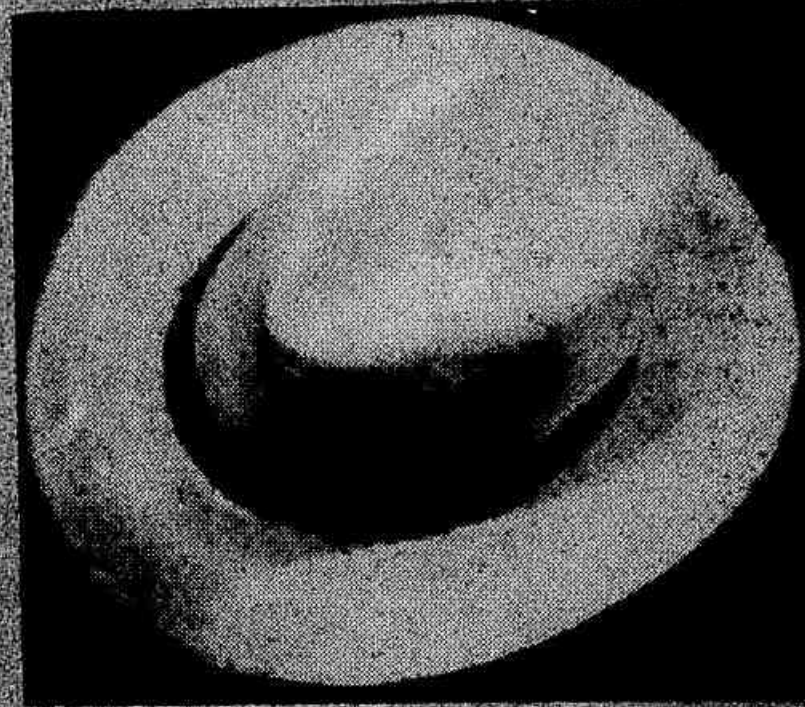
O mocinho (Cezário Marques) começou a procurar, procurar, procurar, até que achou uma pista. E depois não fez como a polícia, que segue sempre a pista. Pegou um telefone e disse: "Moço, devolve o chapéu". Aí o moço devolveu o chapéu.

E nós, que não tínhamos certeza sobre a identidade do dono do chapéu, saímos por aí, procurando cabeças.

Da Cinderela, não era. Do Príncipe, não era. Não era de mulher, nem do macaco, nem do avô da menina do chapéuzinho vermelho, nem do camelo.

Acabamos descobrindo que era mesmo do seu Negrão.

"Mi patria es tan desgraciada que hasta en el Cuba Libre entra la Coca-Cola". A frase é de Fidel Castro. Ele quer mudar (como se vê nas páginas 44 a 47, com fotos cedidas pela "Última Hora") a fórmula do Cuba Livre. Nossos votos de êxito.



EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João. 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



EU SEI TUDO

CURIOSIDADES

ROMANCES

POLÍTICA

CONTOS etc.

Todos os meses

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA

**ANTI
INFECTUOSA
I.B.M.**

VACCINA ANTI-PYOGENA POLYVALENTE
SERIE UNICA DUAS DOSES
Aprov. m731 13-3-1923

CARTAS

PRÓS & CONTRAS

“As fotografias apresentadas na RS, na maioria, são ótimas, mas sua impressão é um pouco clara e desbotada. Ótimo o sentido vertical dado às palavras mas haveria mais estética se fossem desenhadas. Vocês deviam ampliar mais a seção de “Livros” e criar a seção de “Artes Plásticas”. Magníficas as garôtas que a RS tem apresentado. O DE poderia ser ampliado”.

Manuel de Oliveira Castro,
Presidente Prudente



PUDOR

“Meus parabéns pela belíssima RS que vocês estão apresentando. Gostei muito do conto “O Vampiro das Rosas”, bem escrito. O sr. Nathaniel Dantas abordou tema difícil e delicado com muita habilidade, sem descambar para a pornografia. Sou, entretanto, de opinião que a RS não devia ter publicado esse conto por ser revista adquirida sem restrições da censura em qualquer banca de jornal, comprada por leitores de todas as idades e penetrar nos lares da família brasileira”.

Miguel Ribeiro Dantas, DF

BAILARINA

“... e seria interessante que a RS fizesse uma reportagem com Lyrís Castellani, bailarina que dança e encanta nos canais 5 e 7 da televisão em São Paulo...”

Carlos Ernesto Brand Muller,
São Paulo

CONTO

“Magnífico e moderno o conto “O Trôco”, de Wander Piroli, que a RS publicou com boa ilustração de Jaguar.”

Luís Fernando Cardoso, DF

FEIAS

“Feias as “Les Girls” que vieram ao Rio. Não mereciam o destaque dado pela RS”.

Marly Silva, DF

CURIOSO

“... e de que cinema é Sonja Ziemann, muito linda?”

Ricardo Paula Lopes, DF
§ Alemão.

Editor

ROMANCE

“Tenho observado que as mulheres, além de lerem muito mais revistas do que os homens o fazem mais detalhadamente, enquanto aqueles apenas as folheiam. Duvido que 95% dos homens acompanhem romances em série. Porque então a excelente RS não publica novelas mais ao gosto do grande público feminino, românticas, sentimentais, despretensiosas? Faulkner e V. Woolf podem ser grandes cartazes internacionais, mas como são confusos e monótonos! Um semanário é feito para o grande público, e não para uma elite intelectual. Publique a RS novelas de amor e, se possível, prestigie o autor nacional”.

Glória Maria S. Oliveira, DF

LATAS

“Sou pelas latas brasileiras contra as americanas. Muito bem feita a reportagem da RS (número 13) sobre “As latas passaram por trás de Lott”.

Dirceu Fonseca, DF

PONTOS

"... um pouco indecente o título "Em Punta del Este dois pontos chamaram a atenção" da reportagem sobre o Festival de Cinema no Uruguai publicada no número 13 da RS. Mas é muito plástica realmente a atriz Sonja Ziemann".

Maria de Jesus Soares,
Vitória

MOVIMENTO

"Excelente trabalho do repórter Hélio Polito ao fotografar Magali Noel dançando em Punta del Este. Movimento e beleza em seqüências fotográficas".

Jorge Campelo, DF

MODA

"A RS precisa ampliar mais suas seções de "Moda" e dar boas reportagens, como a de "Yves St. Laurent foge do Sucesso" (número 13).

Silvia Hoffmann, DF

"FURO"

"Gostei do "furo" da RS em fotografar o desfile de Baby Pignatari para Linda Christian. E o texto também estava muito bom".

Sérgio Figueiredo, DF



REVISTA lida por todos

DESENHISTA

"... e este é o "Anúncio que não existe" de minha autoria, modesta contribuição para a RS..."

Roberto Antônio Cera,
Piracicaba, SP

INTELIGÊNCIA

"... e aí vai uma palavra de elogio, de estímulo, de admiração sincera ante o trabalho que está realizando a sua RS. Devo-lhe explicar, aliás, que sempre achei as nossas revistas muito medíocres, respirando sempre os mesmos assuntos e a maneira de encará-los, repetindo-se após anos no formato e na apresentação, buscando no sensacionalismo barato da exploração de fatos ocasionais ocultar a real falta de imaginação e de inteligência que está por trás de tudo isso. Mudei de pensar ao ler todinha a RS de 15-3-58, que mostra, na realidade, o que existe de fato nos setores de humor, seriedade e política. Há algumas reportagens (digamos) deslocadas mas quanto ao resto acredito que a RS mantenha a ótima impressão que me causou".

Meri Moura, DF

FUTEBOL

"... e a Copa do Mundo, nenhuma reportagem?"

Jorge Silva, DF

§ Só leu Stabile?

Editor

ESPAÇO

"Gostei da última reportagem sobre "Espaço". Quem é o autor?"

Maria da Conceição, Vitória
& Cônego O'Grady, nosso Editor Astronáutico.

Editor

LUIZÃO

"Vocês acertaram mas a reportagem não falava nada sobre a luta.

Alberto Moreira, DF

POLITO

"Hélio Polito em Punta del Este, Hélio Polito entrevista Frondizi, Hélio Polito faz isso, Hélio Polito faz aquilo. Vocês não acham que estão fazendo dêsse rapaz uma figurinha das "Balas Chiquinho?"

Martha Cozzi, Recife

ZOTAKA NO ZAPON

"Irreverente".

Eurico Brito, Santos

"Fêz sucesso na repartição onde trabalho".

Felício Azevedo, DF

"Palabens pla Levista da Semana, no?"

Alfonsus Hattal, B. Horizonte

...e o Coelho encantado atendeu ao seu pedido



Record 3132

Mais do que as fadas e os "gênios", as mães entendem a linguagem das crianças. Sua tranquilidade pede o Talco Eucalol. Mais fino e mais balsâmico, o Talco Eucalol evita as assaduras, brotoejas e irritações da pele do bebê... e também da mãe!

TALCO Eucalol
Produto de qualidade myrta



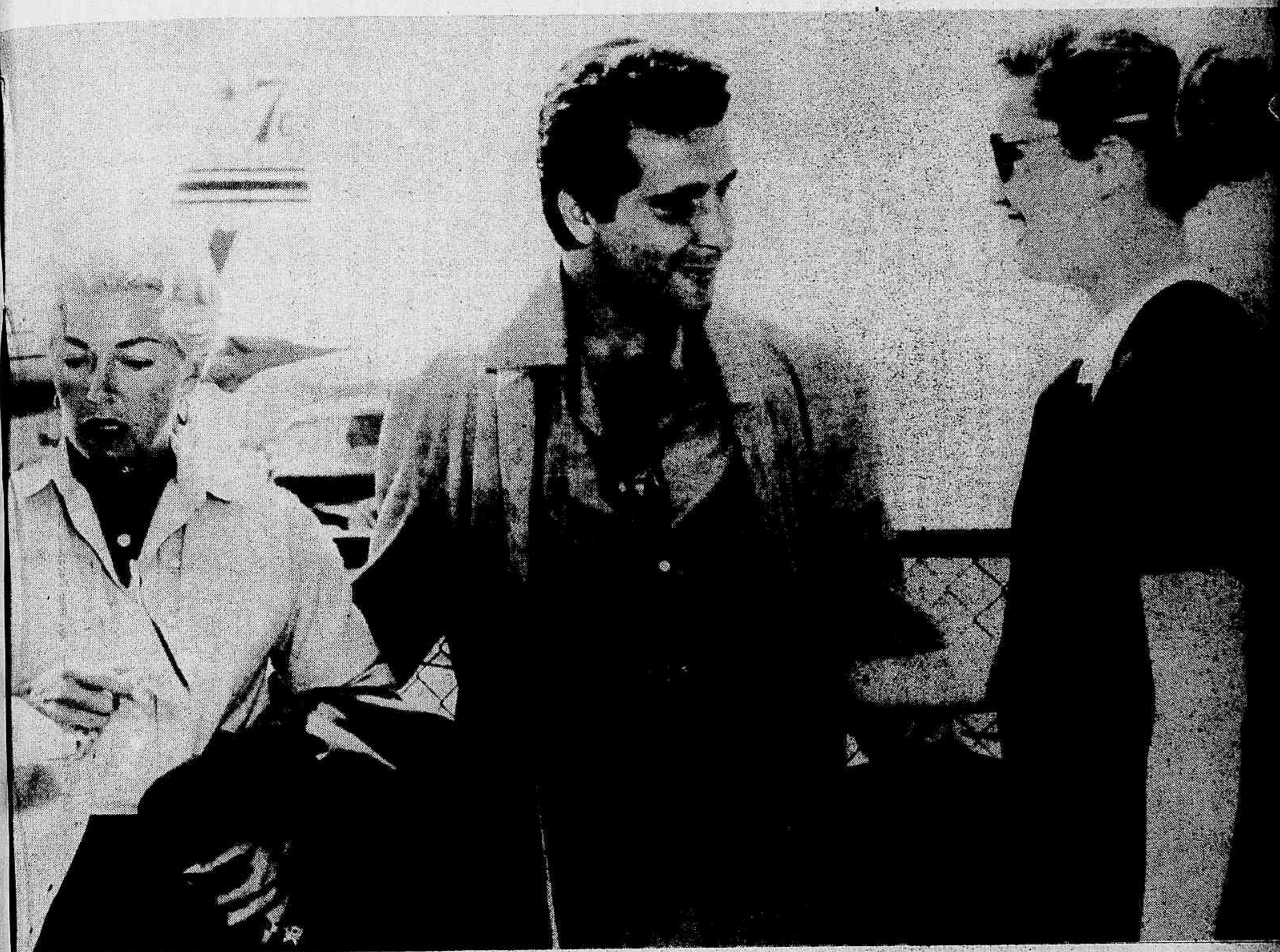
ASSASSINADO



**Cheryl no photo: ela seria
apimada por Johnny.**

CHERYL PODE TER ASSASSINADO POR AMOR

O irmão do gangster diz que ele foi morto dormindo



Uma das últimas fotos de Johnny Stompanato feita no Aeroporto de Nova Iorque entre Lana Turner e Cheryl Crane.

"SOU TUA MULHER e tenho necessidade de ser amada por ti" é um dos trechos de românticas cartas enviadas por Lana Turner (da Europa) para Johnny Stompanato, reafirmando seu amor ao "gangster" assassinado pela filha da artista.

O que mais se comenta em Hollywood, depois de várias contradições em depoimentos prestados por testemunhas sobre o caso Lana-Stompanato-Cheryl, é que "Lana Turner, depois desse assassinato, está definitivamente riscada do cinema".

"Lana is out", dizem produtores, diretores e artistas de Hollywood.

Mas o que os advogados de Lana mais temem: que alguém revele (ou que ela própria o faça) que Cheryl Crane, a filha de Lana, era apaixonada por Johnny Stompanato e, com ciúmes, o matou.

Outros dizem que Cheryl não simpatizava com Johnny por imaginar que sua mãe o temia mais do que o amava.

O irmão de Johnny, Carmine Stompanato, disse em Chicago que "está convencido de que seu irmão estava dormindo quando a menina Cheryl lhe enterrou a faca de cozinha na barriga".

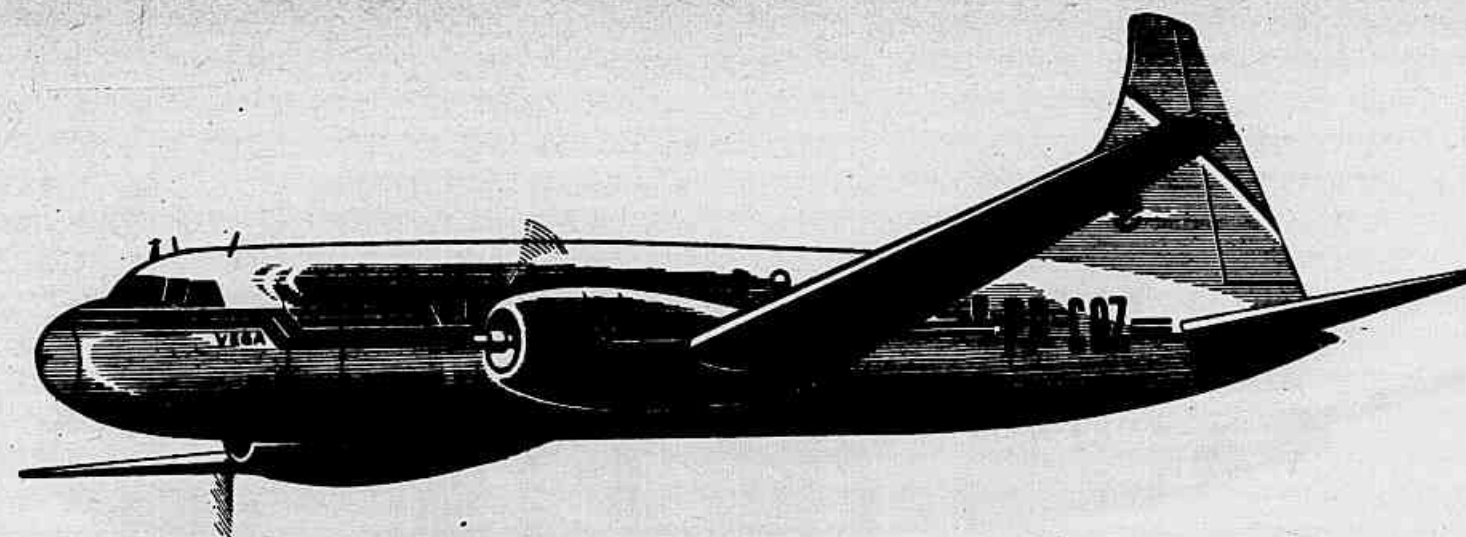
Em Woodstock, cidade em que Johnny nasceu, o seu corpo foi exposto em câmara ardente, calculando-se em cerca de 1.000 o número de pessoas que desfilaram diante do esquife, levando centenas de coroas de flores.

A sra. Verena Stompanato, madrastra de Johnny, disse que "meu filho amava Lana Turner e queria casar-se com ela".

E o irmão de Johnny, falando à imprensa americana, pediu que Lana Turner fôsse submetida ao aparelho detetor de mentiras para confirmar sua suspeita de que "Johnny foi apunhalado enquanto dormia".

com alguns cruzeiros por mês
faça o seu cruzeiro aéreo inesquecível
pela Cruzeiro do Sul

voando pelo



'CRUZEIRO A PRAZO'



O sistema ideal de crédito que facilita a sua viagem de férias ou negócios. Realize o seu grande desejo, voando para o norte ou para o sul, para leste ou para oeste, pagando suavemente, em prestações mensais pelo plano "CRUZEIRO A PRAZO".

Venha fazer conosco "um roteiro feliz de boas viagens", escolhendo os vôos e as

idades de s/ preferência e os nossos aviões, modernos e confortáveis tornarão realidade inesquecível o seu sonho de ontem.

Faça a viagem mais feliz da sua vida, escolhendo o conforto, a rapidez, a cortezia e a pontualidade como seus companheiros de boa viagem. Prefira os



nossos aviões como ciclerones perfeitos da sua excursão de férias ou turismo e de prazer nos seus negócios.

Utilize o "CRUZEIRO A PRAZO" o sistema de "crédito confortável e amigo" que o ajudará a viajar muito, pagando aos poucos.



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL

Av. Rio Branco, 128 - Tel.: 42-6060 — Av. Nilo Peçanha, 26-A - Tels.: 32-7000 e 42-6060 - R. 206

Av. Rio Branco, 128 - Tel.: 42 6060 - AV. Nilo Peçanha, 204 - Tel.: 02 7000



Departamento Especializado



Vamos passear na praia enquanto Titina não vem.

Disque 01 para TITINA



T

por

Titina: Edição internacional (de luxo) do D. E.



porque quando Titina chegar, mentirosos, eu vi



ninguém consegue mais passear.

01

- Alô ?
- Interurbano ?
- Pronto, pode falar...
- Eu queria uma ligação para Montevideu.
- Número, por favor ?
- Não sei. É para a Cia. Telefônica de lá.
- Ah, bem. Quer falar com quem ?
- Titina Aguirre, secretária da Companhia.
- Pois não. Queira aguardar no aparelho.

.....

- Alô, Interurbano...
- Pronto.
- Perguntam na Cia. Telefônica de Montevideu se a srta. Titina que o senhor procura é uma morena muito bonita, de olhos claros, que

gosta de passear na praia com um biquíni inédito...

- É essa mesmo.
- Quem vai falar com ela ?
- Do Departamento Especializado da REVISTA DA SEMANA. Ela já sabe do que se trata, pois faz parte do Departamento.
- Um momento, senhor. Vamos completar a ligação.
- Alô ? É do Departamento Especializado ?
- Isto mesmo. É Titina ?
- Não, senhor. É uma coleguinha dela.
- Como vai Titina ? Nós queremos que você...
- Alô, D.E., não é a Titina que está falando. Eu sou loura, olhos verdes, clara...
- Como, Titina ? Vamos ao assunto, que é importante...
- Já lhe disse que não sou Titina, o sr. está ouvindo mal. Eu tenho também corpo bonito, mas não é tão bonito para usar biquíni, pero...



Só a máquina de Hélio Polito funcionou: as outras ficaram nervosas.

Titina Aguirre, D.E. da cabeça aos pés.



A

a Ti

não

ela

tenh

nom

telef

e pa

linh

vont

rita

T

mon

Mon

da

pos

G

vid

peq

de

RS

Pur

per

por

me

dél

T

Br

bor

dep

e

der

tra

mo

pe

o

na

çã

po

ga

o

te

fi

or

"T

se

co

A garôta da capa

— Ah, a srta. não usa biquíni? Então não é a Titina?

— Não, senhor. Sou a coleguinha dela. Titina não trabalha hoje. É dia de sol e ela foi à praia.

— Com aquele biquininho?

— Muito natural, senhor. Como queria que ela fôsse? Eu é que não tenho essa sorte, não tenho...

— Muito bem, senhorita. O D.E. pede, em nome dos brasileiros, que ela aguarde um novo telefonema. É assunto importantíssimo para ela e para os brasileiros.

— Pois não. Agora entendi. O diabo dessa linha...

— Não tem importância.

— Tem sim. Porque agora eu fiquei com tanta vontade de ser Titina...

— O DE ainda voltará a Montevideú, senhorita.

— Obrigado...

— Até logo, senhorita.

TITINA AGUIRRE tem 24 anos de idade, é morena de olhos castanhos claros, natural de Montevideú, Uruguai, sua profissão é secretária da Companhia Telefônica do Uruguai e, às vezes, posa como modelo.

Gosta muito de andar nas praias de Montevideú com um biquíni tão pequenininho, mas tão pequenininho que até preocupou o chefe da seção de fotografia do Departamento Especializado da RS. E muitos fotógrafos, que se encontravam em Punta del Este para fazer o Festival de Cinema, perderam a oportunidade de fotografar Titina porque suas máquinas não funcionaram no momento preciso por causa de distúrbios nos nervos deles.

Titina já viajou muito, mas só conhece do Brasil o aeroporto do Galeão, que acha muito bonito. Uma vez ela conheceu um brasileiro deputado, que estava de férias em Montevideú, e disse que tinha vontade de ver o Cristo Redentor de perto. O deputado disse que para trazê-la ao Brasil tinha de fazer uma emenda modificando a Constituição. Ela não entendeu.

— Modificar a Constituição de seu país?

— Sim. É inevitável.

— Por quê?

— Sou representante do povo e tenho de lutar pelos seus interesses. Você chegando lá no Brasil o povo brasileiro fará certamente essa exigência.

— Modificar como? Não estou entendendo nada...

— É assim, Titina: o artigo 1.º da Constituição do meu país diz que "Todo poder emana do povo e em nome dele será exercido". Você chegando no Brasil tornará isso muito antiquado, o espírito constitucional será outro. Aí então eu terei de apresentar uma emenda assim: "Modifique-se o artigo 1.º da Constituição vigente e onde se lê "Todo poder emana do povo", leia-se: "Todo poder emana de Titina e em nome dela será exercido. Revogam-se as disposições em contrário".





Só as meninas podem dar flores a Margaret, impunemente. Os homens têm dois dias no ano.

É DIFÍCIL SER ROMÂNTICO COM A PRINCESA MARGARET

"Meg" não pode receber flôres - I

O TELEFONE TOCA no apartamento de um bem-nascido e jovem solteiro, em Londres. Uma voz de mulher diz:

"A princesa Margaret irá ao teatro e dará um "supper party" amanhã à noite. Ela espera que o senhor esteja pronto para vir".

A voz é da dama-da-princesa, e o jovem imediatamente responde que irá, com todo o prazer, obrigado.

Se ele já tem qualquer outro encontro marcado para aquela noite, simplesmente deve cancelá-lo. Só uma morte na família ou qualquer outra calamidade tão grave poderá desculpá-lo de obedecer aquilo que não parece mas é uma "ordem real".

As 6.30 horas ele toca a campainha na porta particular de Clarence House, a simpática e branca mansão dentro do St. James's Palace, a residência oficial da rainha Elizabeth, da rainha-mãe e da princesa Margaret. Um mordomo o introduz, levando-o imediatamente à "suíte" da princesa, decorada em tons rosa (sua cor favorita), com móveis mahogany e muitas jarras de flores. A dama-da-princesa está à sua espera para levá-lo até à sala-de-visitas. Pelo menos dois de seus amigos estarão lá também, porque a princesa Margaret nunca sai sôzinha com um homem.

Então, à hora marcada, Margaret entra. Todos se levantam. O homem faz uma reverência respeitosa, segurando a mão que ela oferece pela ponta dos dedos. Se ele for um dos íntimos, ela se dirigirá a ele pelo seu nome de batismo, mas, mesmo assim, ele deverá se dirigir a ela tratando-a por "Ma'am".

Esta é uma festinha particular, querendo significar apenas que não está mencionada na Circular da Côrte publicada todos os dias em Buckingham Palace. Mas a etiqueta continua sendo exigida, da mesma forma.

Um mordomo serve sherry e canapés e mesmo sendo a princesa a "hostess", tudo deve ser oferecido a ela em primeiro lugar. O homem não pode se sentar a não ser que ela o faça; não pode fumar enquanto ela não põe na sua longa piteira de prata um cigarro americano; não deve falar sem que ela fale primeiro e deve deixar que ela decida qual a hora mais conveniente para saírem em direção ao teatro que ela escolheu.

Eles saem para o teatro no "Rolls-Royce" prêto da princesa, e no carro vai também um detetive da Scotland Yard. Este detetive estará no teatro, sentado atrás da princesa, e se eles forem a um restaurante, a mesa ao lado será sua; dure quanto tempo durar o jantar ou a festa ele mal poderá piscar.

O acompanhante da princesa leva uma vantagem sobre o detetive: pode dançar com ela. Mas não pode convidá-la para dançar. Deve esperar até que ela diga: "Eu gostaria de ter o prazer".

Terminada a festa, novamente no "Rolls-Royce", voltam todos a Clarence House. Aí, um formal "good-night" da princesa dá por encerrada a noite.

Tudo isto é parte de um bem elaborado sistema de etiqueta da Côrte, que aprisiona a irmã mais moça da rainha Elizabeth.

Margaret tem uma atração excepcional, é pequena e esguia, com uma pele já descrita como creme de pétalas de magnólia. Seus cabelos são castanhos e os olhos são grandes e de um azul violeta. Ela se veste com muita elegância, conversa inteligentemente e tem um grande senso de humor. Não faz nenhum segredo do fato de preferir companhias masculinas e gosta mesmo de ser requestada e admirada.

Mas ela tem também um handicap muito grande: ser princesa. E isto, para o sexo oposto, representa um obstáculo muito grande. Um dos muitos apontados como seu romance (e que hoje está casado, pai de filhos, feliz) diz que "ela é uma ótima moça, mas é muito difícil para qualquer homem tornar-se romântico cercado de tanta gente, tanto protocolo e até por um detetive. Não se tem mais do que um minuto a sós com Margaret, quando se dança; mas mesmo então,

o detetive estará olhando e todos os olhos da imprensa estarão voltados para a gente".

É verdade. Qualquer pessoa pode levar qualquer moça para um cantinho mas ninguém poderá pensar em ao menos fazer isso com Margaret. Como dizer palavras doces se todos os ouvidos estão em pé. Não se pode nem mandar flores para ela, porque a etiqueta marca duas datas por ano para isso: no seu aniversário e no Natal. Pode-se escrever um bilhete para ela, mas em cem, noventa e nove — com toda certeza — serão lidos pela secretária (oficial) de Margaret, que não deve responder. Ela não pode — ao menos convidá-la para estudar, a sós, na Biblioteca. E aulas particulares são "totalmente desaconselhadas" pela Côrte.

Margaret gosta de ser admirada e requestada.





Peter Townsend de novo no salão

NO CASO Peter Townsend, Margaret desrespeitou algumas das severas regras de etiqueta. Mesmo assim, eles nunca tiveram "momentos seus". Estavam sempre acompanhados. Encerrado oficialmente o romance, Peter saiu em sua viagem pelo mundo mas eles continuaram a se corresponder. Agora, quando ele voltou a Londres, esteve em Clarence House. Mas as informações são contraditórias; uns dizem que Margaret vai finalmente "romper a barreira", enquanto outros garantem que Townsend já está submetido pela etiqueta.

A MAIORIA dos jornais e dos ingleses de Londres acha que a princesa Margaret e o coronel Peter Townsend repetirão muitas vezes o encontro de Clarence House, apesar da oposição da rainha Elizabeth, porque eles se gostam e a princesa já disse que está "resolvida a não renunciar à amizade do antigo namorado, em cuja companhia se tornou moça".

A princesa e o coronel encontraram-se pela primeira vez (30-3-58) depois que Peter Townsend viajou de "jeep" pelo mundo e disse a amigos que "o Rio de Janeiro é um ótimo lugar para se passar uma lua-de-mel" (RS 52, 1957).

A rainha Elizabeth não gostou do encontro de Clarence House e lembrou à princesa sua declaração assinada em outubro de 1955, quando afirmou que se renunciasse aos seus direitos de sucessão ao trono poderia casar mas que, respeitando os ensinamentos da Igreja, de que o matrimônio cristão é indissolúvel, e consciente de seu dever com a comunidade britânica, colocava essas considerações acima de quaisquer outras, decidindo não se casar com o coronel Townsend.

Amigos do coronel dizem que "ele ainda tem esperança de que sejam removidas as enormes dificuldades criadas em seu idílio, também por causa de sua condição de divorciado".

O coronel Townsend, que partiu para Bruxelas depois do encontro de Clarence House e disse que "viajava em férias", diz a amigos que "o assunto de seu romance é muito delicado para ser tratado publicamente".

A visita de Townsend a Margaret, anunciada como de "simples cortesia", foi combinada por telefone pouco depois da volta do coronel a Bruxelas. Mas sabe-se que durante toda a viagem de Townsend pelo mundo ele se correspondeu com Margaret, por cartas, telefone e até por rádio.

Margaret achou Townsend "muito amorenado por causa da viagem" e Townsend comentou depois com amigos: "Ela me achou amorenado e eu a achei com mais personalidade, um pouquinho mais séria".

Depois do encontro em Clarence House, quando Townsend partiu para Bruxelas, Margaret dançou "rock'n'roll" até às 4,30 horas da madrugada no cassino dos oficiais dos "hussards" de Munster.

O nome da rainha-mãe tem sido muito explorado pela imprensa de Londres, porque ela consentiu no encontro Margaret-Townsend e esteve presente à conversa dos dois num dos salões de Clarence House.

Por isso os jornais de Londres disseram que "a presença da rainha-mãe dá a entender que o encontro Margaret-Townsend não se tratou mais de um romance, pois ela não daria seu consentimento a um encontro dessa natureza na ausência da rainha, que se encontrava em visita oficial na Holanda".

O "Daily Express" salienta que "a princesa tem idade bastante e também discernimento para saber conduzir-se". Diz o matutino que "não há nenhum mal em que a princesa receba seus amigos em casa e Townsend hoje não é mais do que isso: um amigo cuja presença e conversa ela aprecia e da qual não é justo seja privada".

O único jornal que nada informou sobre o encontro foi o "Times", que só documentou o fato com fotografias.

A princesa Margaret tem saído muito, depois do encontro com o coronel: foi a "ballets", passou fins-de-semana na casa de campo do casal Wills, onde já estivera várias vezes com o coronel e tem comparecido com frequência ao "atelier".



Peter: "o assunto é muito delicado para ser tratado em público".

do seu figurinista, Victor Stiebel, para provar vestidos na nova linha de saias mais curtas.

A princesa Margaret também concordou (e já encomendou muitos) com a nova moda lançada por Victor Stiebel: vestidos-casacos, feitos para as temporadas de inverno e de verão. São vestidos de rigor que podem ser usados com um casaco curto no inverno e sem o abrigo no verão.

A última ajuda moral à princesa Margaret para que ela "recupere a alegria de viver e a felicidade" partiu do presidente da Associação dos Patriotas Escoceses.

Numa reunião pública organizada pela Associação, o presidente Wendy Wood declarou que a princesa, "nascida na Escócia, deveria se tornar na rainha da Escócia, independente do problema que poderia ser criado: a Escócia separar-se da Inglaterra".

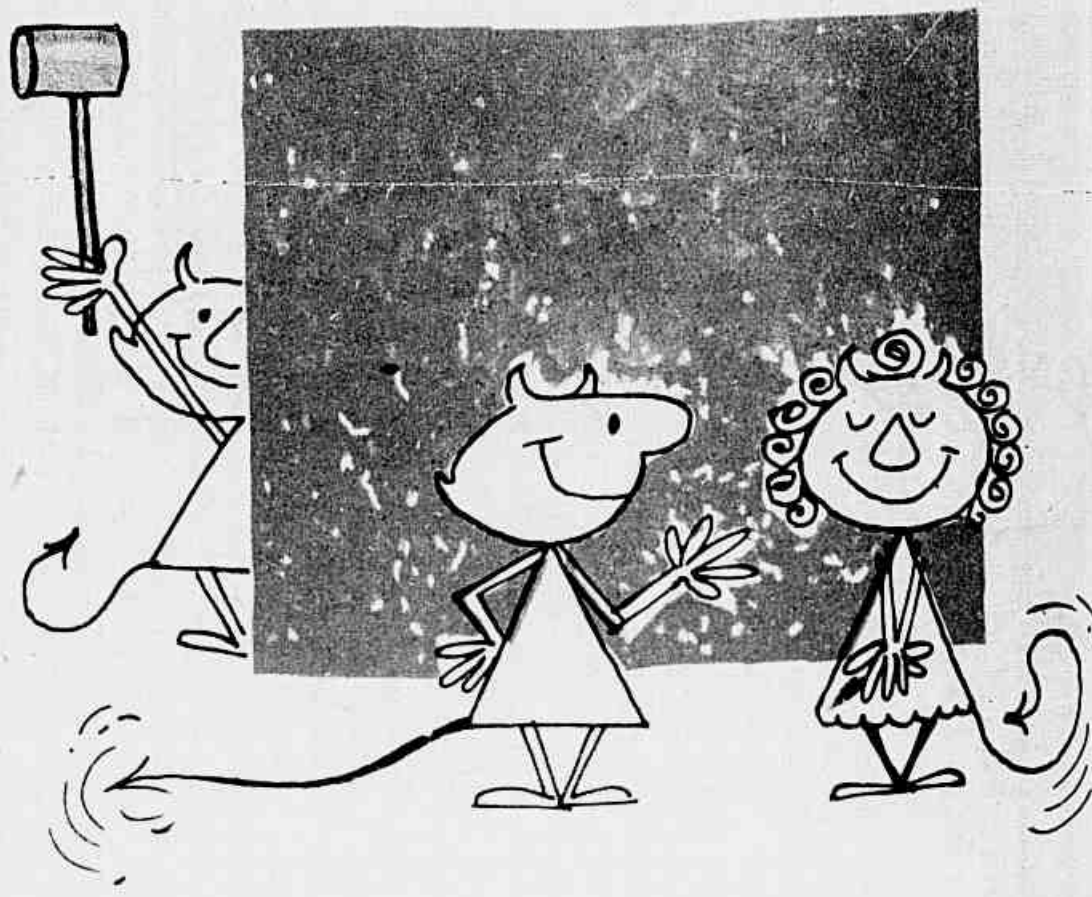
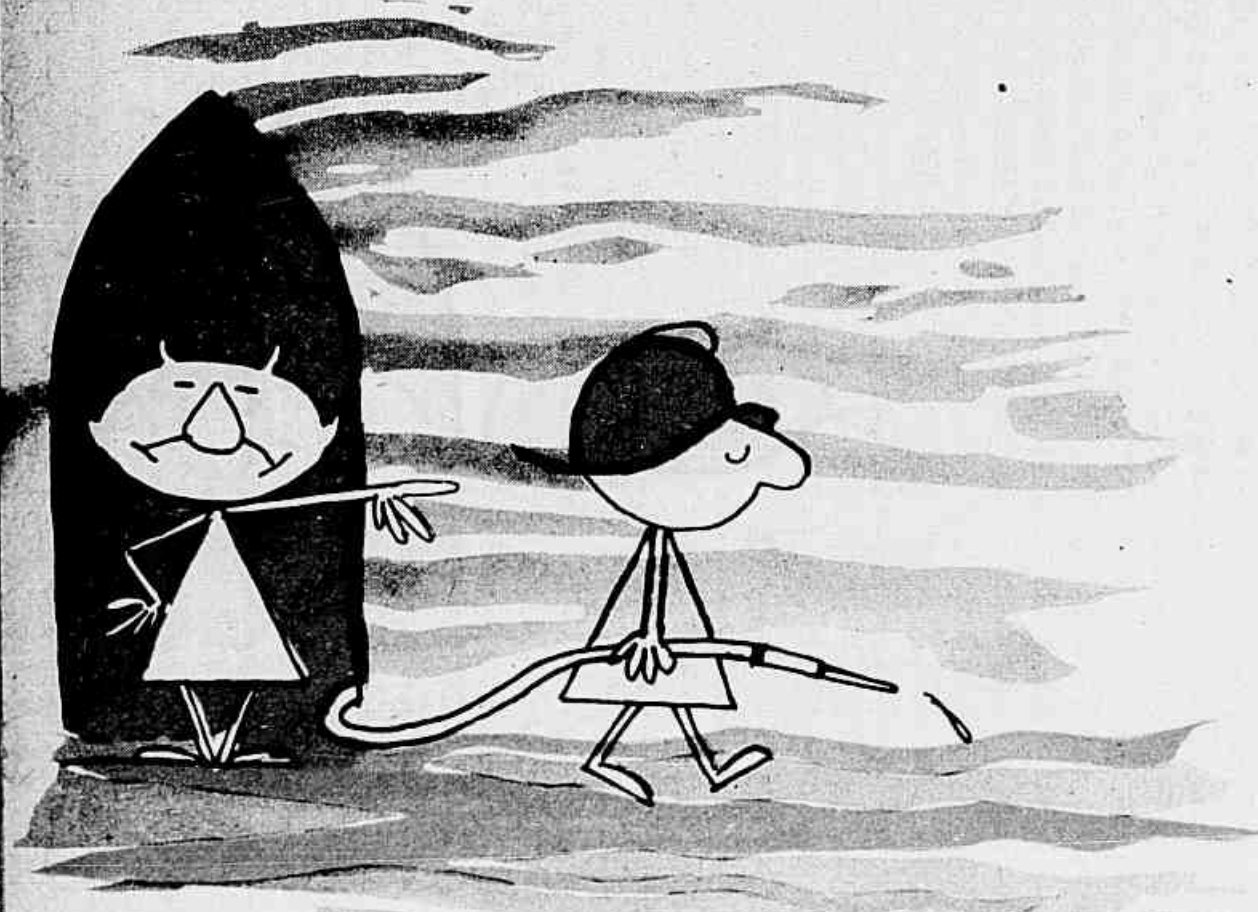
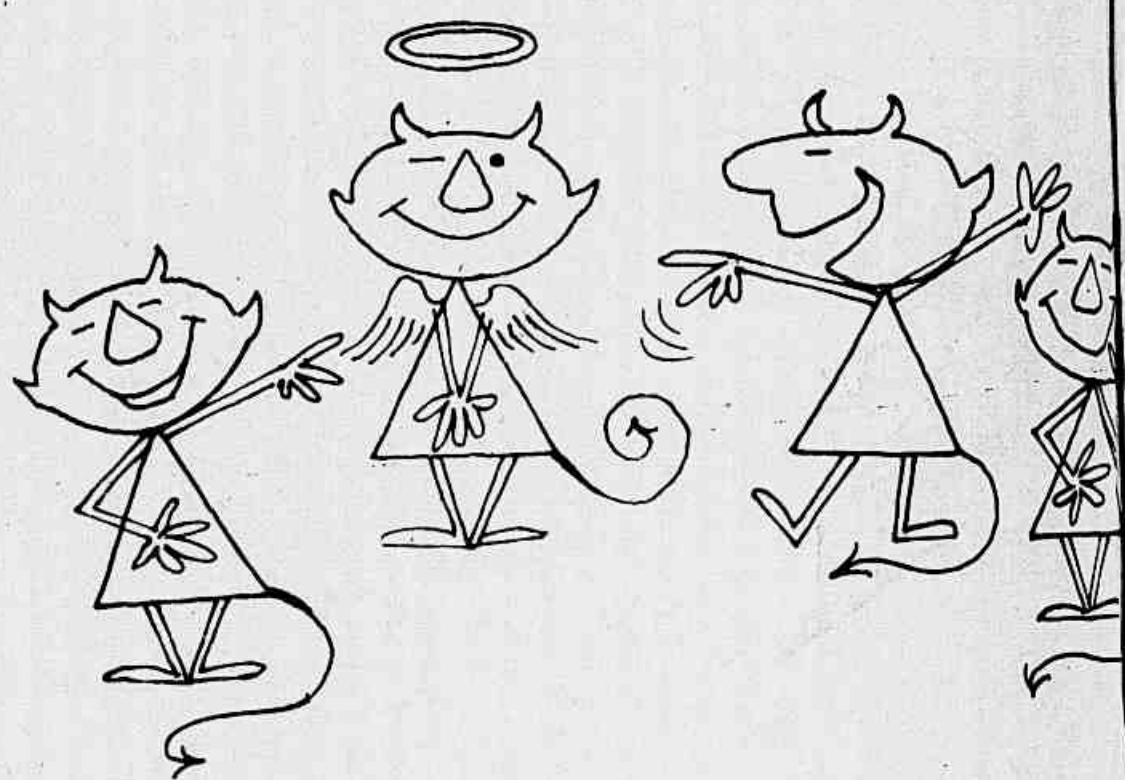
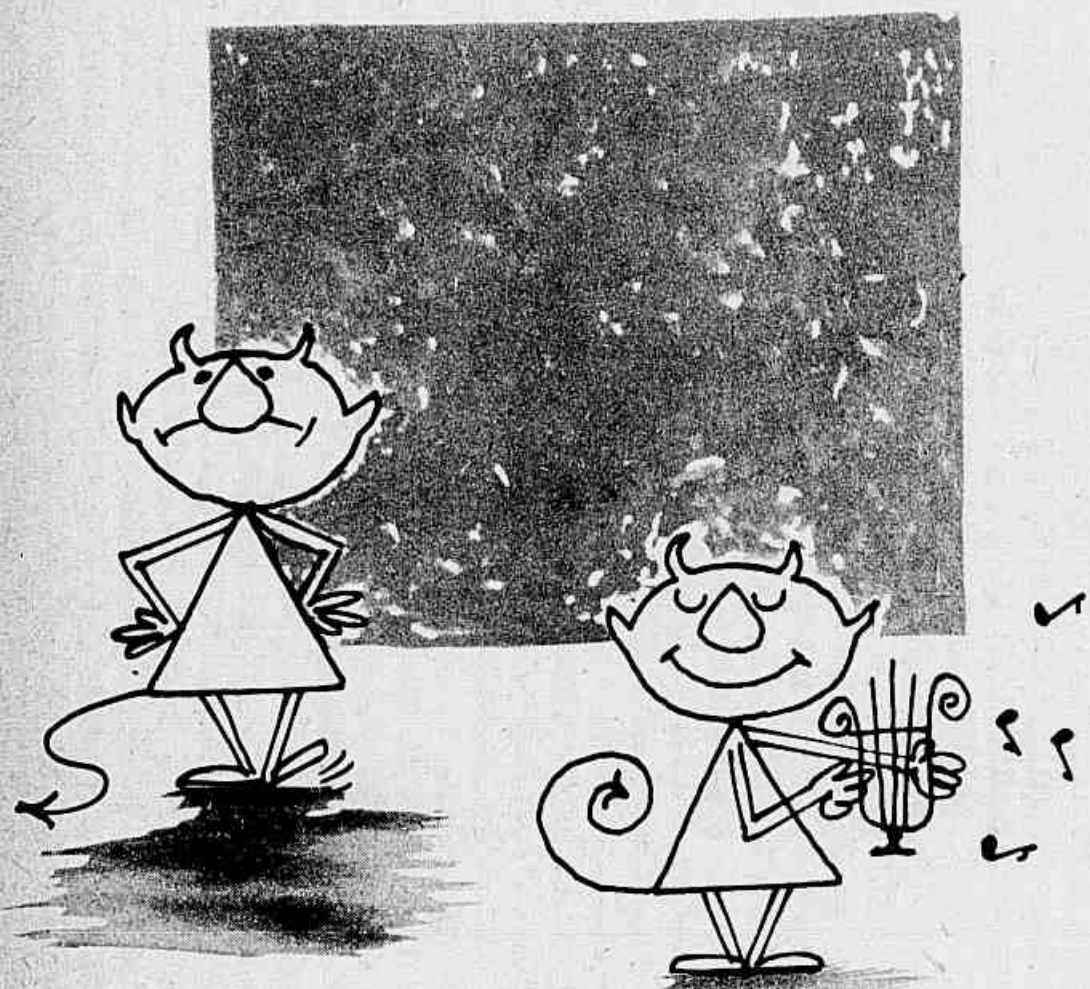
A princesa Margaret foi consultada a respeito, mas sua resposta foi só um sorriso.



Victor Stiebel é um consólo.



no inferno...



Abril.
Luís.

A última novidade em matéria de bebida vem de Londres. Dizem até que esta é a favorita da princesa Margaret. Chama-se "Uísque Lord".

Receita: num copo grande, uma dose de uísque, duas pedras de gelo e uma dose de "água de Lord".

Só um círculo muito pequeno tem o segredo da "água de Lord", que não é encontrada (com esse nome) em qualquer catálogo de bebidas.

Quando eu provei o "Uísque Lord" reconheci — imediatamente — a agüinha misteriosa. Confesso que fiquei surpreso, ao mesmo tempo que com inveja do descobridor da fórmula. Perguntei a uma lady minha amiga:

— Mas água de Lord é uísque puro?

E ela, muito britânicamente, respondeu:

— Meu caro; que outra coisa é mais digna de ser água de Lord que o uísque?

OS "GROGS" não são propriamente uma novidade, mas depois de uma época desaparecidos voltaram ao cartaz. Como você sabe, Luís, o "grog" é uma bebida que tem três partes de água fervendo para uma de "núcleo". Deve ser preparada em bules e servida em copos especiais ou nas xícaras. (Eu aconselharia os copos especiais e uma noite fria.)

Aqui vão alguns "núcleos":

MONSIEUR LE PIRATE — Meia colher de açúcar, uma de rum Jamaica (de preferência), meia de conhaque, uma rodela de limão (com casca) e dois cravos. Misture.

DUQUE DE CHARTREUSE — Um cálice de licor de Chartreuse, um de conhaque, meio de anizete e um e meio de vermute (italiano) seco; uma fatia de limão cortada em gomos; açúcar à vontade. Misture.

CARNAVAL DU BRÉZIL — Três colheres de açúcar cristal, dois cálices de cachaça fina, um cálice de xarope de laranja, um pedacinho de canela em pau e outro de casca de limão. Misture.

GROG DU RENO — Um cálice de licor de limão, um cálice de kirsh, meio de marraschino, um de conhaque, três de vinho do Reno, seis tablets de açúcar. Misture.

GROG RUSSE — Um cálice de vodka, oito de kummel, uma colher de canela; rodela fina de limão e açúcar à vontade. Misture.

GROG ANGLAISE — Meia colher de açúcar, uma de uísque, uma (de chá) de Curaçao, um salpico de Orange Bitters e uma rodela de limão. Misture.

Preparado o núcleo, num bule, acrescente água fervendo e abafe. Sirva, três minutos depois.

Boa-noite.

P.N.

Luís, Diário de um Gastrônomo



A ÁGUA DOS LORDES E OS GROGUES



A
B
C
D
E
F
G

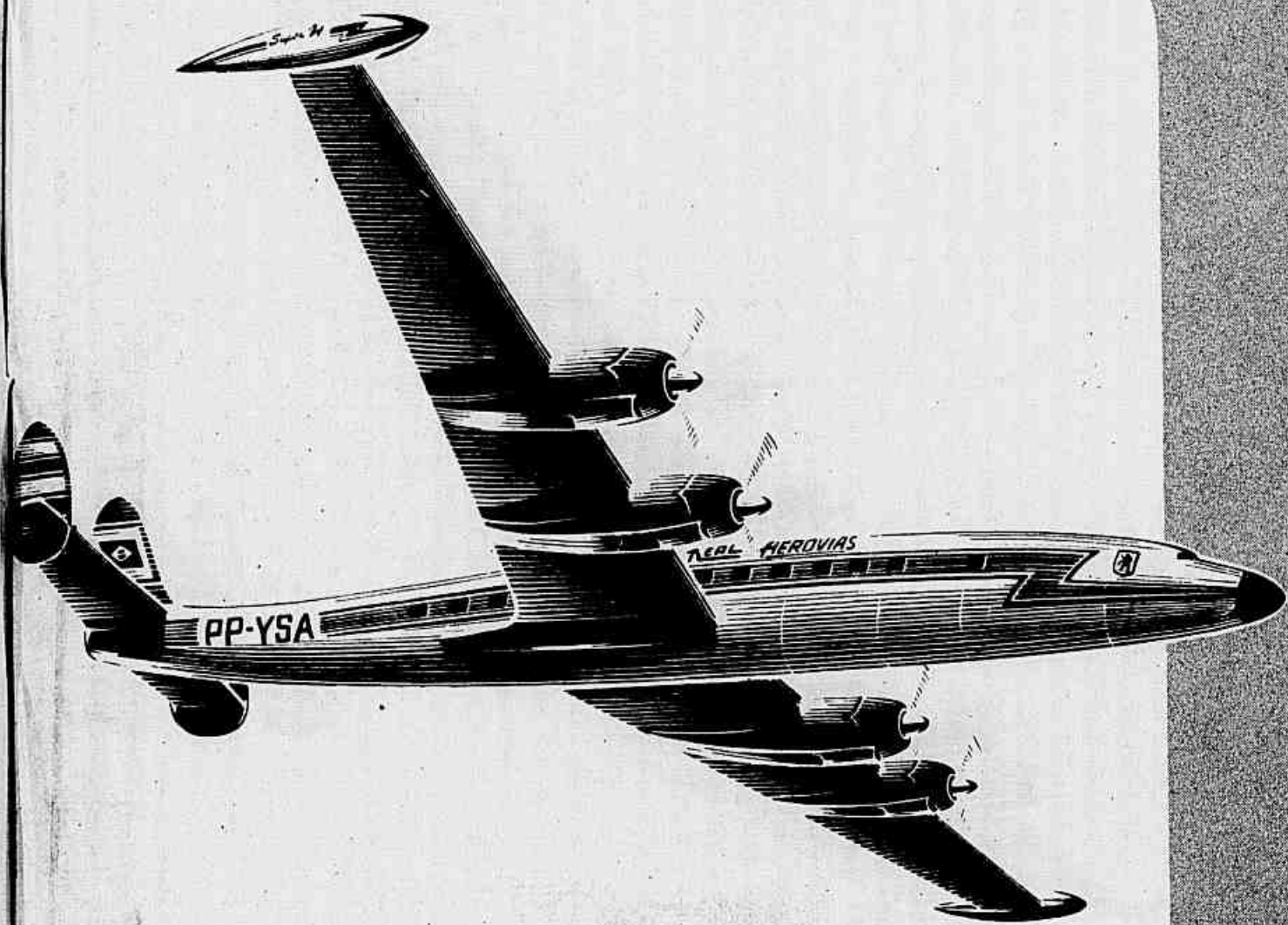
e agora o...

SUPER

Constellation

- A última concepção da Lockheed em aviões com motores a pistão!
- Mais de 500 km. por hora!
- Autonomia de vôo para 17 hs. ou 8.800 km. sem escalas!
- 4 poderosos motores, desenvolvendo 13.600 HP!
- Guiado pelo radar, que escolhe no céu a rota mais tranqüila!

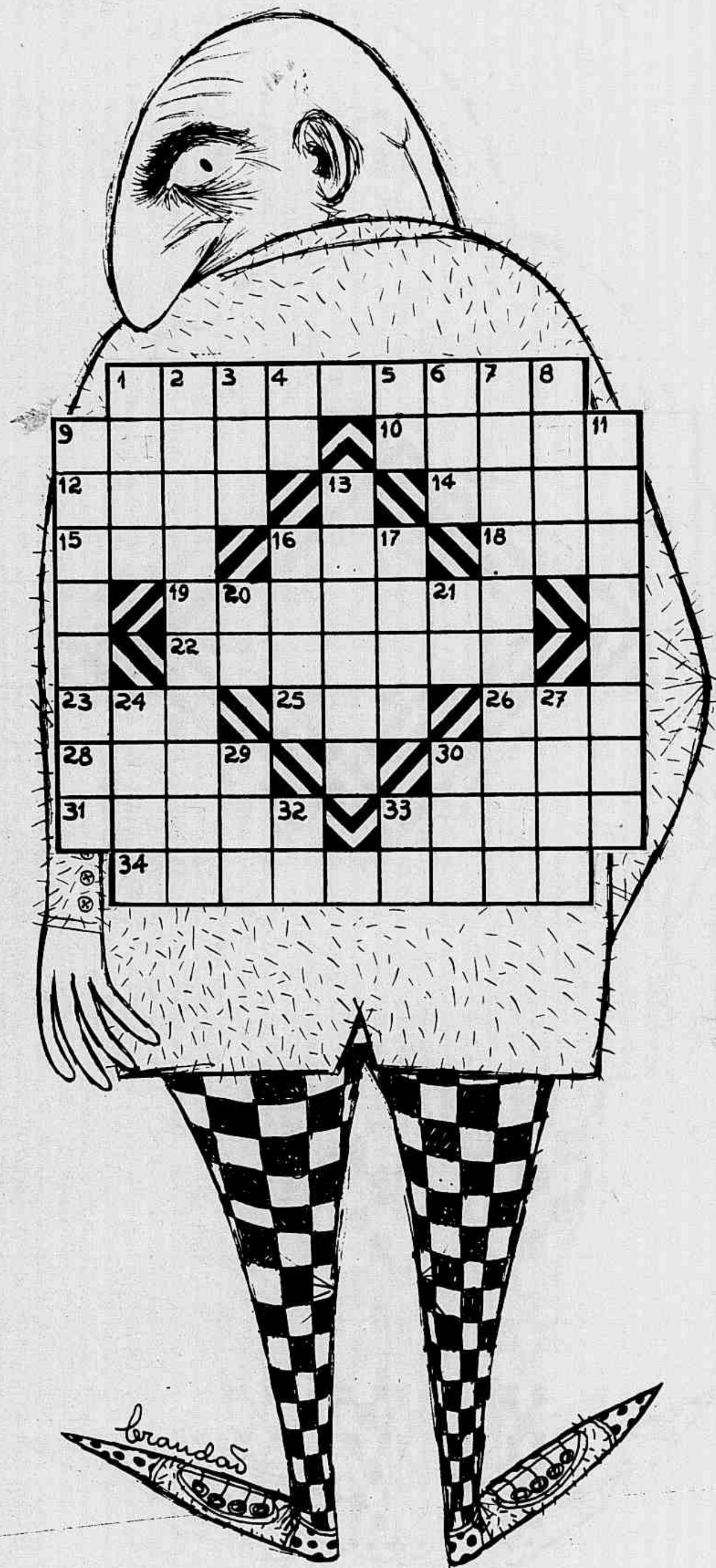
Nun
cor
seu
se
é g
sua
ger
viv
no
Cor
bo
da



Num ambiente de luxo, com ar condicionado e música suave a bordo, seu vôo no Super-H Constellation será excepcionalmente sereno, porque é guiado pelo radar. Reclinado em sua poltrona confortável e atendido por gentís aeromoças brasileiras, você viverá um sonho de mil-e-uma-noites no vôo "Scheherazade" da Real! Conforto inexcelável o espera a bordo do mais avançado avião comercial da hora presente —

o Super-H Constellation.

REAL



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N. 28

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: meari — aspar — mir — mal — iansã — ala — lhe — Apt — mesopotamia — ata — ero — odo — usara — som — môr — atora — sisa.

VERTICAIS: mari — es — apenhorados — ra — irmã — muletas — lapidar — alpes — setor — ama — asa — amo — tao — umas — amar — ti — Ra.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: amara — América — lis — or — Co — eis — mar — cá — lá — mas — raivoso — miara.

VERTICAIS: AM — mel — ária — ris — A.C. — adoecer — adorado — ria — cal — dava — MII — sor — am — Sa.

PROBLEMA N. 29

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Petre do Brasil — 2. Cincostulideca (pl.) — 3. Canadas — 4. 10. Raspar — 12. Grossa calçada — 14. Peça côncava de metal em que se encaixam as pontas de ferro — 15. Lã — 16. mo de reação à reação — 17. Ponto — 18. Nome de um país — 19. 22. Repetir — 23. Redonda, para — 24. final de um curso — 25. Salto — 26. primeira ação demorada — 27. Ponto — 28. moeda contra os índios — 29. Gato — 30. Senegal — 31. Cidade do Brasil — 32. Dancas — 33. Dança a quatro — 34. Veleiro.

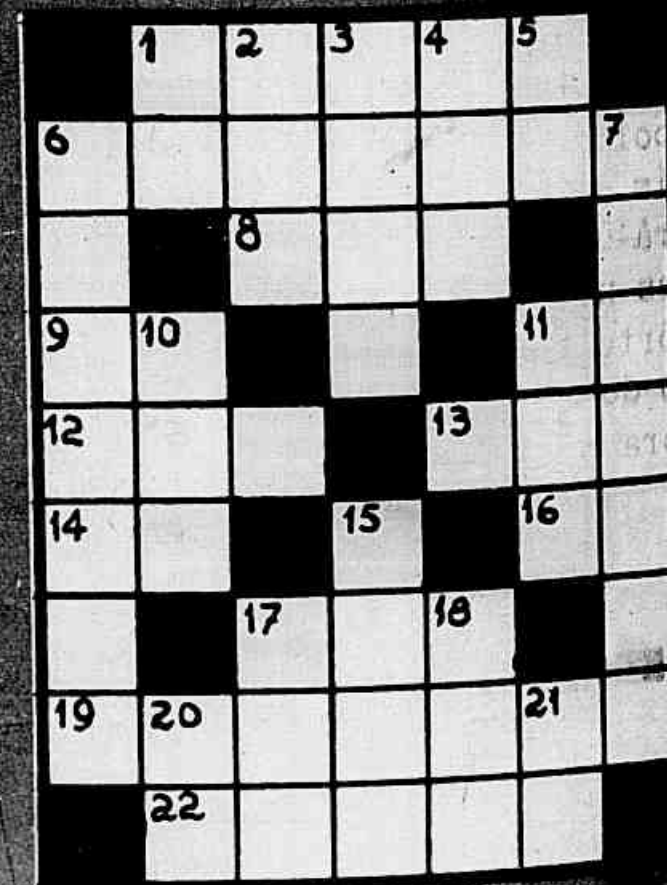
VERTICAIS: — 1. Adego — 2. Ponto — 3. Filha de Maria — 4. Arco — 5. Desobediência verbal — 6. Ponto — 7. curvatura pelas pernas — 8. Canto — 9. Arque — 11. Uma calçada — 12. Ponto — 13. Ponto — 14. Ponto — 15. Ponto — 16. Ponto — 17. Ponto — 18. Ponto — 19. Ponto — 20. Ponto — 21. Ponto — 22. Ponto — 23. Ponto — 24. Ponto — 25. Ponto — 26. Ponto — 27. Ponto — 28. Ponto — 29. Ponto — 30. Ponto — 31. Ponto — 32. Ponto — 33. Ponto — 34. Ponto.

PROBLEMA N. 30

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. São João — 2. São João — 3. São João — 4. São João — 5. São João — 6. São João — 7. São João — 8. São João — 9. São João — 10. São João — 11. São João — 12. São João — 13. São João — 14. São João — 15. São João — 16. São João — 17. São João — 18. São João — 19. São João — 20. São João — 21. São João — 22. São João — 23. São João — 24. São João — 25. São João — 26. São João — 27. São João — 28. São João — 29. São João — 30. São João — 31. São João — 32. São João — 33. São João — 34. São João.

VERTICAIS: — 1. São João — 2. São João — 3. São João — 4. São João — 5. São João — 6. São João — 7. São João — 8. São João — 9. São João — 10. São João — 11. São João — 12. São João — 13. São João — 14. São João — 15. São João — 16. São João — 17. São João — 18. São João — 19. São João — 20. São João — 21. São João — 22. São João — 23. São João — 24. São João — 25. São João — 26. São João — 27. São João — 28. São João — 29. São João — 30. São João — 31. São João — 32. São João — 33. São João — 34. São João.





Memórias do que eu vi e senti — X

ENTREVISTA PÓSTUMA DE JÚLIO PRESTES

Rafael Corrêa de Oliveira

— “Se eu tivesse, hoje, Getúlio e Washington sob a mira do meu fuzil, não sei em qual dos dois atiraria primeiro”. Isto me disse o sr. Júlio Prestes, na sua residência de exílio, em Lisboa, no mês de novembro de 1932.

Eu fôra de Londres a Portugal a fim de fazer uma tomada de contas num consulado próximo ao Pôrto, e ficara vários dias em Lisboa para avistar-me com alguns amigos emigrados da revolução paulista. Encontrei-os desentendidos e decepcionados. Faltava-lhes a solidariedade dos que tinham ficado no Brasil. Os recursos financeiros eram escassos e a ditadura dificultava a remessa de fundos. Anunciara-se a viagem de um emissário, que viajando do Uruguai receberia em Santos uma certa quantia destinada aos emigrados de Lisboa. O emissário chegara efetivamente na companhia de uma dama galante. Mas, ao ser interpelado sobre o dinheiro, se agastara e respondera ostensivamente:

— Que dinheiro? Que nada! Eu mesmo estou viajando por conta dessa senhora.

O desapontamento tornou-se geral. Uns diziam que o emissário não estava mentindo. Outros tinham suspeitas do contrário. E alguns faziam maldosa “blague”:

— É isso mesmo... Agora êle parece muito orgulhoso de ser um “gigolô” cívico.

Por causa desse ambiente hostil, o emissário e sua tesoureira resolveram deixar Lisboa e foram sofrer as delícias do exílio em Paris.

O sr. Júlio Prestes conversou comigo sob um compromisso de maior reserva, e esta eu mantive até hoje. Mas, vinte anos decorridos, e a sombra da morte caindo sobre o calor das paixões já se podem dizer coisas verídicas para os cadernos de nossa história política.

Júlio Prestes achava que Washington Luís, por vaidade e teimosia, além da incapacidade mental que não lhe permitia ver a realidade dos fatos, fôra o máximo responsável pela revolução de 1930. Além disso se deixara envolver pelas manobras do sr. Getúlio Vargas, que, no tumulto dos acontecimentos, e pensando unicamente na sua situação pessoal, traía gregos e troianos.

Washington Luís recebia constantemente mensagens secretas de Getúlio sobre a posição do Rio Grande do Sul. Os gaúchos não fariam revolução nenhuma e reconheceriam a vitória de Júlio Prestes. Esperavam, porém, que na sucessão deste, o eixo Minas — São Paulo se deslocasse em outra direção... Getúlio negociava para ser o candidato de São Paulo quando Júlio Prestes terminasse em 1934, o seu quadriênio.

Washington Luís, que era um homem de caráter, acreditava ingenuamente nas promessas de Getúlio e, por isso, sentia-se bastante forte para destruir Antônio Carlos e João Pessoa, esmagando, ao mesmo tempo, o grupo militar revolucionário.

Debalde o sr. Júlio Prestes lhe pedia tolerância e moderação. Nada justificava a jagunçada de Princesa, pois João Pessoa terminaria o mandato em dois anos, e seus adversários com o apoio oficial do presidente da República, poderiam chegar normalmente ao governo da Paraíba. A mutilação da bancada mineira fôra outro erro sem qualquer utilidade política, assim como a depuração total da representação paraibana, — uma verdadeira cassação de mandatos.

Mas o sr. Washington Luís não ouvia conselhos nem admitia sugestões pacifistas. Com ele "era na madeira". E, certo de que o Rio Grande do Sul, graças à traição do sr. Getúlio Vargas, ficaria quieto, cevava a sua vingança nos mineiros e paraibanos. O entendimento entre os dois presidentes — o federal e o estadual — ficou patente no reconhecimento de poderes. Washington mandou poupar a representação gaúcha enquanto ordenava a mutilação e destruição das bancadas mineira e paraibana.

O sr. Júlio Prestes tinha informações verdadeiras sobre a conspiração que organizava um movimento armado para impedir a sua posse. E sabia, também, que o sr. Getúlio Vargas não era homem que merecesse a menor confiança. Ao contrário, seria capaz de atrair ao mesmo tempo, os seus amigos e o presidente da República, como efetivamente fez, até o dia 3 de outubro.

Desejando amainar a tempestade e abrir perspectivas mais tranqüilas para o seu governo, quis o sr. Júlio Prestes dirigir um manifesto à Nação prometendo a anistia aos revolucionários e a instituição do voto secreto para as futuras eleições. Essas duas promessas teriam, fatalmente enfraquecido a agitação política e acalmado os meios militares que, como sabemos, são radicalmente infensos às brigas cruentas. Na realidade, todos nós que tínhamos uma parcela de influência na mobilização revolucionária da opinião pública e dos quartéis, receávamos qualquer atitude palavra ou ato do governo que apaziguasse os espíritos. O sr. Júlio Prestes sabia disto, e como desejava empossar-se, pacificamente, na presidência da República, queria aparecer diante do povo como pessoa transigente, tolerante e compreensiva. Dominava-o especialmente a preocupação de ser um estadista moderno, interessado no progresso material e no aperfeiçoamento político de sua pátria.

A tudo isto, porém, se opunha a intolerância do sr. Washington Luís. A questão social era, para ele, "um caso de polícia". O voto secreto, segundo a sua concepção filosófica do estado democrático representava "um regresso à irresponsabilidade". E a anistia revelava tão somente a fraqueza e a covardia dos governos.

Na defesa dessas teses reacionárias chegou a ameaçar o sr. Júlio Prestes com um rompimento público se o presidente eleito esboçasse o menor gesto de transigência em relação aos adversários políticos.

Ao passar em revista essa situação inacreditável não escondia o sr. Júlio Prestes a amargura de ver o Brasil sob a ditadura de um caudilho inescrupuloso, e o sangue derramado pelos civis paulistas, na defesa de sua terra invadida, dominada e explorada implacavelmente.

Confessou-me, naquele momento, que se tivesse chegado ao governo, o seu primeiro ato seria enviar ao Congresso uma mensagem pedindo a anistia para os criminosos políticos. E em seguida promoveria a legislação necessária para a instituição do voto secreto.

— "Não devo publicar estas coisas agora por uma questão de pudor. E mesmo poucas pessoas dariam crédito à sinceridade deste pronunciamento. Os meus amigos íntimos, no entanto, sabem que eu pensava assim..."

Com estas palavras, o sr. Júlio Prestes encerrou a parte política da nossa conversa, há vinte e um anos na cidade de Lisboa.

OITO MESES DECORRIDOS, eu me encontrava no Rio, e recebi, por intermédio de Epitacinho Pessoa, um chamado do sr. Getúlio Vargas. Fui vê-lo, no Catete, às 22 horas, depois do cinema. O ditador queria as minhas impressões sobre os emigrados e a disposição que os mesmos demonstravam relativamente à ditadura. Dei-lhe umas informações vagas, de caráter mais anedótico, que o fizeram rir. No íntimo desejava eu conhecer-lhe certas reações sobre a sua conduta verdadeiramente indefensável durante a campanha eleitoral e a conspiração de 1930. Disse-lhe portanto:

— Lá em Lisboa eu soube que o Júlio Prestes está de relações cortadas com o Washington, a quem acusa de haver tido entendimentos secretos com o senhor, em virtude dos quais fôra impedido de prometer a anistia e o voto secreto na sua plataforma de candidato.

O sr. Getúlio Vargas olhou-me de esguelha e pensou um segundos. Em seguida já a sorrir, como quem recorda coisas agradáveis, deixou escapar esta confissão:

— É... se o Júlio Prestes tivesse prometido aquelas medidas melhoraria muito a sua situação.

E, ato contínuo, como quem liga os elementos mais distantes, num só raciocínio, me perguntou:

— Já estiveste em S. Paulo?

— Não, presidente. E não pretendo estar. Eu deixei São Paulo para que houvesse paz, entretanto saiu uma guerra de três meses...

O sr. Getúlio Vargas achou boa a piada. E, qual uma criança que joga com bolinhas de gude, me retorquiu:

— Tens razão, mas eu ainda vou fazer outra experiência em S. Paulo...

— Pelo amor de Deus, presidente, não se esqueça das experiências anteriores.

— Não. Desta vez eu vou nomear interventor o Armando Sales.

Fiquei praticamente siderado. E não contive este comentário:

— Mas o Armando Sales é seu inimigo e foi um dos chefes mais firmes na última revolução.

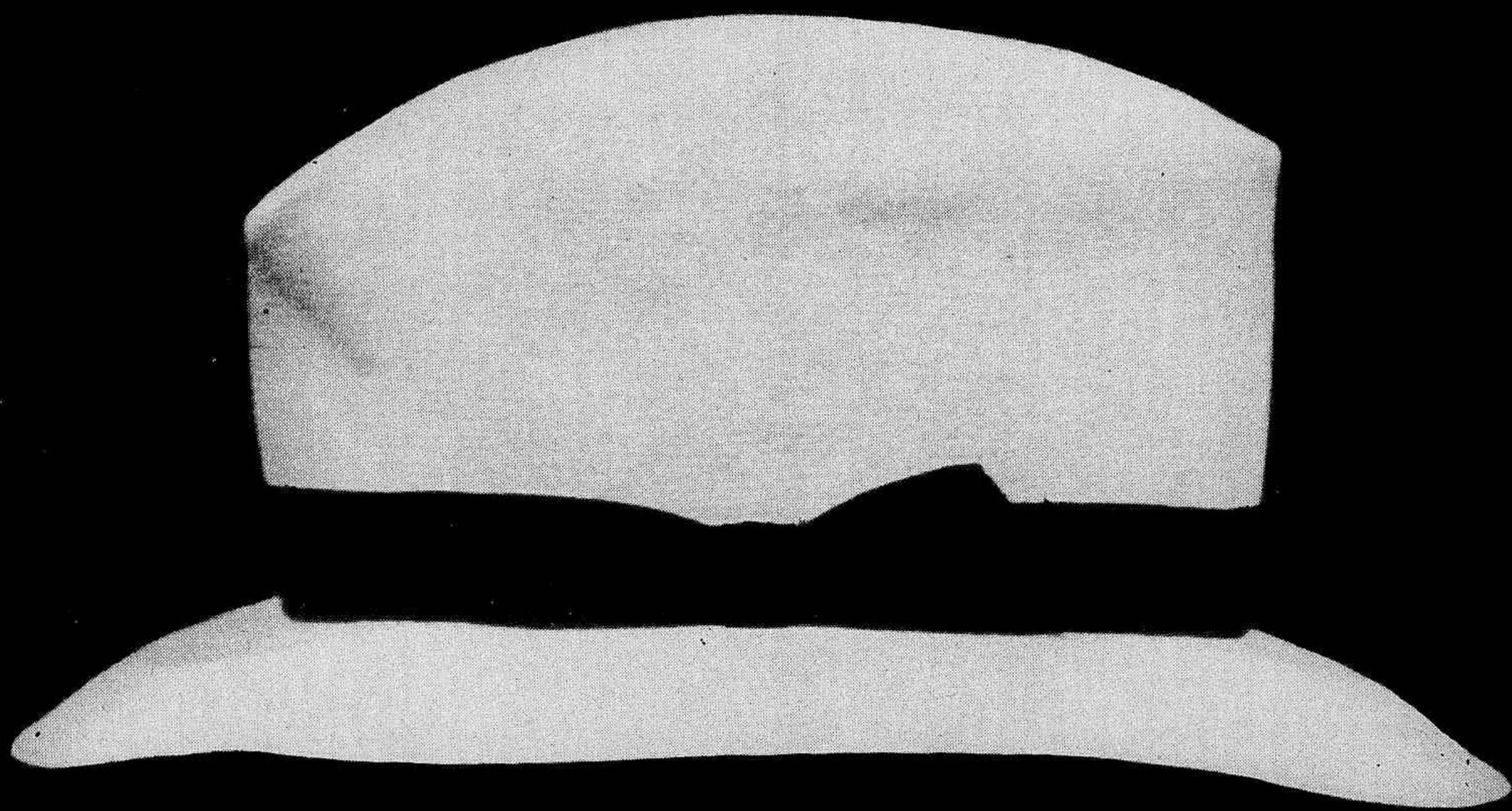
O sr. Getúlio Vargas gozou um momento a minha surpresa e logo me tranqüilizou:

— Eu sei, mas ele dividirá S. Paulo.

Estávamos exatamente no dia 9 de julho de 1933, primeiro aniversário da revolução constitucionalista. Um funcionário do Catete veio procurar o sr. Getúlio Vargas para dizer-lhe que o sr. Flores da Cunha queria falhar-lhe de Porto Alegre, com urgência, pelo telégrafo.

Que haveria de novo? Apenas isto: o sr. Flores da Cunha estava informado de que naquela mesma noite reventaria outra revolução em S. Paulo.

O ditador mandou avisar os ministros Oswaldo Aranha e José Américo. E, dando uma boa gargalhada, foi dormir tranqüilamente...

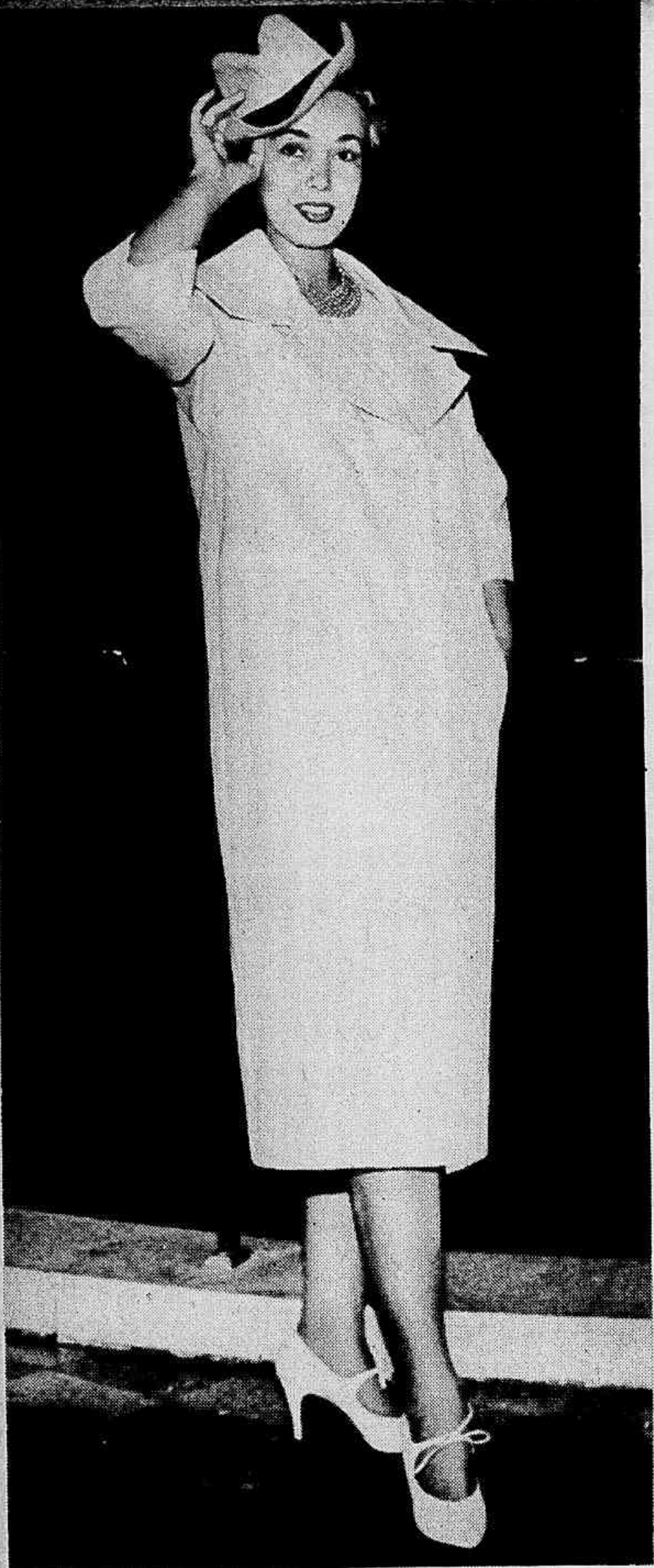


Paquetá, abril, 58 — Prefeito Rio Negrão Lima está muita dor cabeça por causa de que perdeu festa solar Dom João Sexto
vg atual Barreto Pinto vg seu chapéu tipo panamá vg com fitinha preta pt Prefeito pede devolução chapéu pois tipo gelô
não fica bem cabeça elegante verão pt

Exclusividade interplanetária

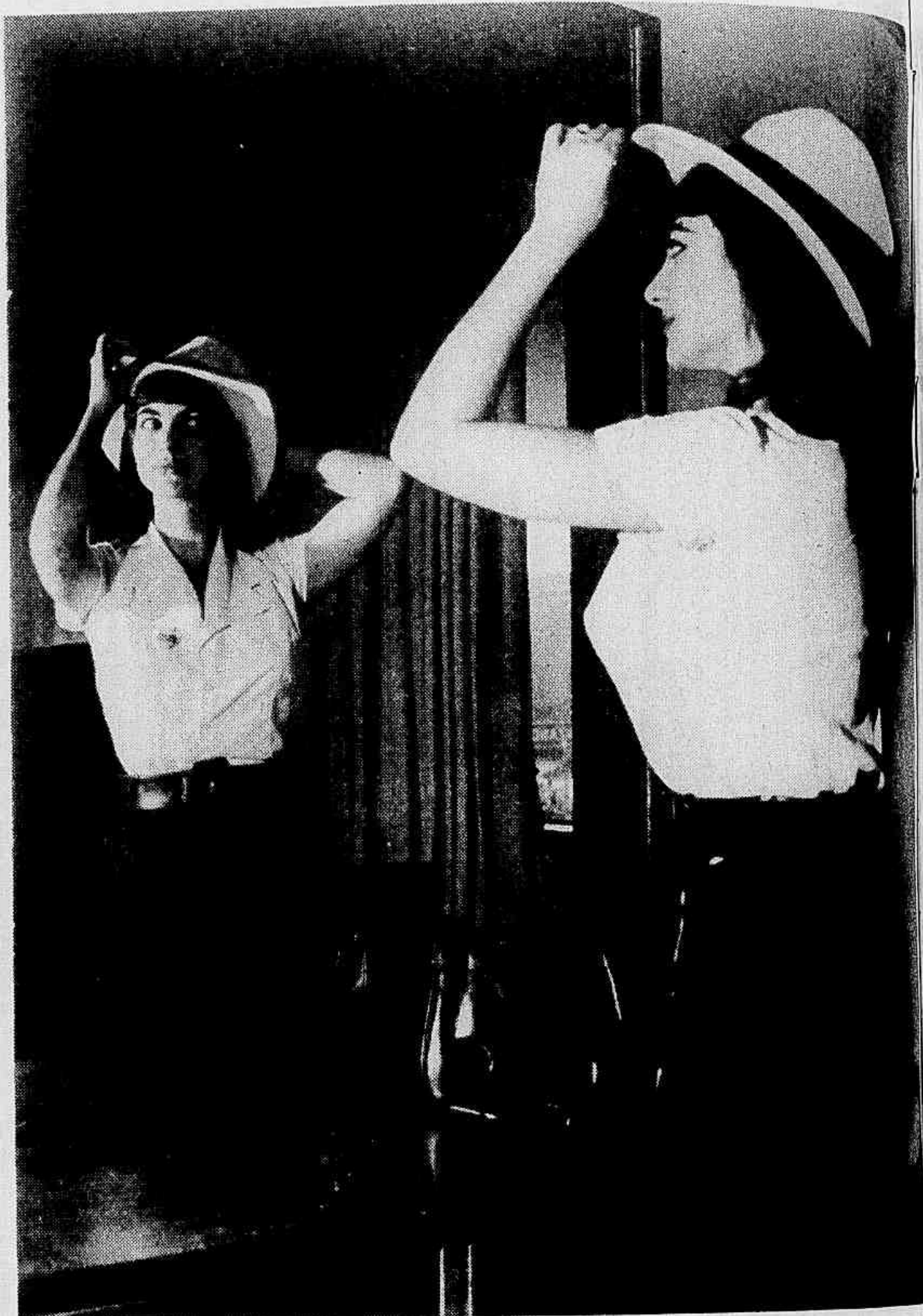
O CHAPÉU BRANCO DO DOUTOR NEGRÃO

Vamos todos procurar de quem era



De Miss Elegante não era...

Do mendigo também não.

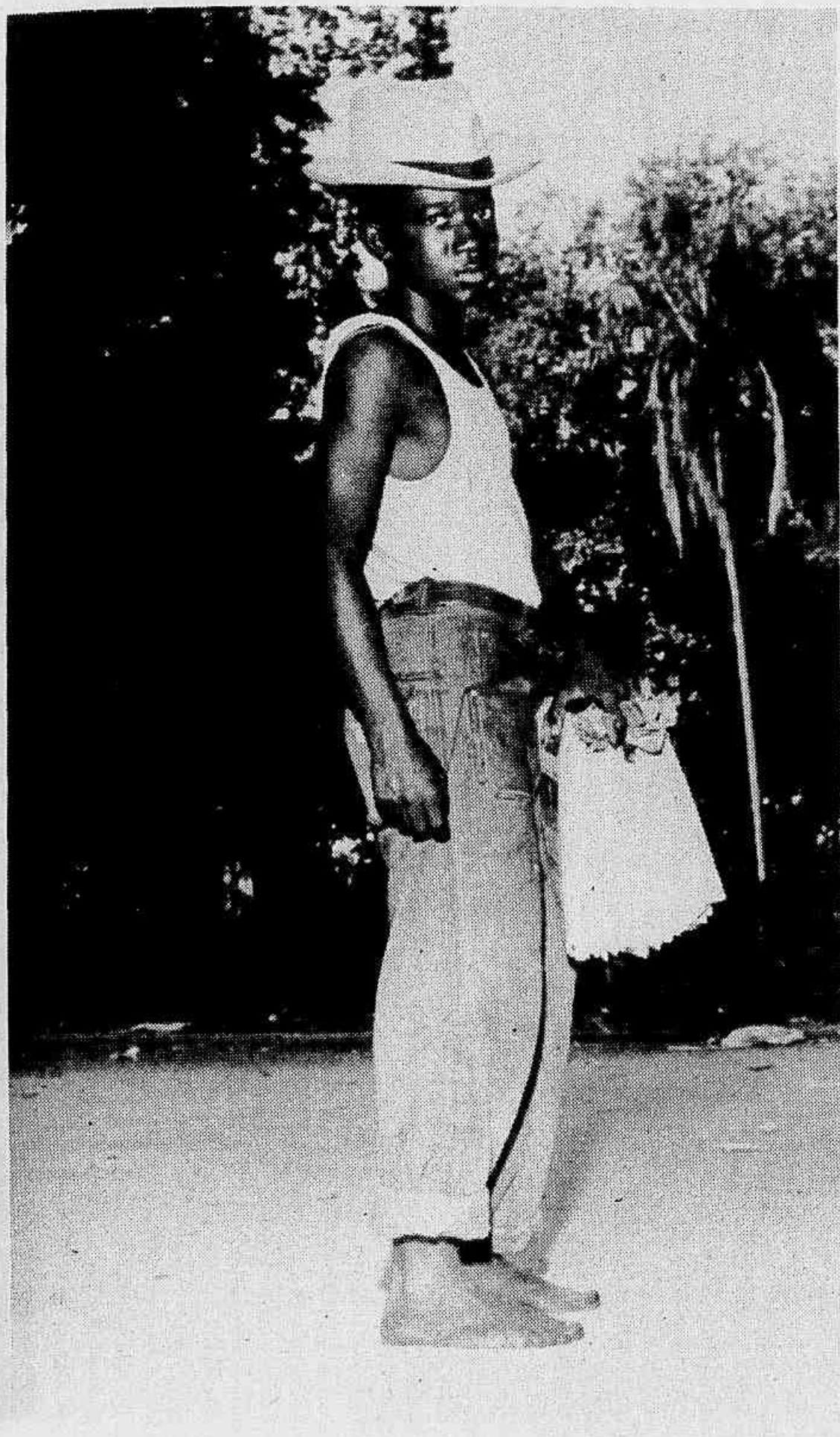


Nem de Nilza...

Nem de Selene...

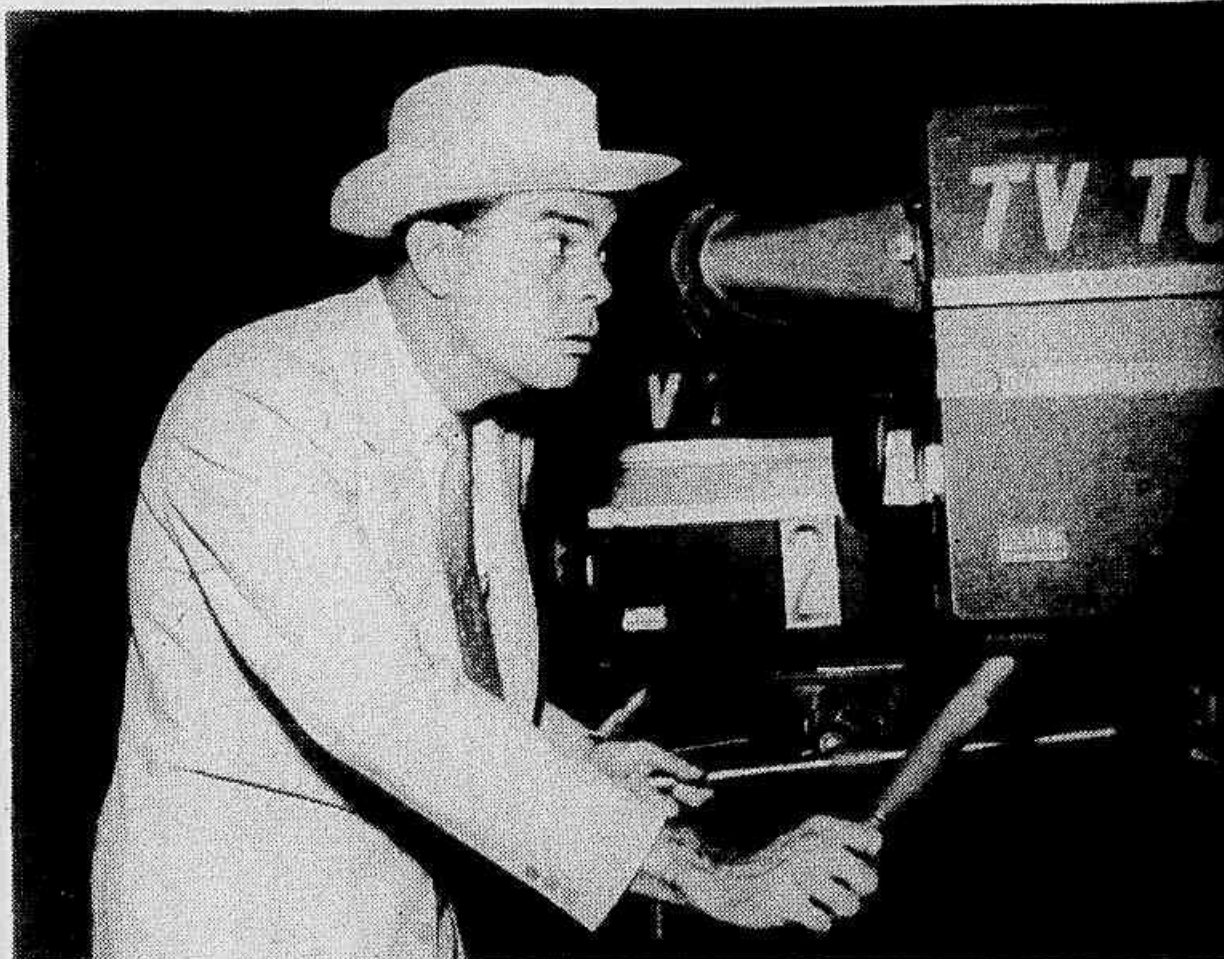


m
era, de quem era, de quem é o Panamá



Nem do jornaleiro...

Nem do Bené.



Nem era de Murilo Neri...



Nem também do Carlos Frias. De quem é?

NA CIDADE FULANA HAVIA um moço alcaide chamado Francisco. Era famoso como um dos mais elegantes e andava quase sempre de chapéu. Dizem que o moço alcaide era preto, muito preto e muito grande, mas pesquisas históricas acabaram revelando que não. Os sábios descobriram que o nome dêle é que provocou a lenda: seu sobrenome era Negrão.

Um dia êle foi andando, andando, andando, e encontrou um moço. E o moço disse: "Vamos fazer uma festa?" O alcaide respondeu vamos e foram andando, andando, andando. Depois o alcaide perguntou: "Mas festa pra quê? E o moço respondeu: "Para comemorar". O alcaide disse que sim com a cabeça (onde estava, como sempre, um chapéu) e continuou andando, andando, andando, sempre de carro, é lógico. Foram almoçar na piscina do Copa.

Aí o alcaide perguntou: "O que é que nós vamos comemorar?" E o moço respondeu: "A chegada do rei, está



Da cabeça de Alkmim,
o Ministro,
à de Biriba, o orangotango

bem?" O alcaide falou: "Mas depois nós brigamos com o rei e mais tarde até expulsamos o neto d'ele. Como é que nós vamos comemorar?" O moço disse que isso não tinha importância e que a história era assim mesmo e patati, patatá, vai ser muito bom, quase um carnaval.

Então fizeram a festa.

Passaram-se os dias. O alcaide não continuava andando, andando, andando, porque ele só andava de carro e o carro tinha caído num buraco e estava com uma perna quebrada. Naquele tempo os caminhos da Cidade Fulana viviam esburacados e os carros viviam quebrando as pernas. E não era possível fazer nada, porque havia um dragão (segundo



contava o alcaide) que era muito comilão e comia 95 por cento.

O alcaide estava sentado, geralmente (apesar do dragão), bebendo um copo d'água (que naquela época era uma preciosidade), quando chegou o moço e disse: "Vamos fazer uma festa?". O alcaide perguntou: "Mas nós já não fizemos uma festa?". O moço riu e disse: "Então vamos fazer outra festa". O alcaide riu também e disse: "Pra comemorar?". E o moço respondeu: "Pra comemorar".

E eles ficaram muito e muito felizes.

Mas depois o alcaide perguntou: "Comemorar o quê? E o moço ficou sem saber responder. Depois pensou, pensou,

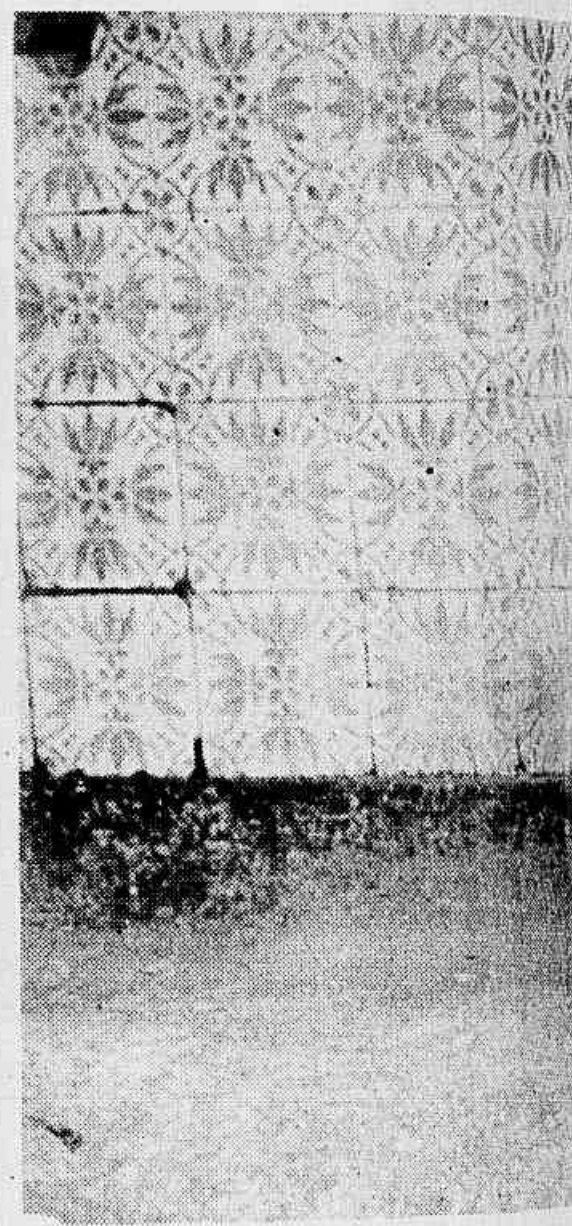
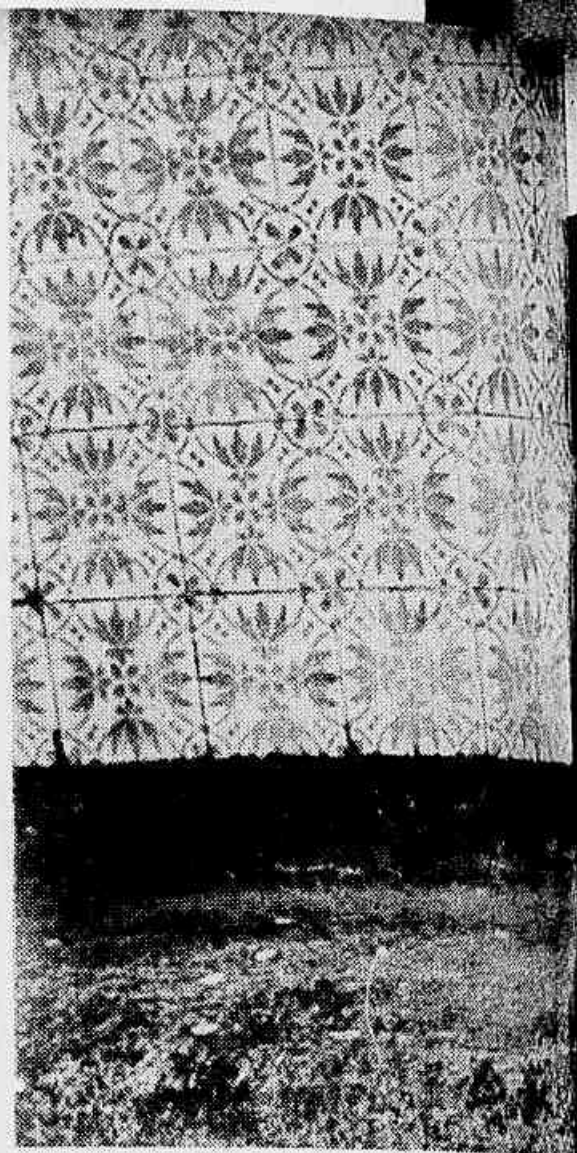
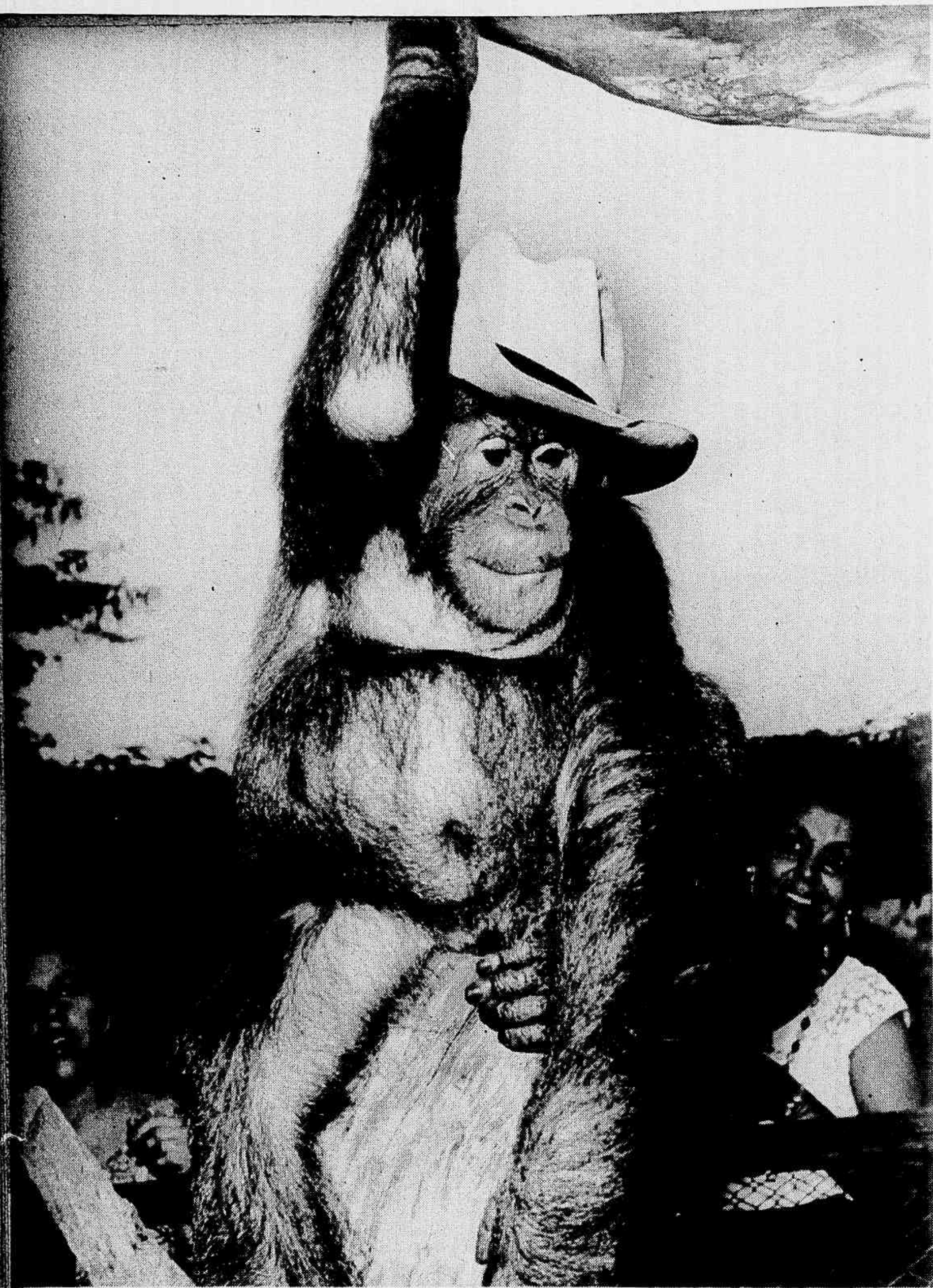
pensou e disse: "Vamos comemorar a comemoração". E resolveu o problema.

Então eles fizeram a festa e convidaram uma porção de gente. E foram para uma Ilha e se divertiram muito. Tanto que o alcaide chegou até a perder o chapéu.

Ele ficou muito triste, falou nos jornais, na televisão e no telefone. Mas o chapéu não apareceu.

Foi nessa festa também que Cinderela perdeu o seu sapatinho de cristal, em outras circunstâncias.

QUANDO O PRÍNCIPE encontrou o sapatinho de cristal deu muitos e muitos beijos nêle, porque o pezinho da moça



"Estão comendo 95 por cento das minhas bananas. A salvação está naquele projeto".

O macaco tem medo de que a história dê galho

que ele amava tinha estado ali dentro. Foi até dormir com o sapatinho debaixo do travesseiro. E passou uma semana olhando e tornando a olhar o sapatinho. Até que cansou.

Cansado, chamou o ministro e disse: "Meu velho; você vai tratar de encontrar a dona deste sapatinho, porque eu não sou de brincadeiras e se você não encontrá-la eu o obrigarei a calçar o sapatinho de cristal e dançar durante sete dias e sete noites".

O ministro curvou-se e disse: "Será uma honra, majestade". Ai o príncipe entendeu errado, pensou que o ministro queria zombar, dizendo que era uma honra dançar sete dias e sete noites. Mandou chamar o carrasco e degolou o ministro.

Depois chamou o ministro da Guerra e disse: "Senhor ministro; será que o senhor podia fazer o favor de mandar

procurar a moça que calçou este sapatinho de cristal? Só vossa excelência tem capacidade suficiente para conseguir isso para este seu criado".

O ministro disse "tá". E falou: "Você mesmo pega no sapato e vai correndo experimentá-lo no pé de moça por moça neste reino, até encontrar".

O príncipe ficou satisfeitiíssimo com a admirável sugestão do seu ministro e foi, serelepe, fazer o exposto.

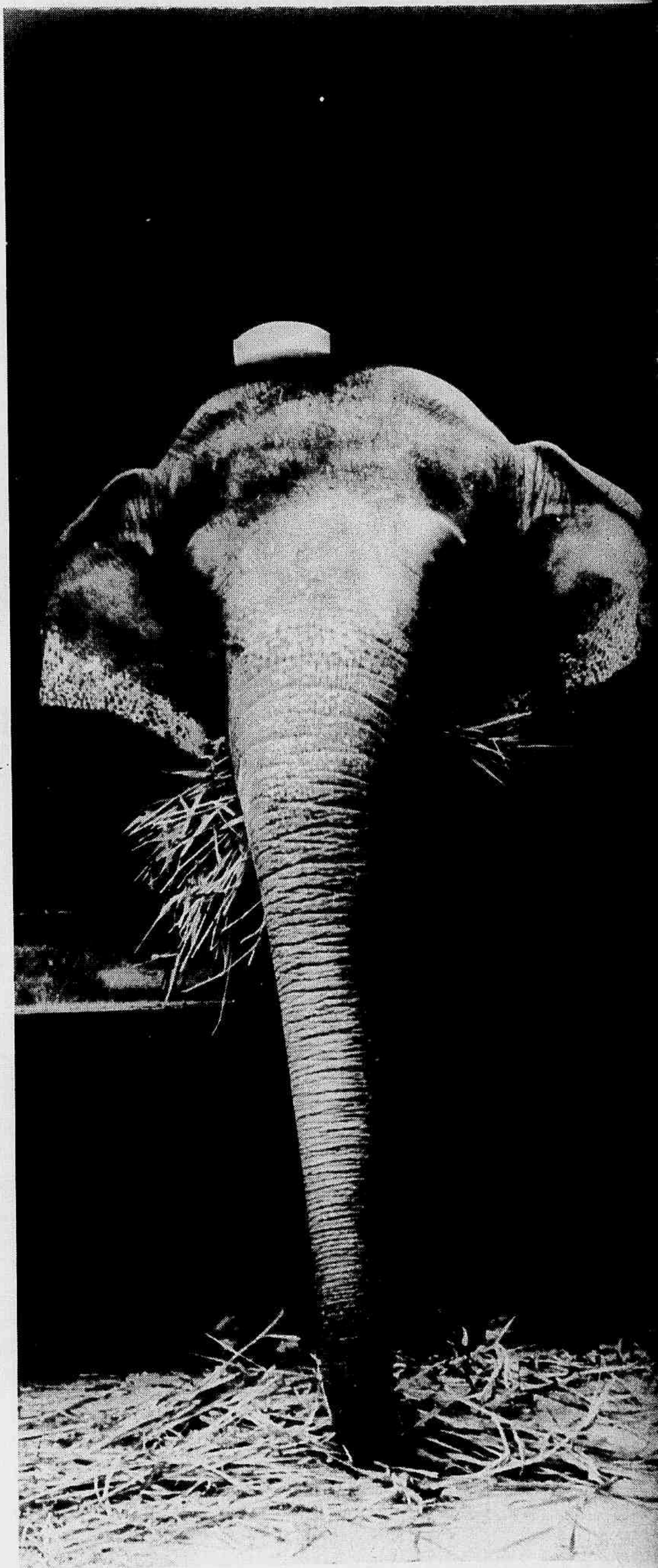
E andou, andou, andou, experimentou, experimentou, experimentou. E nada de encontrar, porque o sapatinho — logicamente — devia caber em muitos pés, mas era mágico e só cabia no pé da dona. E a dona, todos sabemos, estava na cozinha da madrasta e não podia aparecer na sapataria.



"Bem, vou ver se fico elegante mesmo..."



"Vocês querem prejudicar minha licença-prêmio?"



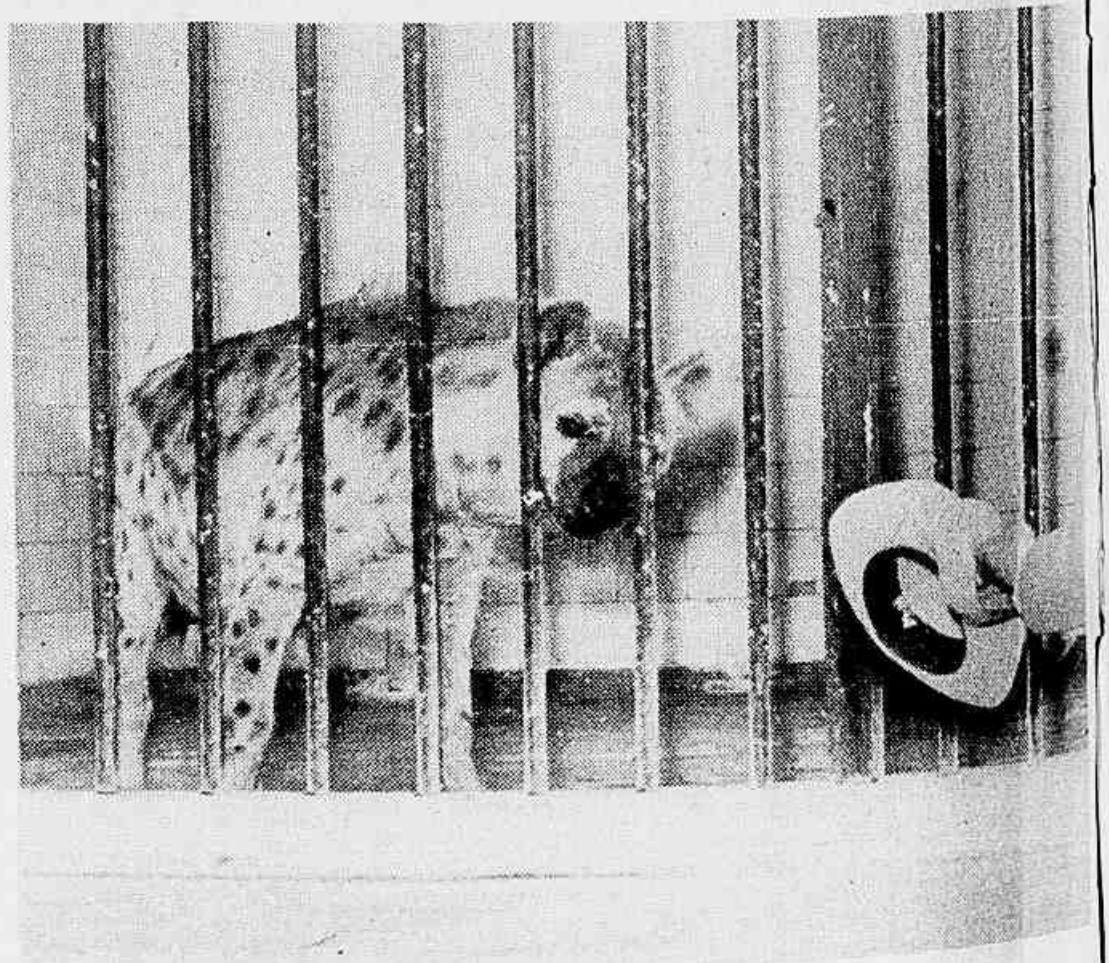
"Os senhores me desculpem, mas meu número é 98".



"Nãorrrrrrr... Meu marido não usa chapéu".

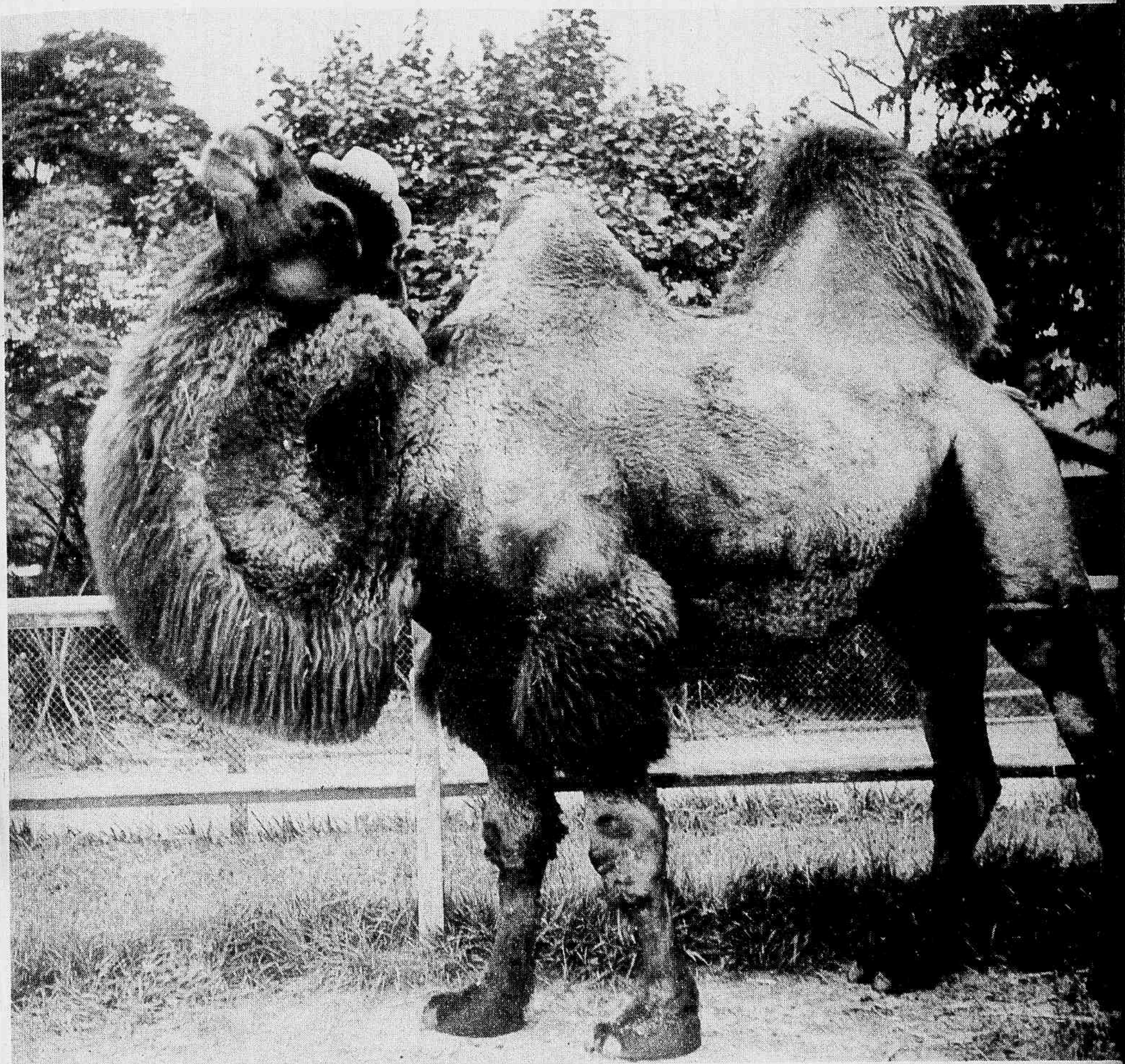


"Esse chapéu é de um amigo meu, muito querido".



"Deixe ver de perto. Não, meu não é".

"Po
D
M
enci
nist
siçã
F
felic
E n
mu
E
ach
do
"Só
exp



"Posso passar anos sem água; mas não é meu não".

Do camelo: "Eu já resolvi o problema da água"

Mas, um dia, o príncipe ficou aborrecido e passou a dar encima das empregadinhas. Foi um escândalo, com os colunistas sociais falando muito no assunto e os jornais da Oposição dando manchetes.

Foi quando o príncipe encontrou a felicidade, aliás, a felicidade (que era o nome da pequena). E casou com ela. E não foram muito e muito felizes, nem viveram muitos e muitos anos, ou tiveram muitos e muitos filhos.

ENTÃO UM MOÇO procurou um repórter e disse: "Eu achei este chapéu. E o repórter pensou: "Será o chapéu do alcaide?". Mas como era um rapaz inteligente disse: "Só há um meio de saber, ao certo". Pegou o chapéu e saiu experimentando.

Primeiro experimentou na sua cabeça. Não deu certo. Depois na cabeça do irmão. Não deu: Na do primo, do tio, do avô, do padrinho e do vizinho. Na do padre, na do frade, na do moço sacristão. Também não. Na do guarda, na do pobre, no engraxate, no padeiro, no leiteiro, no chofer do loteação. Também não.

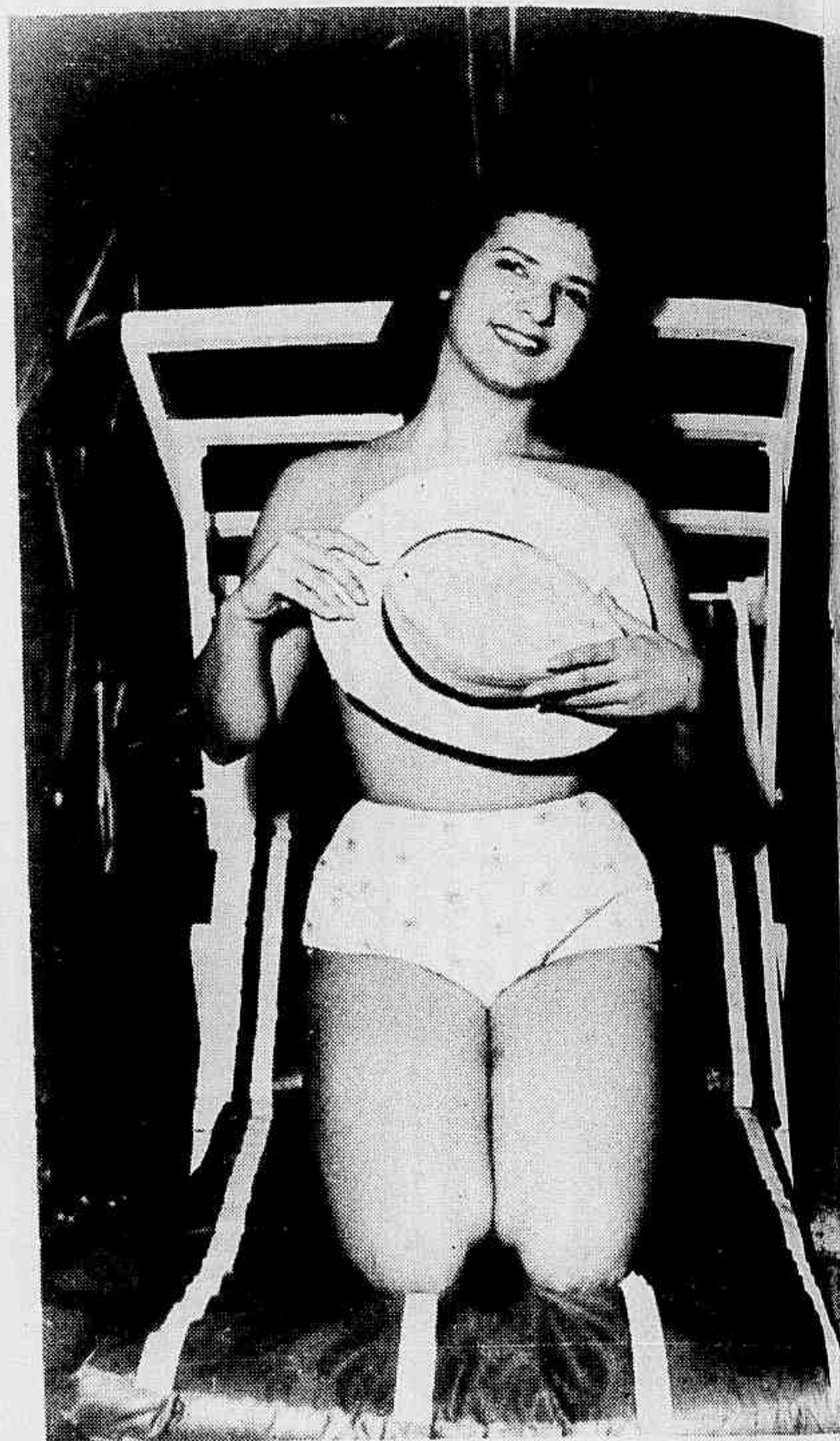
Foi andando, andando, andando, passou por centenas e centenas de buracos, teve sede, teve fome, sentiu frio e um calorão danado. Experimentou em toda gente o chapéu — mas não serviu.

Então ele pensou: "Bern; agora só falta experimentar no alcaide. Só pode ser dele".

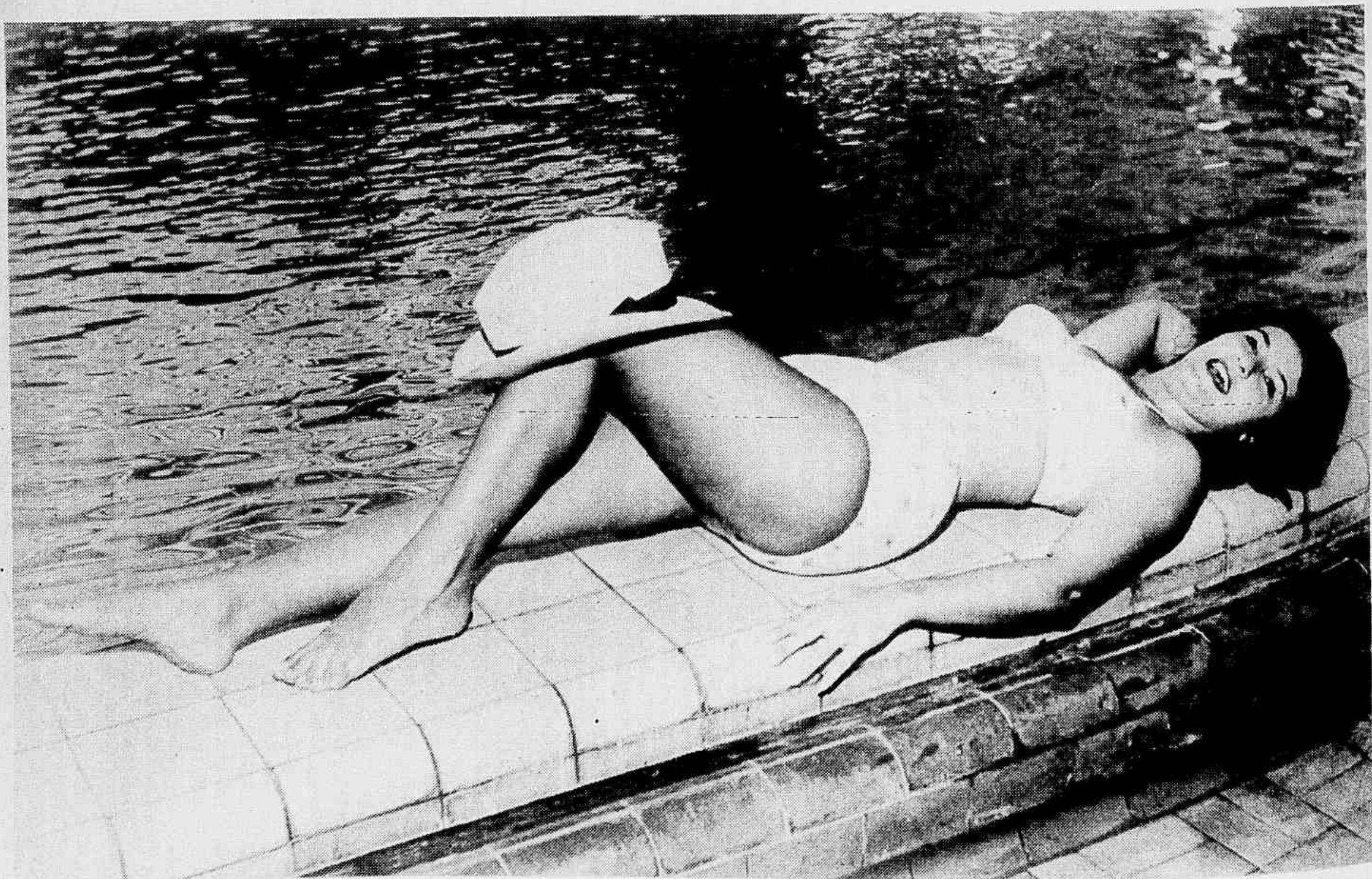
Mas depois pensou: "Mas esse chapéu é de panamá e não é gelô. E se não fôr do doutor, com que cara eu vou



Aí depois de muito procurar, muito procurar...



A direção da RS resolveu pôr em campo o D.E.



E o chapéu branco de fitinha preta não deu nem na cabecinha, nem no colo, nem no joelhinho e...

ficar
gira
na
Jusc
N
E
pod
E
nut
vos
Mas
O
Q
"Va



Nem mesmo no pezinho delicado de Neida Oberst. De quem é o chapéu? De quem é o chapéu?

ficar?". E resolveu experimentar primeiro no macaco, na girafa, no elefante, no camelo, no leão, no lagarto, lagartixa, na arara, beija-flor, no jacaré, nas estátuas, no busto do Juscelino.

Não serviu.

Então o moço respirou fundo, três vezes e disse: "Só pode ser do Negrão".

Esperou uma linha, um minuto, dois minutos, três minutos. Telefonou pro Negrão: "Senhor alcaide, seu chapéu vos trago, um pouco amarrotado, decerto, e talvez sujo. Mas é que lá em casa falta água".

O dr. Negrão agradeceu muito.

Quando o repórter ia saindo apareceu um moço e disse: "Vamos dar uma festa para comemorar a volta do chapéu?"

O homem
é o
Negrão



Leia

NOSSO PRÓXIMO NÚMERO

(o de humor)

com a sensacional

história

**A VOLTA DO CHAPÉU BRANCO
DO DOUTOR NEGRÃO**



EXTRA

MAIS TRÊS CRISES PARA O GOVÊRNO JK

TRÊS CRISES, DE NATUREZA estritamente política, juntam-se às dificuldades econômicas (café e câmbio) que o Governo enfrenta no momento. São elas:

1. Prestes e a infiltração comunista;
2. a atitude do Governo em face da Comissão Parlamentar de Inquérito contra a Corrupção;
3. a Lei Orgânica da Previdência Social.

As duas primeiras têm inegável repercussão nos meios militares. A última está criando mal estar entre as massas trabalhadoras.

1 — PRESTES E A INFILTRAÇÃO COMUNISTA

É uma história que começa no apoio negociado do Partido Comunista à chapa JK-Jango. Tudo foi fácil: os comunistas votaram, os comunistas apoiaram o golpe de 11 de novembro, os jornais comunistas passaram a elogiar os homens do novo Governo e a acusar de "vendidos", "entreguistas" e outros chavões os homens da Oposição. O general Lott, ministro da Guerra, cercado e explorado pelo MMC (Movimento Militar Constitucionalista) dirigido por comunistas, nacionalistas e getulistas, chegou a admitir, em entrevista que os comunistas e o comunismo estavam evoluindo na própria Rússia.

Mas, chegou a hora da "cobrança". Os comunistas não trabalham de graça. Queriam: o restabelecimento das relações diplomáticas com a Rússia, a atuação livre de Prestes, e a legalidade do PCB.

Os três movimentos foram iniciados através de amplas frentes de relações públicas. Aproveitando as dificuldades de exportação, que afligem produtores e comerciantes, foram suscitados pronunciamentos, em cadeia, de elementos das classes conservadoras favoráveis ao reatamento das relações. Ao mesmo tempo, emissários dos interesses russos passaram a fazer propostas de vendas, compras e financiamentos em bases realmente excepcionais nas relações comerciais. Os grupos políticos interessados no apoio dos comunistas, nas áreas estaduais — Ala Moça do PSD — José Jofily, na Paraíba; Vieira de Melo, Bahia; Cid Carvalho, Maranhão; etc. — entraram no jogo com a força de que dispunham no seio do Governo. Por trás dos bastidores, o sr. Jango Goulart, que vem de antiga aliança com os comunistas, através do Pacto Intersindical de São Paulo, ajudava, com cautela, a marcha da reivindicação.

Apareceu o primeiro embaraço: o Itamarati, através do relatório de d. Odete Carvalho, chefe do Departamento Político, e de entrevista do sr. J. C. Macedo Soares (Ala Velha do PSD).

Dividido o Governo, em torno das duas posições, o problema entrou em hibernação.

Ao mesmo tempo, foi preparada a ofensiva de publicidade da reaparição de Prestes, em Copacabana. Finalidade: sentir o impacto na opinião pública e habituá-la à idéia da volta de Prestes.

Simultaneamente, preparava-se ambiente para a volta de Prestes. Mas, os comunistas vinham pisando macio, com muita cautela. Exemplo: greve dos marítimos. Não fizeram agitação, não lideraram, nem mesmo apoiaram. Não era hora de criar dificuldades aos objetivos estratégicos maiores. Outro: a concessão da America Can. Os comunistas, useiros nas agitações de ruas, empreitando ruas de pressão, ficaram na moita.

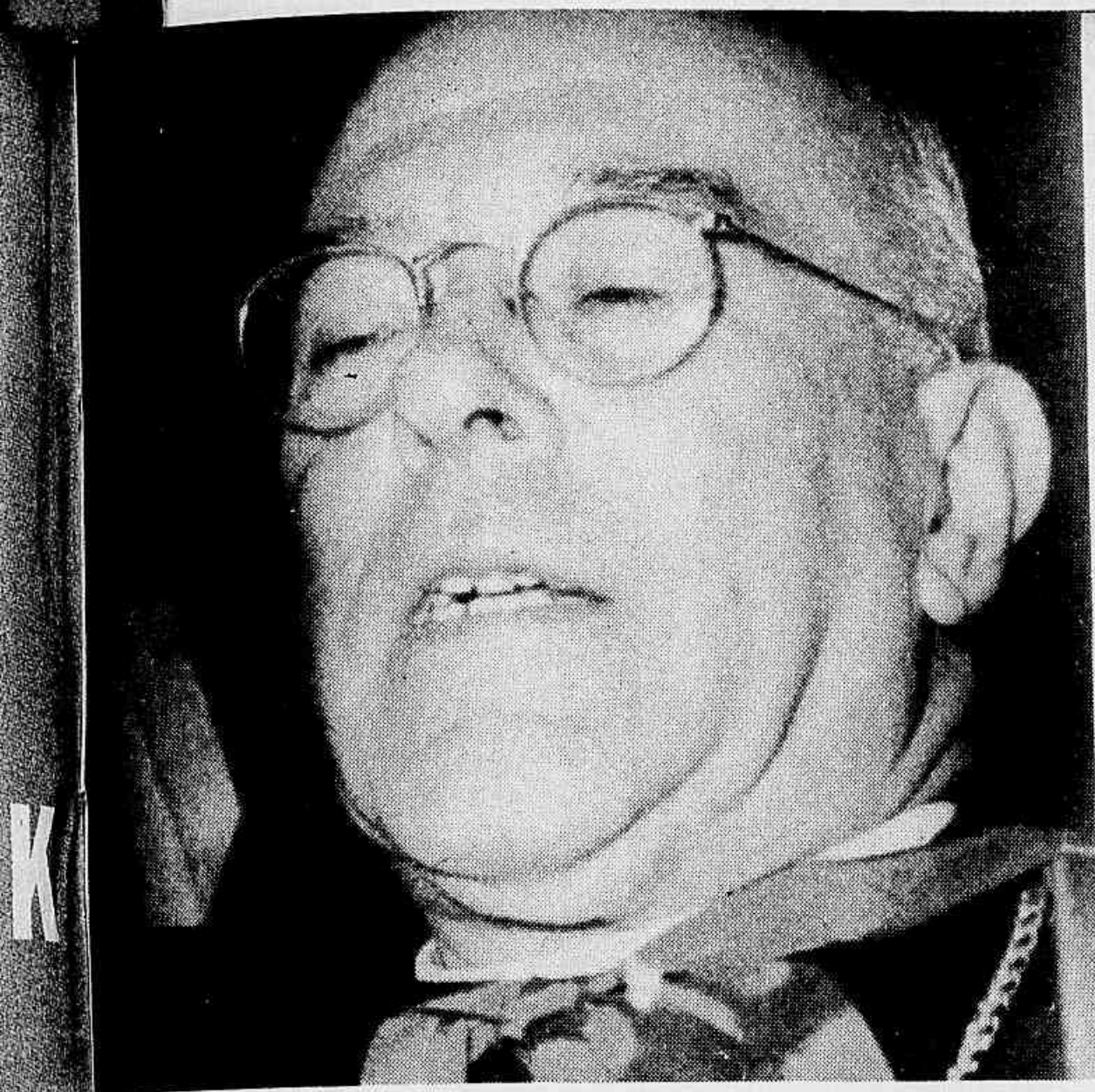
Aí, outro embaraço, significativamente partido também de ilustre membro da Ala Velha do PSD, sr. Nereu Ramos, ministro da Justiça. Quando a Polícia fazia "diligências" para prender o chefe comunista, com prisão preventiva decretada pela Justiça, o sr. Nereu Ramos soube que se tratava de "brincadeira de prender", com objetivos táticos de sondagem da opinião pública. Pôs o chapéu na cabeça, foi para casa, e mandou uma carta ao sr. Juscelino Kubitschek pedindo demissão irrevogável. A carta não pôde ser publicada, caso sui-generis em episódios políticos semelhantes. (RS — n. 47 — de 25-11-57).

Retardada por várias circunstâncias, afinal foi obtida a revogação da prisão preventiva decretada contra o líder comunista.

Antes mesmo de apresentar-se ao juiz Monjardim, Prestes reapareceu através de larga publicidade nas revistas e jornais, como assunto dominante do mês de março (como o regresso de sua filha, Anita Prestes, já o fôra em dezembro de 1957). Veio manso, sem agressões, elogiando gregos e troianos, o café-society, tomando uísque. Disputado por políticos ambiciosos, iniciou demarches sobre a sucessão de S. Paulo, e chegou até a televisão, terreno proibido a representantes da Oposição democrática e legal.

Nessa altura, começaram a surgir as inquietações que o regresso triunfal e protegido de Prestes causam às forças armadas. Exemplos: entrevista do general Castelo Branco, candidato da Cruzada Democrática, no mesmo dia em que o marechal Eurico Dutra, saindo de um silêncio de 8 anos, trouxe a sua palavra de advertência e evidente ressonância nos meios militares.

Ao mesmo tempo, autoridades da Igreja, que começavam a advertir pessoalmente o presidente da República (D. Hélder Câmara conferenciou a respeito com o sr. Juscelino) tomaram consciência da gravidade que o problema poderia atingir, e deliberaram, sob a orientação do cardeal Jaime



Somente a partir da repercussão que venham a alcançar estes novos desenvolvimentos, é que os comunistas estudarão se devem lançar, agora ou mais tarde, a campanha pela "legalidade do PCB".

2 — INQUÉRITO CONTRA A CORRUPÇÃO

É sabido que o Governo, ao determinar o afastamento, em julho, de seus cargos de quaisquer funcionários que se candidatassem a postos eletivos em outubro, agiu para atender a veladas insinuações da apreensão com que certos meios militares temiam o uso dos dinheiros e vantagens oficiais na disputa eleitoral. Sob iguais inspirações, o presidente da República mandou apoiar a constituição, na Câmara, da Comissão Parlamentar de Inquérito que visa apurar a corrupção eleitoral. O líder interino, sr. Falcão, cumpriu a ordem e indicou os nomes da Maioria, ouvindo exclusivamente o Governo. A bancada aceitou tudo "silenciosa e cabisbaixa" porque a "Ala Moça" estava em maré baixa, com a deposição do sr. Vieira de Melo. Mas, a chegada do sr. Amaral Peixoto e certos êxitos políticos do sr. Alkmim (apoio do "Diário de Notícias" à sua política do café, e já agora, do cardeal de S. Paulo) animaram os jovens rebeldes: reunidos os vice-líderes, por convocação do sr. Leoberto Leal, deliberaram, com um mês de esquecimento, que os seus mandatos de vices estavam extintos desde 15 de março, forçando, assim, a renúncia de Falcão. Foi reaberto o problema da direção política do Governo na Câmara, entregue pelo Governo, compulsoriamente, ao sr. Gustavo Capanema, que até agora, está fugindo da prebenda. Essa crise atingiria também a chefia do sr. Valadares no PSD. A volta do sr. Amaral Peixoto, ou a sua substituição pelo sr. Alkmim, daria novo sentido e vigor à atuação da "Ala Moça", truncando, de maneira definitiva, os objetivos moralizadores da Comissão Contra a Corrupção.

3 — APOSENTADORIA PARA TRABALHADORES

Por último, vê-se o Governo ante o dilema junto às classes operárias:

1. tem compromissos de conceder a aposentadoria integral aos trabalhadores, aos 55 anos de idade;
2. a Lei Orgânica da Previdência Social estabeleceu esse benefício, mas estabelece também:
 - a) monopólio pelo Estado dos acidentes do trabalho (com oposição vigorosa das companhias de seguro);
 - b) imposto sobre "lucros extraordinários" (oposição nas classes conservadoras e nos grupos capitalistas que vivem em torno do Governo);
 - c) taxa sobre corridas do Jockey Club (oposição dessa poderosa sociedade);
 - d) proibição de nomeações interinas e de provimento de cargos em comissão por "pelegos". Os cargos em comissão teriam que ser preenchidos pelos funcionários dos quadros dos Institutos (Oposição desesperada do PTB, ao qual a previdência foi entregue como prêmio de vitória eleitoral).

Em consequência, o Governo está pensando em congelar, no Senado, o projeto de Lei Orgânica votado pela Câmara. Para contentar os operários, o sr. João Goulart anunciou a remessa ao Congresso de mensagem especial pedindo aposentadoria integral. Por que, se a Lei Orgânica já a consagra e depende só de votação do Senado, e nova mensagem vai passar meses e meses ainda na Câmara?

Por outro lado, em que fica aquela velha e celebrada reivindicação da entrega dos Institutos às classes, nos postos de administração, que a Lei Orgânica consagra, se o projeto vai ficar congelado por ordem do Governo, no Senado?

As três crises, cada qual com sua importância específica, afligem o governo JK-Jango neste momento, somam-se as dificuldades criadas pela política do café: estocamento pelo Governo, a preço artificial, de 12 milhões de sacas, e a ascensão do dólar a 115 cruzeiros.

As saídas são poucas. E se algumas convêm ao interesse do país, não convêm aos interesses dos grupos que cercam e dominam o Governo.

Câmara, redigir um documento de veemente condenação à popularidade dirigida que se estava fazendo de Prestes, com a escandalosa convivência de certos setores do Governo.

Esse documento, que pode vir a público a qualquer hora, tem sido objeto de demorado estudo, até mesmo quanto à forma de sua apresentação. Entre as formas de apresentação estudadas, podemos anunciar:

1. uma pastoral, assinada pelos três cardeais — Rio, São Paulo e Bahia — em nome do Episcopado. Para examinar essa hipótese teria vindo ao Rio o cardeal Motta, de São Paulo, em viagem de que resultou o seu incidente com o "Correio da Manhã" (este jornal atribuiu a sua vinda ao desejo de advertir o governo sobre a gravidade da situação econômica, criada principalmente pela especulação do café, orientada pelo ministro Alkmim. O cardeal não se limitou a negar. Foi para a televisão e tachou o sr. Alkmim de "Inatacável" e elogiou abertamente a sua política econômico-financeira. O "Correio" confirmou as suas primeiras informações, lamentando o recuo preparado do cardeal);

2. uma declaração do cardeal Câmara à imprensa, rádio e televisão devidamente autorizado pelos seus colegas de Episcopado;

3. declaração do arcebispo do Rio, bispos auxiliares e bispos do Estado do Rio e E. Santo, que constituem a Província Eclesiástica do Rio, tendo em vista abreviar a sua publicação, evitando as delongas de consultas aos prelados das outras dioceses. Estes pronunciar-se-iam, posteriormente, em manifestações de apoio.

O Governo, advertido da repercussão que esse documento pode ter, vem tentando evitá-lo, através de várias demarques. A esse objetivo estariam ligados o discurso do presidente da República em Diamantina, no qual manifesta a incompatibilidade do seu Governo com o Comunismo, e o anúncio de que será enviado ao Congresso mensagem do Executivo com anteprojeto de lei exigindo do funcionário público civil e militar, "juramento de fidelidade ao regime", etc.

É provável que tais atos modifiquem os termos do documento que está sendo preparado pela Igreja. Mas, ao que soubemos por fontes autorizadas, o documento virá a público, mesmo que ressalte e elogie o recente discurso do presidente da República.

Por outro lado, há um grande temor, em certos setores oficiais, de que o recuo do Governo, forçado por militares e pela Igreja, possa levar Prestes a denunciá-lo como traição a compromissos expressos assumidos na campanha eleitoral. Através dos mesmos emissários daquela época, tenta-se convencer os comunistas de que o recuo é tático, tem duração curta, devendo ser aceito pelos comunistas, em seu próprio interesse.

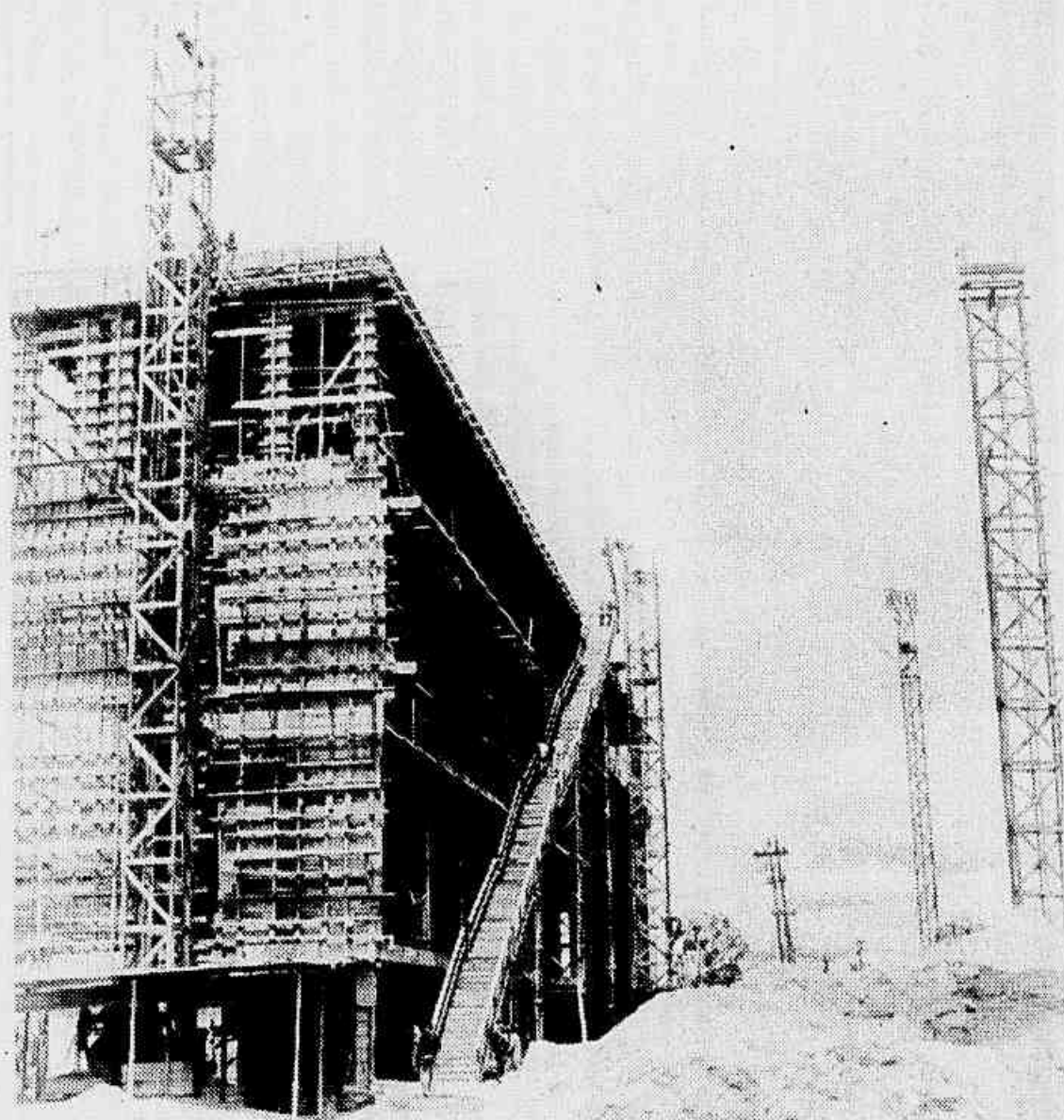
ACERTO DE UMA POLÍTICA ECONÔMICA

A PRODUÇÃO BRASILEIRA de açúcar usina, a 28 de fevereiro de 1958, tinha alcançado o total de 42 568 596 sacos. Considerando que a estimativa da safra é da ordem de 44 765 303 sacos verifica-se que àquela data a produção fôra praticamente alcançada, restando apenas 2 196 706 sacos para a cobertura da previsão. É interessante confrontar os totais acima com os relativos às duas safras imediatamente anteriores. Contra os 42 568 596 sacos da safra corrente, a produção somava 31 866 341 sacos na safra de 1955/56 e 24 388 931 sacos, na de 1956/57. Não há como fugir a constatação do extraordinário surto tomado pela produção açucareira nos doze meses que separam as duas últimas safras. Ao passo que de 1955/56 para 1956/57 o aumento da produção não chegou a três milhões de sacos, de 1956/57 para 1957/58 esse aumento alcançou a pouco mais de oito milhões.

A 28 de fevereiro o Norte havia fabricado 15 312 598 sacas da sua produção estimada em 17 434 675 e o Sul 27 255 889 sacos da produção estimada em 27 330 627. O maior produtor açucareiro do Brasil é São Paulo, que vem ocupando esta posição vanguardista há algumas safras. Na de 1957/58 a sua produção é da ordem de 18 milhões de sacos, representando cerca de 40% do total de açúcar de usina fabricado no Brasil. O segundo produtor é Pernambuco, que deverá entregar 11 300 000 sacos, seguido do Estado do Rio cuja previsão é de 6 105 000 sacos e de Alagoas que estimou a safra em 3 500 000 sacos. Em decorrência da maior produção obtida na safra de 1957/58 houve sensível aumento dos estoques de açúcar no país, os quais somavam, na data indicada de 1958, 13 517 957, contra 5 605 875 e 9 845 573 sacos, respectivamente em 1956 e 1957. Dado que este crescimento da produção é superior ao acréscimo do consumo, a colocação dos estoques vem sendo alcançada mediante o reforço das vendas para os mercados externos, tendo sido realizadas, nos últimos meses, numerosas operações com o açúcar brasileiro.

Igualmente auspicioso é o desenvolvimento da fabricação de álcool. A 28 de fevereiro de 1958 a produção total de álcool subia a 354 449 503 litros de álcool de todos os tipos, contra 206 595 538 litros na mesma data de 1957 e 245 424 325 litros em 1958. A produção de álcool-anidro, de particular interesse pelo emprego do artigo na preparação do álcool-motor, atingia, no ano corrente, a 204 808 008 litros contra 71 798 692 litros em 1957 e 139 937 957 litros em 1956. Graças a esse aumento na fabricação do álcool-anidro foi possível elevar a respectiva distribuição aos importadores de gasolina, para a mistura com o carburante importado. Essa distribuição atingiu, em 1957, a 154 921 829 litros, total recorde no país e quase o dobro do verificado no ano de 1956.

Todos estes números evidenciam o acerto de uma política econômica aplicada, no país, desde 1933, pelo Instituto do Açúcar e do Alcool, que disciplina estimulando a fabricação de açúcar e de álcool. De maneira inequívoca esta política tem atendido aos interesses do Brasil assegurando o fornecimento regular de produtos essenciais e permitindo o desenvolvimento, sem precedentes, da produção de cana-de-açúcar e do seu aproveitamento industrial.



A festa da cumieira foi nesse bloco, o primeiro de um conjunto de 11 edifícios de apartamentos.

A PRIMEIRA CUMIEIRA DO PLANO PILÔTO DE BRASÍLIA

COUBE AO Instituto dos Bancários a primazia do assentamento da primeira cumieira em um prédio construído dentro do plano piloto da futura capital brasileira. No dia 22 de março último o acontecimento foi festivamente comemorado em Brasília, tendo presidido a solenidade o chefe do Governo. O sr. Enos Sadok de Sá Motta, presidente daquela instituição de previdência, levou ao Brasil Central numerosos convidados, inclusive da imprensa e do rádio. O prédio, cuja cumieira foi inaugurada, é o primeiro de um conjunto de 11 blocos de 6 andares, que terão 456 apartamentos destinados aos associados do IAPB, que serão numerosos ali, pois desde já vários bancos estão funcionando na futura capital.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Electr. "PRINCIPEHOTEL"



De Adelino Abogan

1. QUANDO, EM setembro de 1957, Adelino Magalhães completou 70 anos, alguns de seus admiradores, reunidos na Associação Brasileira de Imprensa, prestaram-lhe significativa homenagem, através de depoimentos e saudações. Agora tais saudações e depoimentos foram reunidas num pequeno volume, "Adelino Magalhães no Paralelo 70" (1), a que emprestaram sua colaboração Andrade Muricy, Eugênio Gomes, Jayme Adour da Câmara, Murilo Araújo, Povina Cavalcanti, Pizarro Drummond, Afrânio Coutinho, Stefan Baciú, Tasso da Silveira, Paulo Armando e Xavier Placer.

Alguns desses escritores — como Muricy e Tasso da Silveira — foram antigos companheiros de Magalhães, em campanhas literárias passadas; outros, mais novos, fazem parte de um pequeno número a cada dia que passa aumentando, para quem a arte de Adelino Magalhães, delineada em uma série de características inconfundíveis, apresenta-se poderosa e até certo ponto profética. Esse é um livro de homenagem — de elogio, portanto. E bem o merece esse homem hoje, como sempre, afastado de grupos e de capelas — cuja obra, a ser breve reunida e editada pela Aguilar, ainda é desconhecida para tantos. Dos artigos, é justo salientarmos os de Eugênio Gomes e de Afrânio Coutinho.

2. De há muito que se preparava, na Europa (Portugal e Inglaterra), o "Catálogo de Incunábulo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro", há alguns meses aparecido, se bem que com data de 1956. É um livro de grande beleza gráfica, contendo a minuciosa descrição dos cento e oitenta e sete incunábulo hoje recolhidos à Biblioteca Nacional. Os cuidados da edição foram confiados à Editorial Império, lisboeta, a qual mandou confeccionar tipos especiais para tal obra, na Inglaterra. Cuidaram da catalogação e da parte descritiva o já desaparecido professor Emanuel Eduardo Gaudie Ley, D. Rosemarie Erika Horch, D. Vera Leão de Andrade (2).

3. A tragédia "Electra", de Sófocles, acaba de merecer de Mário da Gama Kury uma nova tradução — tradução direta, do original, como já se faz — e já era tempo — entre nós. Sempre nos invocou, com efeito, o fato de nossos es-

critores traduzirem Dostoyewsky do francês, ou Goethe do espanhol. E não faz muito, a José Olímpio lançou uma tradução das "Meditações" de Marco Aurélio que, com quase toda certeza, não foi baseada no original grego.

Porque não conhecemos, em grego, o texto de "Electra", não podemos dizer se a tradução está fiel, no caso de Kury; boa, legível, ela está. É tradução em versos — não em prosa, como o próprio Kury reconhece ser o ideal —, respeitando o mais possível o metro original. O texto vem valorizado por notas elu-



cidativas, a que não quis o tradutor, deliberadamente, emprestar qualquer ranço de erudição (3).

4. Na série "Mestres Espirituais", que a Agir vem publicando há algum tempo, surgiu não faz muito o livro de Henri Marrou "Santo Agostinho e o Cristianismo", em tradução de Ruy Flores Lopes.

Marrou teve ao escrever a colaboração de A. M. de la Bonnardière, e em seu livro examina a vida, a obra e o homem — e acima de tudo examina o Agostianismo através dos tempos, chegando a fazer prognósticos quanto às eras futuras. Completam o livro uma vasta relação de obras desse doutor da Igreja, c

mais uma Orientação Bibliográfica para o leitor que desejar enfronhar-se no mar do pensamento agostiniano — derivado das idéias de Platão, um dos dois grandes ramos do pensamento católico, o outro sendo o tomismo, filho do aristotelismo e vencedor final da peleja como todos sabem.

O livro de Marrou, em apresentação bastante simpática, profundamente ilustrado, é o segundo de uma coleção que já conta atualmente com dez títulos: Maomé, Agostinho, Paulo, Buda, João Batista, Fox, Eckhardt, Sócrates, Moisés e Francisco de Assis (4).

5. Louise Bogan, conhecido crítico americano, teve seu estudo sobre os cinquenta anos que vão de 1900 a 1950 no que diz respeito à produção poética dos Estados Unidos, traduzido para o português (por Manuel Ferreira) e apresentado por conta de "Revista Branca", sob o título "A Poesia Norte-Americana": 1900-1950" (5).

É livro de certo mérito, capaz de dar ao leitor mais apressado uma visão panorâmica da poesia ianque do corrente século — embora com certas sumarizações e omissões incompreensíveis. Sobre Pound e Eliot, por exemplo, Bogan deveria ter se pronunciado com mais vagar; e o nome de Langston Hughes, que não aparece no estudo? Quanto à tradução, não é das melhores, muito embora esteja muito acima daquela que certo senhor A. Codaxa efetuou do estudo de Marcus Cunliffe sobre "A Literatura dos Estados Unidos", há tempos editado também pela "Revista Branca". O livro traz antologia.

1 — "Adelino Magalhães no Paralelo 70". Alba Editôra. Rio de Janeiro, 1957. 39 páginas.

2 — "Catálogos de Incunábulo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro". Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1956. 377 páginas. Com ilustrações.

3 — "Electra", de Sófocles. Tradução de Mário da Gama Kury. Livraria Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1958. 93 páginas. A capa é de Nora Rónal.

4 — "Santo Agostinho e o Agostinismo". de Henri Marrou. Tradução de Ruy Flores Lopes. Livraria Agir. Rio de Janeiro, 1957. 192 páginas.

5 — "A Poesia Norte-Americana", de Louise Bogan. Tradução de Manuel Ferreira. Revista Branca, Rio de Janeiro, 1958. 126 páginas.



No Salão das Rosas, após a realização do G. P. Outono, o dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club, e senhora, diretores e senhoras que prestigiaram a reunião, cumprimentam o titular do Stud Seabra, dr. Roberto Seabra, pela vitória de "Bucarest" na importante prova.

GRANDE PRÊMIO OUTONO

APESAR DE TER sido em um domingo de Páscoa, fim de uma semana que justifica a ausência de grande parte da população para as estações de repouso, o belo Hipódromo da Gávea teve, na tarde de 6 do corrente, uma assistência numerosa e elegante. As arquibancadas tôdas cheias de público entusiasta. As carreiras desenrolaram-se de forma a agradar aos turfistas. Nas pelouses viam-se damas e senhoritas em elegantes toilettes. O Grande Prêmio Outono foi uma festa magnífica, o que faz prever a repetição do belo espetáculo social-esportivo nas futuras reuniões programadas da temporada clássica da nossa maior sociedade turfista.



Flagrante parcial da Tribuna Social do Hipódromo da Gávea na tarde do G. P. Outono. Elementos femininos deram a nota de elegância e distinção ao Outono, como bem mostra (à direita) Miss Elegante Bangu 1957, srta. Sônia Araújo.



Os acontecimentos sociais
cariocas desfilam no programa

CLUBES DA CIDADE



apresentado todos os sábados,
das 20 horas em diante, pela

**RÁDIO
MAYRINK VEIGA**

com Rui Pôrto e o Isaac Zaltman
no comando, numa gentileza da

**CÊRA PASTA
RUBILUX**



★ Uma vez por mês, "Clubes da Cidade" sorteia uma agremiação carioca, oferecendo à vencedora um grande baile animado pela Orquestra Tabajara!

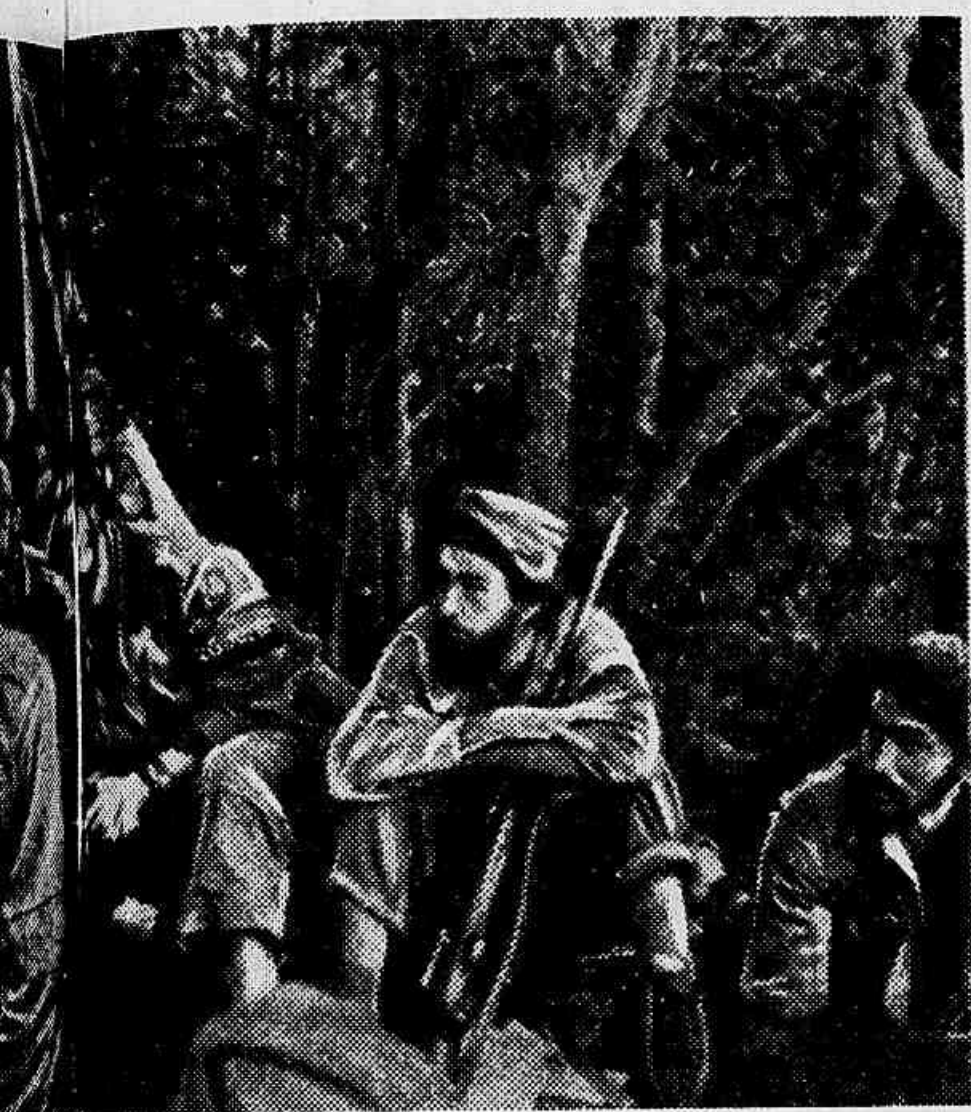
1977

DE OLHO, A BOLA

Um jogo de futebol é uma coisa muito séria. Não se trata apenas de uma brincadeira, mas de uma competição que exige dedicação, esforço e habilidade. Para quem quer se destacar no campo, é preciso treinar muito e com muita disciplina. É para isso que a família precisa estar presente, oferecendo suporte e incentivo. A família é o primeiro e mais importante torcedor de qualquer jogador. Sem o apoio dos pais, o atleta não consegue atingir seu potencial máximo. Portanto, é fundamental que a família esteja sempre presente, acompanhando o jogador em todas as suas atividades e oferecendo o melhor suporte possível. Assim, o jogador poderá se dedicar ao esporte com toda a tranquilidade necessária e alcançar os seus objetivos.



Quando acabou a fuzilaria
Fidel Castro disse:
"Um sem vergonha a menos"



Na Sierra Maestra bombas-relógio marcam os últi

Trata-se não somente de duas mentalidades, mas também de dois sistemas. Batista representa o tipo do ditador encarnado por Pérez Jiménez, Perón, Trujillo, Anastácio Somoza; Castro é o porta-voz de uma juventude democrática, entusiasta, sinceramente empenhada em transformar sua pátria num país onde a luta pela liberdade não seja mais considerada crime.

Exatamente por isto, os dois homens que se enfrentam em Cuba são amparados por forças e governos, cujos interesses representam, e cujos sistemas políticos defendem.

Eis quem apóia Batista:

1. O governo dos Estados Unidos que, apesar do terror reinante em Cuba, e sem tomar em consideração o fato de que o governo Batista é atualmente minoritário, continua enviando auxílio ao ditador, alegando o cumprimento da lei de auxílio mútuo;

2. a ditadura de Luís Somoza Debayle, herdeiro de Anastácio Somoza, que até agora enviou a Havana vários carregamentos de armas dos excedentes da Guardia Nacional nicaragüense;

3. Trujillo que, sobretudo durante as últimas duas semanas, enviou para Cuba vários aviões de transporte carregados de armas e munições, sob o controle direto de um alto funcionário dominicano, que supervisionou a ponte aérea São Domingos — Havana;

4. gangsters norte-americanos contratados por Batista, e que atualmente desenvolvem em Cuba dois ramos de atividades: contrabando de armas e controle dos cassinos.

O auxílio destas forças, porém, seria inútil se Batista não tivesse apoio incondicional do Exército e da Polícia que, numa verdadeira guerra de extermínio, estão empenhados em destruir a juventude cubana e todas as correntes de oposição, desde o "26 de julho", até os tradicionais partidos políticos de Ramón Grau San Martín e Carlos Prío Socarras.

Em troca destes favores, Batista comprometeu-se a auxiliar da seguinte maneira seus colaboradores: assegurando enormes vantagens econômicas aos EUA; proibindo qualquer atividade dos desterrados nicaragüenses e dominicanos residentes em Cuba; comprometendo-se a entregar seus dirigentes aos ditadores que os perseguem, numa flagrante violação do direito de asilo (a propósito lembra-se o caso do escritor e líder político antitrujillista Juan Bosch, obrigado a asilar-se na Embaixada da Venezuela, em Havana, depois que Batista recebeu as primeiras armas de Trujillo); concedendo lucros extraordinários aos gangsters e facilitando o ingresso no território cubano dos bandidos perseguidos pelas autoridades norte-americanas, como foi o caso de vários membros da quadrilha de Anastasia; transformando o Exército e a Polícia em uma casta privilegiada, gozando de favores sem igual, recebendo, além de polpudos ordenados, toda espécie de facilidades, como importação de carros, TV e geladeiras a preços irrisórios.

Enquanto isto, Fidel Castro, que já conseguiu transformar a Província de Oriente num baluarte revolucionário, apóia-se nas seguintes forças:

1. A juventude sem distinção de cor política, que aderiu em massa ao "26 de julho", que, antes de ser um partido político comum, é uma organização patriótica;

2. os desterrados cubanos radicados nos Estados Unidos, extremamente numerosos (somente em Nova Iorque vivem mais de 50 mil adversários de Batista), que prestam seu auxílio moral e material ao dirigente rebelde, por meio de manifestações públicas e coletas de dinheiro, constituindo uma reserva quase inesgotável;

3. os partidos de oposição, que, vencendo suas adversidades, prestam apoio ao líder revolucionário até a vitória final. Deste ponto de vista, convém salientar que Fidel Castro conseguiu, até certo ponto, criar uma frente única em cuja existência ninguém ousava acreditar até o desembarque rebelde em Cuba (outubro de 1956);

4. certos governos da América Central, que até agora ninguém apontou diretamente, por não existirem provas neste sentido. Além disto, chefes de estados democráticos, como o costarricense José Figueres Ferrer e o hondurenho Ramón Villeda Morales, prestam seu apoio moral à causa da democracia, recusando-se a colaborar com os Batista, Trujillo e Somoza;

5. uma corrente de opinião pública nos Estados Unidos, liderada — entre outros — pelo deputado Charles O. Porter, pelo chefe socialista Norman Thomas, pelo professor Robert J. Alexander, que, em atos públicos e artigos estampados em revistas como "Iberica", "New Leader", etc., tiram a máscara da "democracia" de Batista;

6. finalmente, a Sociedade Interamericana de Imprensa e a Organização Interamericana de Trabalho (OIT), cujo dinamismo é o costarricense Luís García Monge, empenhado ativamente em combater todas as ditaduras, e que, após a queda de Jiménez e Rojas Pinilla, está travando guerra sem quartel contra o regime de Fulgêncio Batista.

São estes os dois campos que se enfrentam.

Batista pretende realizar eleições em novembro próximo, para instalar no poder seu colaborador Rivas Agüero, candidato situacionista. Até então, porém, há pouquíssimas chances para que o regime corrompido se mantenha no poder, e a única solução que poderá tirar Cuba do caos e da anarquia é um governo provisório, chefiado pelo magistrado Manuel Urrutia Lleó.

Na Serra Maestra e nas cidades de Oriente, bombas relógio estão, implacavelmente, contando os dias de Batista, que, mais cedo do que espera, acabará caindo.

2 — GUERRILHAS NO PARAGUAI

O Paraguai já tem seu Fidel Castro. Chama-se Javier del Campo, e estabeleceu seu QG nas florestas do sul do país, perto da localidade de Amambay. Isto significa que as dificuldades que o general Stroessner está enfrentando, aumentarão, pois nada é capaz de enfraquecer mais uma ditadura esgotada, do que uma luta de guerrilhas.

Os primeiros choques registrados entre as forças rebeldes (que, conforme anuncia "La Prensa", de Buenos Aires, contam com aproximadamente mil homens) na localidade paraguaia de Coronel Begado, resultaram em três mortos, mas a força rebelde conseguiu escapar aos perseguidores, internando-se na selva.

O governo de Assunção, empenhado em construir o que chama de "pátria grande", e segundo antiga receita, anunciará agora que Javier del Campo não passa de "instrumento do Kremlin" e que "recebe dinheiro dos comunistas argentinos".

A realidade, porém, é a seguinte: os revolucionários paraguaios, cujas atividades aumentarão brevemente, agem por conta própria. Os partidos de oposição, liberais e febreristas, nada sabem a respeito dos planos do dirigente rebelde que, seguramente, contribuirá para a queda do ditador.

3 — MUDANÇAS NA IUGOSLÁVIA

Na Iugoslávia está sendo realizada uma reforma governamental. Um dos principais visados foi o dirigente sindical Djuro Salai, substituído por Svetosar Vukmanovich-Fempo, íntimo amigo de Tito. Não se trata, naturalmente, de expurgo de tipo soviético, pois Tito usa métodos um tanto diferentes. De qualquer maneira, o marechal está fortalecendo sua posição pessoal, já que nenhum componente do grupo Rankovitch-Kardel-Popovitch será atingido pela remodelação.

Ao mesmo tempo, deve ser registrado o encontro secreto Tito-Kruschev realizado, a pedido de Kruschev, em terri-

últimos dias de Batista

torio iugoslavo, durante a visita que o primeiro ministro soviético fez à Hungria.

Kruschev, empenhado em obter uma revisão da política exterior iugoslava no que concerne às relações com a Rússia, mostrou-se disposto a fazer amplas concessões, mas o ditador iugoslavo não deu nenhuma resposta positiva, proibindo inclusive a publicação de um comunicado conjunto, que teria significado uma reviravolta nas relações políticas do Leste.

Enquanto Moscou não quer dar seu beneplácito à política de "neutralidade ativa". Tito não se mostra disposto a aceitar conselhos e sugestões do Kremlin, mantendo sua posição equidistante entre o Leste e o Oeste.

4 — REABILITAÇÃO NA HUNGRIA

Um aspecto verdadeiramente sensacional da visita que Kruschev realizou a Budapeste, foi o discurso em que reabilitou, com grandes elogios, a principal figura da "comuna húngara", Bela Kuhn, executado por ordem de Stalin durante os grandes expurgos.

Kuhn foi uma das mais sinistras personagens do comunismo internacional, íntimo amigo de Ana Pauker, e durante a fase gloriosa do Komintern, chegou a ser, ao lado de Kurt Neumann, um dos seus mais conhecidos militantes — e incondicional adepto de Stalin.

A reabilitação de Kuhn significa, sobretudo, a condenação de seu mais ferrenho inimigo, Matyas Rakosi, ex-premier da Hungria até o outono de 1956, e que atualmente vive desterrado nalgum lugar da Rússia.

5 — RECONCILIAÇÃO NO PERU

Podemos anunciar, em absoluta primeira mão, a reconciliação de dois importantes políticos peruanos: Victor Raul Haya de la Torre e Eudocio Ravines.

Durante sua mocidade, Ravines foi intimamente ligado a Haya, fazendo parte do primeiro grupo aprista em Paris, junto com o poeta César Vallejo, já falecido.

Em seu livro "La Gran Estafa", Ravines relata toda esta fase, mas ataca rudemente o líder aprista e sua linha política. Já houve uma época, muito recente, em que Ravines era taxado em Lima por todos os aderentes de Haya, de "traidor". Hoje parece que a palavra foi eliminada do dicionário, e que a colaboração de outrora será recomeçada.

6 — MERCADO COMUM

Estêve reunida em Santiago do Chile a CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina), estudando as possibilidades de criação de um mercado comum latino-americano.

Embora ainda seja muito cedo para examinar o assunto como uma probabilidade ligada ao futuro próximo, existem certos fatores que permitem que o assunto seja encarado com certo otimismo. Será, porém, preciso realizar trabalhos preliminares muito sérios, incentivando as relações econômicas e comerciais entre os diversos países do Continente e contribuindo para a destruição das barreiras existentes atualmente.

Como primeira medida positiva, deve ser transformado em realidade o mercado comum centro-americano, preconizado pelos presidentes Ydigoras Fuentes, da Guatemala, e José Maria Lemus, do El Salvador. Somente depois que esses mercados regionais sejam uma unidade econômica viva, o mercado comum em maior escala poderá ser encarado como uma possibilidade concreta.



INSTITUTO BIOLÓGICO
DO RIO DE JANEIRO, LTDA.

Caixa Postal nº 1.202

APRENDA A DANÇAR



CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias,
pelo moderno método do
Prof. Gino Fornaciari, autor
do livro «Como Aprender a
Dançar», já em 9ª Edição,
melhorada, contendo 140 grá-
ficos, que permite a V. S.
aprender em seu domicílio,
sem professor. Faça seu pe-
dido, pelo Reembolso, à Cai-
xa Postal, 649 — São Paulo.
Cr\$ 120,00. — Encontra-se
também à venda em todas as
livrarias do Rio e de São
Paulo. O Prof. Gino Fornaciari
mantém um curso espe-
cializado de Aulas Particula-
res, diariamente, das 9 hs.
às 22 hs. à Avenida Liberdade,
120 — 2º andar — conj.
8 — São Paulo.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON nº 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BEL-HORMON»

Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

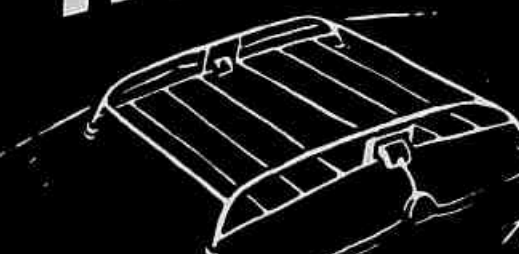
Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

Loção
XAMBU

DA BELEZA
E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO



"Mil" lhe oferece:



PORTA MALAS
SUPER LUXO
CROMADOS-PINTADOS

REMOVIVEL - COLOCAÇÃO FÁCIL

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO

Só na
Mil

EXPOSIÇÃO DO MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO

Reportagem de JAGUAR



KENOIR



VAN GOGH



PICASSO



BAH!



RAFAEL

Sabe que um
quadrinho desses custa mais
de 50 contos?

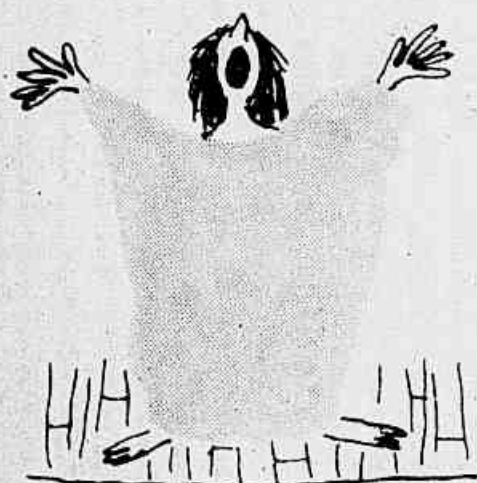
DAUMIER



Note a composição sábia,
equilibrada...
A suavidade de cores...
O jogo de luz e sombra... A
virtuosidade no
tratamento dos detalhes...
A delicadeza dos matizes...
Delírio a
placenta desse camarada!



NATHAN, O CRÍTICO



J.

O TEATRO AMERICANO perdeu na semana passada um homem que muito contribuiu para a atual posição da dramaturgia americana. George Jean Nathan surgiu na cena para derrotar as pecinhas que minavam nos teatros da Broadway por volta da primeira década deste século. No começo de sua carreira, foi um ardoroso advogado de Ibsen e Strindberg, preparando terreno para os novos valores, combatendo com violência a falta de inteligência e gosto de autores então em voga. Atuou em inúmeros jornais e revistas como crítico, além de escrever muitas obras sobre teatro, inclusive contribuições para a Enciclopédia Britânica. Suas críticas, agressivas e cheias de mordacidade, tinham enorme influência nos meios teatrais, merecendo a admiração de expoentes da literatura mundial contemporânea, como Thomas Mann, Lin Iutang, etc.

A título de curiosidade, transcrevemos o início de uma sua crônica, datada de 1951, sobre "The Moon is blue", a comédia de Hugh Herbert, que já foi exibida no Brasil com o título de "Bife, Bebida e Sexo":

"A rainha Vitória não hesitou em expressar a sua decepção comigo. "O jantar, concordo, foi bastante bom; você soube escolher bem. Mas você prometeu levar-me a uma comédia moderna americana, onde eu pudesse aprender as fundamentais modificações morais nos espetáculos desde o meu reinado. E no

entanto, o que fez você? — indagou a rainha. — Levou-me a algo chamado "The Moon is blue", que, meu jovem, é tão ingênuo e mesmo "old fashioned" até para os meus dias. Se tivesse levado meu filho Edward para ver esse espetáculo, ele me teria olhado com tamanho espanto, como se eu fizera uma pilhéria com ele..."

George Jean Nathan morreu aos 76 anos.

CONCHITA MASCARENHAS

Muito fraca a "revuete" que Luís Iglésias e Mário Meira Guimarães escreveram para a atual companhia que ocupa o Teatro Rival. O texto obedece às mesmas tolices habitualmente exploradas e o espetáculo, apesar de contar com o inegável talento de Grande Otelo, tem a seu desfavor Conchita Mascarenhas "travestida" de vedeta. Essa moça é simplesmente bonita e bem proporcionada fisicamente, mas sem presença em cena, voz ou qualquer outro atributo artístico. As "girls" são heterogêneas e mal ensaiadas. Os números musicais também deixam muito a desejar. Fiel a uma "tradição" que há algum tempo vem acontecendo no teatro de revista brasileiro. "Que Pedaco de Mau Caminho" conta com o indefectível número de pastistas negros, que, apesar de batidíssimos, é das coisas aproveitáveis do espetáculo. Grande Otelo tem um monólogo engraçado e faz uma imitação da cantora Maysa Matarazzo que, apesar de ser um número divertido, nem sequer lembra a cantora.

INTERNACIONAIS

HÁ APROXIMADAMENTE um ano estreou em Nova Iorque "Visit to a small planet", em cujo texto o autor, Gore Vidal, imagina um homem vindo do espaço, de uma civilização avançadíssima e que se diverte com a nossa estreiteza e mentalidade mesquinha. O homem consegue inclusive ler os pensamentos dos pobres terráqueos, conversar com animais, etc. Essa peça, a bem dizer, não fez grande sucesso na Broadway, mas já está programada para estrear em Paris. Na criação de "Visit to a small planet", o excelente ator inglês Cyril

Ritchard fez o principal papel, além de dirigir o espetáculo.

NO NÚMERO de março da publicação americana "Theatre Arts", há uma reportagem fotográfica intitulada "Around the World in Eleven Plays", com cenas de peças representadas em onze países. O Brasil (o único, aliás, das Américas) está representado por uma cena de "Hamlet", vendo-se Sérgio Cardoso entre Jurandir Mendes (Rosencrantz) e José Mizziara (Guildenstern).

EM MARÇO houve um grande acontecimento no Teatro Scala de Milão, com a adaptação à ópera da "Morte na Catedral", de T. S. Elliot, feita por Ildebrando Pizzeti. Os críticos foram unânimes em aclamar o autor, o principal intérprete (Nicolas Rossi Lemeni) e a nova ópera, como a "sensação da temporada lírica".

"Preces a Jesus", de Diego Fabri, foi moderadamente saudada pela imprensa parisiense, adaptada por Thierry Maulnier. A maioria dos padres convidados para o espetáculo aprovou-o, enquanto os críticos apontaram excesso de palavras na segunda parte da obra italiana.





Marque um encontro
com os fatos da semana
lendo o **NOVO**

mundo
ILUSTRADO

O Brasil e o Mundo
estão semanalmente presentes nas
páginas do "Mundo Ilustrado"
através o depoimento de uma grande
equipe de reporteres nacionais e
estrangeiros.

Todo impresso em rotogravura. Maravilhosas páginas em cores.

Os melhores cronistas. Colaboradores selecionados.

assim é o novo mundo ilustrado

Organização do

Diário de Notícias





Alguns acadêmicos voltaram a falar, esta semana, na possibilidade de lançar o nome de Gilberto Freyre, dispensando-o de ap

GILBERTO FREYRE:

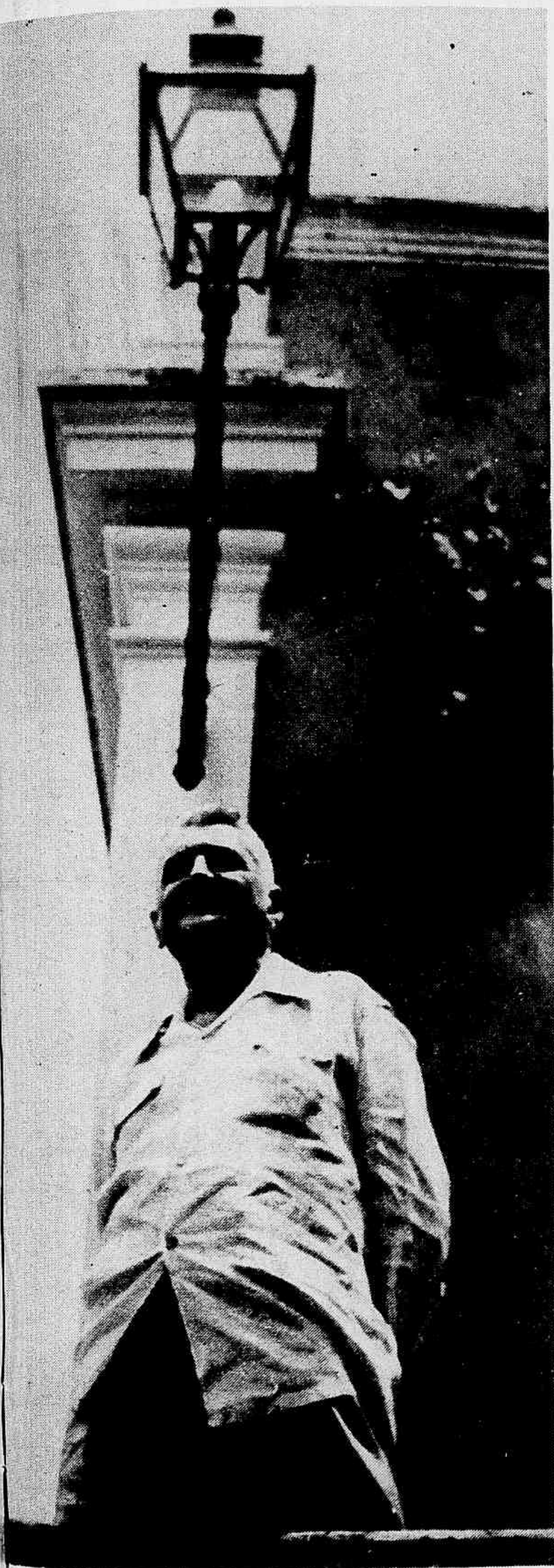
“EU TAMBÉM SOU PRES

— E A ACADEMIA ?

— A de Letras? Não sou candidato, mas ficaria muito honrado se ela me fizesse, por iniciativa própria, um dos seus membros. Muita gente acha absurdo e diz que eu quero ser um novo Getúlio, "mas que Getúlio era presidente". Mas a verdade é que também sou um presidente — o do Riacho da Prata Futebol Clube, de Apipucos.

O presidente do Riacho da Prata é Gilberto Freyre.

"Acabo de completar 58 anos. Nasci no Recife e não em Recife, numa velha casa que já não existe. No lugar onde ela estava está hoje o inexpressivo palacete de Costa Azevedo o famoso "Tenente" da Catende, que melhor serviço teria prestado à cidade se tivesse consertado a velha casa. Também cresci no Recife; mas sem ter deixado de ser um pouco menino de engenho, no Engenho São Severino do Ramo ou dos Ramos. Nos canaviais desse engenho de parentes meus ouvi contar, aterrorizado, — eu era ainda muito menino — que se escondera o terrível Cabeleira, o do



ando-o de apresentar-se candidato.

RESIDENTE"

"Fecha a porta, Cabeleira eh — vem
Pegando mulheres, meninos também"

quando perseguido pela Polícia:

"Cada pé de cana
era um pé de gente".

Anos depois, conversando em Nova Iorque com Serge Lifar, que conheci em Paris, contei-lhe pelo miúdo a história do Cabeleira e falei-lhe do passado dos engenhos e dos canaviais de Pernambuco e do Brasil (que lhe lembraram um tanto a antiga Rússia) e disse-lhe que aquilo de

"Cada pé de cana
era um pé de gente"

parecia-me boa sugestão para um bailado em que as canas batidas pelo vento se transformassem em gente dançando e em almas penando.

Lifar achou ótima a idéia, cheia, na verdade, de possibilidades dramáticas. Ficou com um grande desejo de vir ao Brasil fazer comigo um "Ballet da Cana de Açúcar". João Alberto — que aproximei de Lifar — prometeu financiar o projeto. Mas ficou tudo em idéia.

Meu amigo Villa-Lôbos ainda pensa em fazer coisa semelhante: uma interpretação musical do Brasil pelas regiões. Eu escreverei, por sugestão dele, o texto. Se isso se realizar procurarei dar expressão a uma velha idéia, associada a um dos meus grandes medos de menino: o de terríveis Cabeleiras escondidos no verde dos canaviais. Verde que para mim nunca foi apenas lírico e inocente mas cheio de drama, de mistério e de pecado".

"Acho sempre curioso que nas minhas viagens pelo estrangeiro nunca me identifiquem como sul-americano — eu que me considero tão brasileiro. Sou tomado freqüentemente por espanhol, italiano, húngaro, persa; e algumas vezes por grego, sírio, turco, árabe e judeu. Devo ter nos olhos o reflexo de povos antigos.

Em Nova Iorque já fui saudado de público, em banquete, por um venerando rabino, como descendente quase certo de judeu sefardim, dos que estiveram no Recife no Século XVII; o que considerei honroso.

Em Oxford, a boa velhota da casa onde morei, perto de Christ Church, estava certa de que eu era, além de persa, príncipe. Creio que nunca se convenceu de que eu fôsse brasileiro, mesmo porque para aquela excelente inglesa, o Brasil não existia. Existia a Pérsia e existiam príncipes morenos na Pérsia e eu devia ser um deles.

Na Espanha, Jimenez Caballero achou em mim a imagem dos gregos do tempo de Ulisses, invasores de Portugal. Entretanto em São Paulo, uma vez, José Lins do Rêgo e eu fomos tidos por um bom homem meio alarmado, por criminosos italianos ou sírios (já não me lembro bem) procurados pela Polícia por um terrível crime.

As aparências muitas vezes enganam. Também já me aconteceu ser tomado por artista de cinema: uma tarde, há anos, no Rio, diante do olhar invejoso de meu fraternal amigo Cícero Dias, umas lindas normalistas acharam que eu era galã; outra vez, na praia de Boa Viagem, fui tomado por artista por umas senhoras do interior. A experiência de ser confundido com artista de cinema não é de todo desagradável. Desagradável foi ouvir uma vez, como eu ouvi, num hotel do Estado do Rio, uma senhora, que me disseram depois ser parenta do meu amigo Oswaldo Aranha, dizer a meu respeito para as pessoas com quem conversava: "Será que esse "turco" está nos compreendendo?"

Nesse tempo eu tinha bigodes muito pretos, mas que os meus amigos consideravam proustianos. A indiscreta senhora considerou-os de "turco de prestações".

"Ah; foi no Rio. Eu já era solteirão e ela tinha 20 anos. Tive imediatamente a certeza de que estavam findos meus dias de boêmio. E estavam; hoje ela é minha mulher".

"Últimamente tenho ido todos os anos, e sempre a convite, à Europa e aos Estados Unidos. Principalmente à Europa. Só quando viajo com a família inteira deixo no fim dessas

viagens de trazer divisas para o Brasil: honorários de Universidades e direitos autorais que me pagam com regularidade por edições estrangeiras de meus livros meus editores europeus e americanos, com exceção do italiano Fratelli Boccia, que idiotamente (por insinuação de diplomatas brasileiros mal informados) preferi a Einaudi. Sou assim, em ponto muito pequeno, o que o café é em ponto muito grande: um artigo brasileiro de exportação que em vez de dar prejuízo dá divisas ao Brasil.

Ao Rio já não vou há 4 ou 5 anos; e nenhum sente a falta do outro. Talvez vá este ano ao Rio, a Manaus e a São Paulo, desde que a obrigação de permanecer no Brasil para corrigir provas de livros já atrasados, para o meu editor José Olímpio, e outros motivos particulares me impedem de ir à Europa.

O convite que este ano deveria levar-me à Europa é um dos mais honrosos dentre os que tenho imerecidamente recebido do estrangeiro nos últimos anos. Convite do Governo belga para proferir conferências na Universidade de Bruxelas juntamente com o professor Jacques Maritain e também do reitor da mesma universidade para participar de um conclave de professores de vários países sobre os temas: "Idéia da vida", "idéia da duração histórica" e "idéia da justificação moral". Trinta pensadores do Ocidente e do Oriente foram convidados para esse congresso de filosofia, cujo fim é procurar uma síntese de atitudes orientais e ocidentais em torno daquelas três idéias. Em Bruxelas deveria também participar da reunião do Conselho Diretor do Instituto Internacional de Civilizações Diferentes, Conselho de que tenho a honra de ser membro".

"No Brasil meu principal amigo foi José Lins do Rêgo. Tenho felizmente outros amigos brasileiros além dos estrangeiros — os dos meus dias de estudante de universidade no estrangeiro — que muito prezo. Entre eles, no Rio, Manuel Bandeira, Prudente de Moraes Neto, José Olímpio Pereira, Rodrigo de Andrade, Gastão Cruls, Lúcia Miguel Pereira e Otávio Tarquínio, Silva Melo, Aníbal Freire, Villa-Lôbos, Odilon Ribeiro, Paulo Inglês de Sousa. Vários outros. Em São Paulo, Osmar Pimentel e Sérgio Buarque, para só falar nesses. Vários no estrangeiro e aqui pelo Norte e também na África e no Oriente. O que sou é fraco na amizade epistolar".

"Sou pró-Brasília. É alguma coisa de aliciante para quem tem, como eu tenho ainda, o espírito de aventura. Regozijo-me com o fato de estarem à frente de suas obras de arquitetura e de planejamento urbano dois brasileiros de extraordinário valor: Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. O que não compreendo é que Brasília esteja se erguendo sem serem ouvidos cientistas sociais, estrangeiros ou brasileiros. É um descuido sério da parte dos seus organizadores, a começar pelo presidente Juscelino Kubitschek".

"Acompanho atualmente a política brasileira do mesmo modo que a estrangeira, com especial atenção, pois atravessamos uma época interessantíssima. Não me parece de todo má a idéia de irritarmos um pouco os Estados Unidos. Os argentinos têm seguido esse método com algumas vantagens práticas. Inclusive a de terem obtido apoio para um seu candidato ao Prêmio Nobel: apoio negado a um candidato brasileiro. Pessoalmente, entretanto, sou um entusiasta dos Estados Unidos."

"Do ponto de vista urbanístico o Recife de hoje é uma lástima. A arquitetura civil, honesta e de caráter — a dos velhos e altos sobrados, com alguma coisa de norteuropéia a distingui-los — está desaparecendo sem que a substituam prédios que combinem a modernidade com a tradição: a boa tradição regional. Felizmente as igrejas e os conventos continuam de pé; e também algumas casas de residência: inclusive as que se transformaram em sedes do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e do Centro de Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação.

Quanto a pintores, o Recife está hoje com um grupo admirável: é pena que esses pintores não encontrem arquitetos que levantem edifícios dignos dos seus murais. Interessantíssimos são, no Recife de hoje, os seus jovens poetas, os seus jovens novelistas, contistas, teatrólogos, críticos lite-

ni-
ri-
res
elli
si-
em
le:
re-

alta
São
ara
itor
lem

um
ece-
rno
Bru
ém
um
nas:
da
do
ofia,
is e
de-
do
elho

êgo.
ran-
e no
nuel
eira,
ra e
ôbos,
Em
falar
abém
zade

quem
ozijo-
rqui-
raor-
não
erem
um
neçar

esmo
aves-
todo
Os
agens
a seu
lidato
a dos

uma
a dos
ropéia
ituum
ão: a
ventos
ência:
stituto
Pes-

admi-
nitetos
essan-
as, os
lite-

"MEU
CASAMENTO
COM
A ACADEMIA
SERÁ
DE AMOR
E NÃO POR
INTERESSES"



"Se Getúlio, por ser presidente, foi dispensado, eu também posso ser".

rários, cientistas sociais. Um deles, Gonçalves de Melo, está agora na Holanda, onde já descobriu documentos importantes sobre o Brasil. E continua ativo, vibrante e jovem de espírito, aquele que talvez seja o maior jornalista recifense de todos os tempos, e um dos maiores do Brasil: Aníbal Fernandes."

"Repito o que já tenho dito várias vezes, quando provocado sobre o assunto: se as Academias vierem a mim, como nas histórias da Carochinha fazem as fadas com os pobres coitados, eu me sentirei honrado. O Instituto de França já deu mostras de querer fazer isto com o obscuro de mim, por iniciativa dos sábios Febvre, Gurvitch e outros grandes mestres. Sou um pobre coitado que nunca, em toda a sua já longa vida, se candidatou a coisa alguma: posição, vantagem ou honra. Pretendo continuar fiel a essa norma. O que não compreendo é que alguns intelectuais se tornem grosseiros comigo por causa dessa minha caturrice inofensiva."

Sugestões de acadêmicos ilustres para apresentação de minha candidatura à Academia Brasileira de Letras, tenho

recebido várias. Algumas, acompanhadas de garantias de votos de fulano, de sicrano e de beltrano. O meu querido amigo Aníbal Freire não é o primeiro a fazê-las. Fernando Magalhães foi talvez o mais insistente. Mostrou-me até as vantagens práticas de ser acadêmico. Quando eu lhe disse que, não residindo no Rio, essas vantagens não me alcançariam, ele observou: "Mas a Academia faz sempre o enterro dos seus membros, não importa o lugar onde eles morram". Era uma vantagem sedutora.

Mesmo assim, não me afastei da caturrice de não me apresentar candidato à Academia Brasileira de Letras. A conversa com Fernando Magalhães foi já há anos. Com a idade, as caturrices se tornam mais sólidas nos caturras e nesse ponto eu sou um caturrao.

Nada, porém, de me confundirem com inimigo da Academia. Não sou. Respeito e admiro essa instituição. Se não preciso dela, também ela não precisa de mim. Se nos unirmos um dia, será um casamento de amor, e não por interesse".

MATÉRIA DE INTERÊSSE HUMANO

BRETT
HALLYDAY

NOVELETA POLICIAL — I

O SENHOR QUER uma história de interesse humano sobre a execução de amanhã para o seu jornal? Um homem está para embarcar sem passagem de volta na cadeira elétrica e só o que o senhor vê nisto é uma reportagem de primeira página!

Eu sei, naturalmente, que esse é o seu trabalho. Nunca censuro um homem por cumprir suas obrigações. Fechei a boca até agora por causa de Sam; mas acho que ele não há de se importar depois que a corrente fôr ligada naquele quartinho escuro.

O senhor tem razão. Há uma boa história que ainda não foi contada. Suponho que é o que vocês chamam de matéria de interesse humano.

Eu sou a única pessoa que pode lhe contar toda a verdade. Eu e mais outro. Mas é quase certo que o outro não vai dizer nada para ser publicado.

Contarei tudo se o senhor me promete reter a história até que torçam o comutador, amanhã de manhã. Eu não gostaria que Sam se zangasse comigo por ter contado.

Sim, há uma lacuna inexplicada desde que o assassino de Bully Bronson cruzou o Rio Grande em direção ao sul até que ele voltou para ser cozinhado na cadeira.

Muita coisa pode acontecer em cinco semanas. Uma porção de coisas, moço.

É engraçado como tudo conspirou para nos aproximar, Sam e eu. Não parece ter muito sentido a história mas assim são as coisas — ao sul da fronteira.

Aquela manhã eu fui dar com os costados no acampamento de construção da estrada de ferro. Estava precisando urgentemente de um emprêgo, e não me importava qual fôsse.

O engenheiro americano, Hobbs, tinha caído de cama com desinteria tropical, e estava de viagem para um hospital aqui nos Estados Unidos. Ele tinha um ajudante a quem tencionava deixar encarregado dos trabalhos, mas o rapaz era

novo no México, e, justamente na véspera da minha chegada ao acampamento, tinha caído na farra e tomado bastante tequilla para cometer o erro de insultar uma moça mexicana.

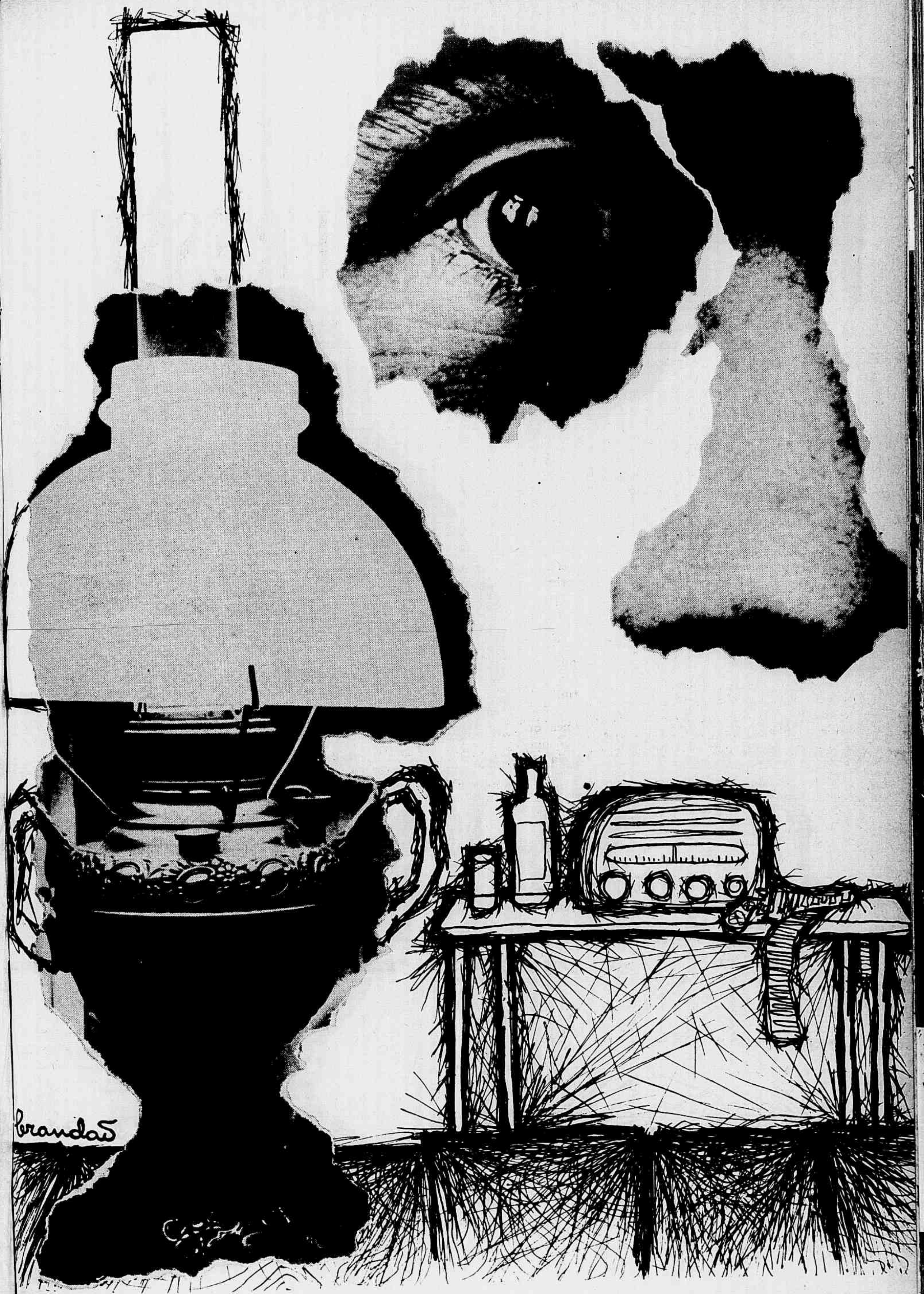
O pai da moça fêz-lhe sair toda a tequilla do estômago com uma faca, deixando-o em mau estado para tomar conta de um trabalho de construção.

Com uma febre de quarenta graus e meio, Hobbs se achava num apêrto quando eu apareci no acampamento. Eles estavam aterrando o último trecho para assentar a estrada de ferro que devia ligar St. Louis com a costa ocidental do México e com o Oriente por via marítima. E faltavam seis semanas para começar a estação das chuvas.

Isso queria dizer que o atêrro e os boeiros deviam estar prontos dentro de seis semanas, senão... O último trecho do leito passava através do vale ao sul de Terlingua, onde desce muita água das montanhas durante a estação chuvosa.

E havia algo mais do que a simples necessidade de terminar antes das chuvas. A história de St. Louis México & Asiatic Railroad tinha começado uma porção de anos atrás, com um grupo de homens de St. Louis que sonhavam ter uma linha de comunicação direta entre a cidade e o Oriente. Conseguiram fundos para a realização de seu sonho, e principiaram a construir a S.L. & E.A. dos dois extremos para o centro. Aconteceu alguma coisa — esgotou-se o dinheiro, suponho — e a construção foi interrompida a cem milhas ao norte da fronteira, do lado americano, e a duzentas milhas ao sul da fronteira, do lado mexicano.

Durante quarenta anos a linha esteve confiada à administração de síndicos, e esse intervalo de trezentas milhas era a diferença entre um sonho e a realidade. No ano passado conseguiram dinheiro, não sei de onde, e começaram a cobrir aquele intervalo.



Agora estava reduzido a quatro milhas, e ninguém pode censurar Hobbs por agarrar pelos cabelos a primeira oportunidade de terminar aquele atêrro antes que viessem as chuvas e os retardassem por mais seis meses.

Sim, foi justamente o que ele fez. Perguntou-me algumas coisas para ver se eu conhecia o trabalho e me deixou encarregado das obras.

Levaram-no ao meio-dia, numa ambulância Ford, e o ajudante morreu às quatro; a faca do mexicano tinha tirado mais que o excesso de tequilla do estômago dele. Assim, eu fiquei sendo o único responsável pela terminação do trabalho. Um trabalho a que eu não tinha sido apresentado formalmente, uma turma exclusivamente mexicana de duzentos condutores de mulas, um atêrro de quatro milhas com boeiro de drenagem por construir — e a estação das chuvas a ameaçar a paralisação de tudo.

Passei toda a noite na barraca de Hobbs, com um lampião de gasolina, pendurado no teto, examinando as plantas e a caderneta de campo.

Começamos a mover terra pela manhã e eu tratei de me pôr em dia com o trabalho imediatamente.

OS MEXICANOS são engraçados. Eu preferia ter uma turma de trabalhadores mexicanos a qualquer outra, para executar um trabalho; mas é preciso dar ordens a todo momento. O que eles não têm é iniciativa. São capazes de fazer, e fazer bem, qualquer coisa que se mande, mas é preciso mandar ou não fazem coisa nenhuma.

Antes que passasse a metade da manhã eu já estava ficando maluco. Tinha colocado um trânsito no meio do trecho, e um nível em cada uma das extremidades do atêrro que estávamos levantando pelos dois lados.

Correr de um instrumento para outro; determinar alguns pontos de inflexões com o teodolito; correr para assentar algumas balizas numa das extremidades do atêrro; depois voltar à outra extremidade para repor as estacas arrancadas por um carreiro descuidado — aquilo me deixava tonto. Com duzentas parelhas a mover terra todo o tempo, o senhor compreende, e eu tinha de fazer que elas continuassem em atividade.

Eu estava parado junto de um nível, amaldiçoando o meu auxiliar mexicano que segurava a mira de cabeça para baixo quando ouvi uma voz mexicana atrás de mim:

— O senhor não precisava de mais um engenheiro, Mister?

Uma oferta de um milhão de dólares não teria sido tão agradável naquele momento. Empurrei para trás o chapéu e enxuguei uma mistura lodosa de suor e pó que tinha na testa. O homem estava montado numa égua mansa, olhando para mim. Tinha um chicote de couro branco e camisa branca, mas parecia à vontade na sela texana.

Os olhos dele eram azuis e pareciam de fogo. Não piscou enquanto eu fiquei

ali parado, olhando-o. Devia ter uns trinta anos e a cara estava daquele vermelho de queimadura do sol, que se nota num homem logo depois que ele desce para o sul do Rio Grande e se expõe pela primeira vez ao calor escaldante do México.

Eu não sabia bem o que pensar dele, mas fiz apenas uma pergunta:

— Sabe lidar com um nível?

Ele desceu da sela para a terra fôfa do atêrro e se aproximou de mim. Havia uma saliência embaixo da camisa, do lado esquerdo. Eu já tinha visto muitos coldres de tiracolo, e sabia o que era. A maneira como ele se chegou para o nível, espiou pelo telescópio e enfocou o instrumento era toda a resposta que eu precisava.

Pode-se dizer, pela maneira como um homem se aproxima dum tripé, se ele conhece o trabalho ou não. É uma questão de reparar na posição dos três pés e não se chegar muito perto para pôr o instrumento fora do nível.

Ele não conhecia a língua dos mexicanos, mas pode-se fazer o estaqueamento do "grade" só por meio de sinais. Eu entreguei-lhe o livro de notas com as cotas de cada estação e disse-lhe que pusesse mãos à obra.

Antes de me dirigir à outra extremidade do atêrro, perguntei-lhe o nome.

Ele me olhou firme e respondeu:

— Pode me chamar simplesmente Sam.

A mim pouco se me dava. Tê-lo-ia chamado até de "meu bem" se ele quisesse. Estava tão satisfeito de conseguir ajuda que não me importava de saber quantas crianças ele tinha estrangulado aqui nos Estados Unidos.

Respirei fundo três vezes e fui embora. As coisas começaram a tomar forma quando tive tempo de estudar as plantas e me orientar. Com Sam manejando um dos instrumentos, senti que o trabalho ia para adiante.

Aquela noite, à hora de largar o trabalho, tudo ia às mil maravilhas. Vi que ia ser canja terminar tudo antes de seis semanas se Sam não me abandonasse. Foi o que eu disse a ele, depois de uma refeição de frijoles com chile e tortilhas que o cozinheiro nos serviu.

Estávamos sentados na barraca, e Sam inclinou a cabeça sem dizer nada. Ele estava cansado, com queimadura no rosto cor de brasa, agora. Curvou-se no catre e ficou entretido lá com os seus pensamentos.

Eu me levantei e comecei a mexer no rádio, um aparelho de bateria que Hobbs tinha deixado. Pus o rádio para funcionar e sintonizei um programa de notícias de uma estação de Fort Worth. A voz do locutor quebrou o silêncio que tinha caído sobre o acampamento ao pôr do sol:

"A procura do assassino de Bully Bronson deslocou-se para o sul da fronteira mexicana, esta noite. As autoridades estão convencidas que o engenheiro auxiliar de Bronson, que matou o seu chefe

a sangue-frio depois de uma disputa num acampamento de construção de estradas de rodagem, atravessou o cordão de policiais na zona da Grande Curva e conseguiu escapar cruzando o rio. A polícia pediu a esta estação que transmitisse a seguinte descrição às autoridades mexicanas a quem se avisa que..."

Estendi a mão e apaguei o rádio. Sam estava sentado muito direito, e me olhava por entre as pálpebras quase fechadas. Tinha três botões da camisa desabotoados e o braço direito dobrado no cotovelo com a mão pronta a enfiar-se na camisa de um momento para outro.

Eu disse:

— Para o diabo com essa história. Aqui na zona todo mundo sabe que Bully Bronson estava precisando ser morto. Espero que nunca encontrem esse sujeito que fez isso.

Sam sossegou um pouco. Levou a mão ao bolso da camisa para procurar um cigarro e tirou a carteira vazia. Atirei-lhe o meu pacote de fumo Bull Dunham e o maço de papéis escuros. Ele rasgou dois papéis e derramou quase metade do fumo antes de conseguir enrolar e fechar um cigarro grosso. Depois de acender o cigarro, disse:

— Mas um assassinato sempre é um assassinato.

Apertou os dentes, como se tivesse dificuldade em se conter para não falar demais.

— Não é um assassinato quando liquidam um sujeito como Bully Bronson — argumentei. — Diabo, eu conheço cinquenta homens que vão dormir melhor esta noite porque Bronson está morto.

— É assassinato quando um homem espera até que outro esteja dormindo e então lhe arrebenta os miolos com uma espingarda. (A voz de Sam estava fina e trêmula.)

— Há muita coisa que levar em consideração num caso destes — disse eu. — Nunca ninguém há de saber quanto o homem teve que suportar da parte de Bronson antes de se animar a fazer o serviço. E, pelo que eu sei de Bronson acho que foi boa idéia esperar até que o velho tratante estivesse dormindo e depois fazer um servicinho muito bem feito.

— Ainda assim a lei chama a isto homicídio em primeiro grau.

Inclinei a cabeça. Estava observando-lhe o rosto.

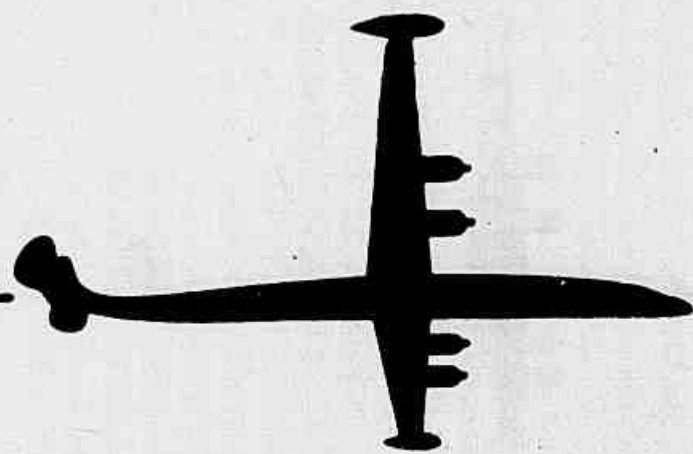
— Se algum dia a lei tiver oportunidade de se pronunciar a este respeito. Se ele atravessou o rio, não tem por que se preocupar.

— Existe uma coisa chamada extradição.

Eu ri.

— Você não conhece este país como eu. A extradição não passa de uma palavra bonita ao sul do Rio Grande. O que um homem fez nos Estados Unidos não é levado em conta aqui. Um homem deixa o seu passado para trás quando atravessa o rio.

*Uma nova aeronave...
em nova rota...
com um novo serviço!*



SUPER CONSTELLATION INTERCONTINENTAL

De Luxe

A passeio ou a negócios... indo a Nova York, prefira o Super Constellation Intercontinental de Luxo da Varig – a mais moderna aeronave para passageiros em vôo no Hemisfério.

Uma única escala em Port-of-Spain... e a tradicional cortesia



VARIG



Lady Maxwell informa



ANGELO LÍTRICO, o alfaiate que vem ao Rio esta semana, faz roupas para Nikita Krushev, para Harold Mac Millan e vai fazer para o sr. Juscelino Kubitschek, a quem chamou de "elegantíssimo". O sr. José Maria Alkmim já encomendou dois ternos. Sobre ele o Ângelo disse: "Muito pequeno para usar roupa com corte italiano".

A MOCINHA CHEGOU ao Country com curativos nas pernas e disse, a quem perguntou: foram "Culex Sati-gans". Tradução: mosquitos. Ela encabeça a lista das "dez mais menos" que o jovem Garcia está fazendo.

O MARQUÊS DE SEGUR já sabe quem lhe deu bolas pretas no Country. Está havendo muita confusão a respeito.

VALE IR AO COPA nesta temporada chamada "de inverno" para assistir "Les Compagnons de La Chanson". Eles dizem que são "os nove rapazes de calças azuis e camisas brancas mais engraçados da Europa".

O MARQUÊS DE CUEVÁS e Serge Lifar passaram juntos a "semana de reconciliação" idealizando um "ballet" que tem como tema central um duelo.

RUMORES INSISTENTES: o jovem rei Baudoin, da Bélgica, está para casar com a bela princesa Alexandra, da Grã-Bretanha.

JÁ FOI COMPLETADO e declarado oficial o divórcio do Xá da Pérsia e de Soraya. Ela ficou de caixa alta.

JEAN POUCHARD informou que Maria Sônia Corrêa de Araújo foi mais fotografada no domingo do G. P. "Otono" do que a égua Bucarest, a vencedora.

"TIME", DANDO as fotos da manifestação de Baby contra Linda, escreveu: "ela provou que continua a não ser páreo para o gênero brasileiro de milionários esportivos, que arrancam lucros de 30 a 40% ao ano, riem do imposto de renda e ainda têm tempo para imaginar brincadeiras práticas".

O MEU AMIGO Ali Khan está como embaixador na ONU, escandalizando os cisnes. Comparece às sessões em camisa de xadrez.

NO HOTEL AMAZONAS uma cerveja (que vem do Rio) custa mais caro do que o uísque (que vem das Guianas).

OS COLUNISTAS norte-americanos só tratam Baby Pignatari por conde.

CLÉMENT DUHOLER está rodando em Nice "La Vie a Deux", filme concebido e escrito por Sacha Guitry, que ia realizá-lo fazendo ainda o principal papel. Dois diálogos:

1. — Você conhece pessoas felizes?

— Oh, sim; com certeza! Vejamos: cinco, sete, nove...

— Por que cita apenas Algarismos ímpares?

— Porque aos pares elas jamais seriam felizes.

2. Gérard Philipe (o criado) a Lili Palmer (a patroa):

— Madame, pode me contratar com toda a segurança; madame não é o meu tipo.

ESTÃO PARA ser inaugurados dois bustos: de Manuel Bandeira no Recife e de Juscelino Kubitschek em Diamantina.

O "CASTELETE dos Catão", onde mora o sr. Joaquim da Silveira, foi vendido. Vai dar lugar a um edifício.

JORGE GUINLE e Baby Pignatari estão desfilando brotos em Nova Iorque. Baby manda dizer: "Dignos do D.E."

DE PRESTES a um jornalista, na TV-Rio (fora do ar): "Como é bom circular".

DA SRA. IRENE GUINLE a Luís Ali-pio de Barros: "Os costureiros italianos estão para os franceses assim como os colunistas sociais do Brasil estão para os norte-americanos..." Ela chegou de Paris dizendo que a "linha trapézio" é ainda pior que a moda "saco".

A MAIORIA DOS ENTENDIDOS em Hollywood acha que Lana Turner está definitivamente "queimada" depois do escândalo Stompanato e da publicação das cartas que os dois trocaram. Em uma delas Lana Turner chama o "gangster" de "meu macho" e em outra carta de "frasco de mel".

DO MEU AMIGO Ibrahim Sued: "ser brasileiro em Paris e não ser milionário é duro. Diga que a "linha trapézio" é horrível. E que os chapéus estão caindo de moda outra vez".

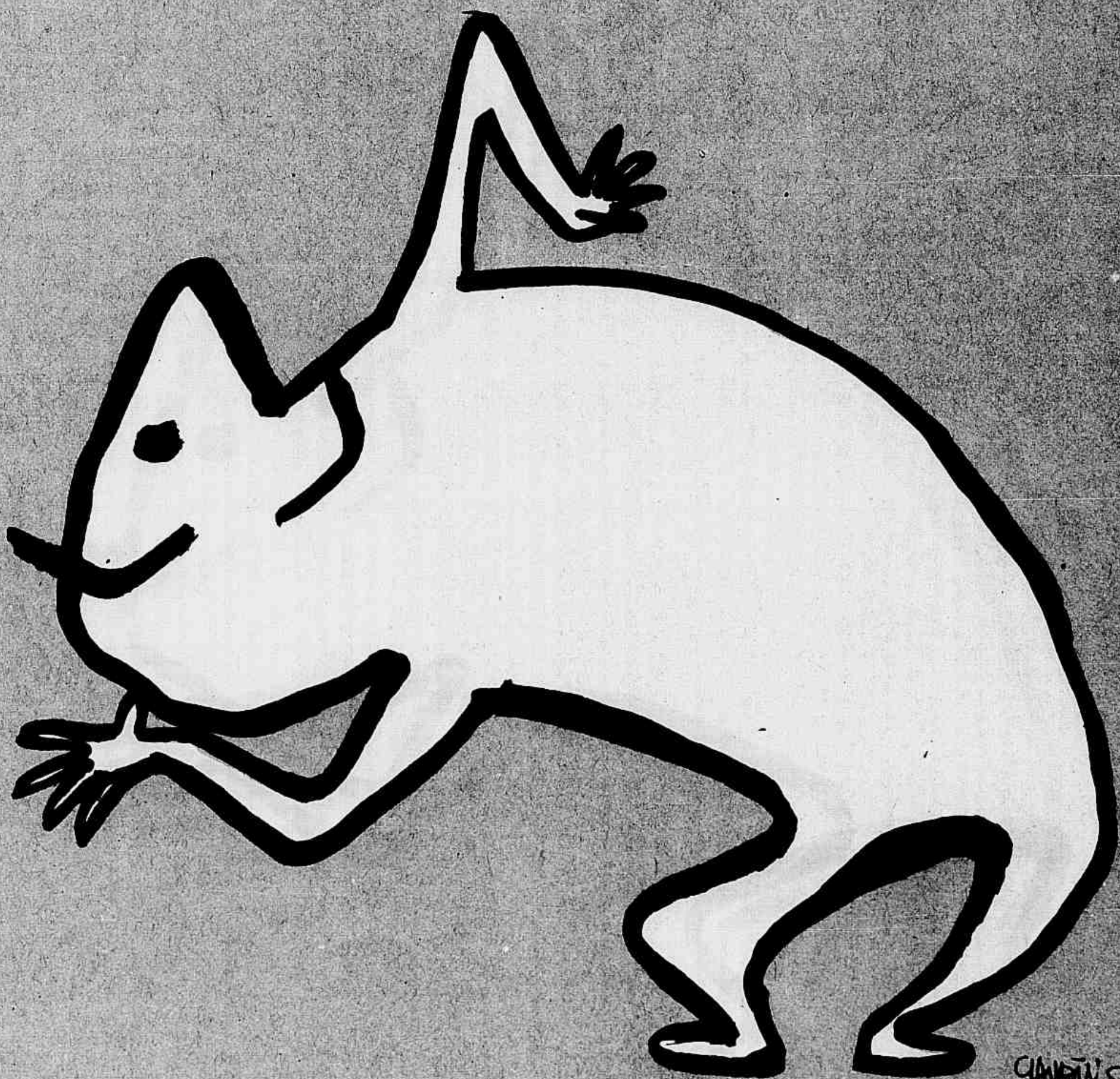
ELENA (sem h), a filha do presidente Frondizi, funciona como sua secretária. § Em Miami estão tentando fazer voltas com maiôs para homem. E, ainda por cima, de listras. § O príncipe Alexandre, da Iugoslávia, vai ser pai de gêmeos. § Circulou (só) pelo Rio e perdeu no Jockey o sr. Álvaro Piano, marido de Marta Rocha. § Este é o segundo assassinato na vida de Lana Turner: o primeiro foi o de seu pai. § A Orquestra de Woody Herman já confirmou: agosto em São Paulo. § O sr. Eurico Amado vai se tornar poeta publicado. § Os pais do presidente Frondizi eram italianos e viveram algum tempo no Brasil, em Uruguai. § Otávio (que foi meia-direita do Botafogo) de Moraes vai acabar casando com Geórgia, a modelo. § Um casamento de fraque: Cezarina Rizo e Jacques Klein. O convite estabeleceu assim. § Andaram telefonando para o Dirceu Fontoura perguntando se "A Mulher de Ninguém" era dele.

O NÚMERO ESPECIAL DE HUMOR

PERDENDO

OU VOCÊ VAI ACABAR

SE VIRE





LACERDA DE AGUIAR PRESTA CONTAS AO POVO CAPIXABA

Governador Francisco Lacerda de Aguiar

SENHORES MEMBROS DO PODER LEGISLATIVO :

Em cumprimento a preceito constitucional, compareço perante esta Augusta Assembléia, a fim de prestar contas ao povo capixaba, por intermédio de seus ilustres representantes que compõem este Poder, das atividades administrativas do meu Governo, ao término de mais um ano de administração.

Desejo externar, neste ensejo, a satisfação de que me acho possuído, pela oportunidade que me é dada de comparecer perante os legítimos representantes do povo espírito-santense, cujo trabalho se tem caracterizado pelo ideal comum de bem servir à causa pública, em estreita colaboração e em cordial entendimento com o Poder Executivo, que tenho a honra de presidir.

Pela terceira e última vez, em circunstâncias como esta, apresento-me diante deste ilustre Plenário, visto que o meu Governo alcança, a esta altura, o seu último ano. Por isso mesmo, seja-me permitido manifestar-vos, com sinceridade e lealdade, os meus públicos agradecimentos pelo devotamento com que vos houvestes, em favor dos interesses maiores do Espírito Santo, durante o meu período governamental, que teve do Poder Legislativo a colaboração indispensável e decisiva para a realização dos mais urgentes anseios da coletividade que tenho a ventura de governar e que tendes a honra de representar.

Submeto ao vosso exame imparcial, sereno e honesto, o presente relatório, em que se acham devidamente enumeradas e registradas as atividades e realizações do meu Governo, calcadas em dados verdadeiros e expostas com sinceridade e fidelidade. Evidentemente, não me será possível, neste simples relato introdutivo, fixar com detalhes todo o trabalho realizado. Todavia, ressaltarei, nesta oportunidade, as principais ocorrências relacionadas com as atividades governamentais, que se acham expostas, com maiores dados e mais discriminadamente no corpo deste relatório.

EXECUÇÃO ORÇAMENTÁRIA

A receita para o exercício de 1957 foi estimada em Cr\$ 1.238.835.000,00. A arrecadação, no referido exercício, atingiu a cifra de Cr\$ 935.591.998,70, verificando-se, portanto, uma diferença, para menos, de Cr\$ 303.244.001,30. Dentre as rubricas que não alcançaram a previsão, determinando, assim, o decréscimo da arrecadação, avulta a do "Imposto Sobre Vendas e Consignações" e, conseqüentemente, as dela decorrentes, como sejam as taxas "para fins educativos" de "Defesa do Café" e do "Fundo de Eletrificação", que têm suas bases fixadas na estimativa daquele imposto.

A rigor, somente esses títulos contribuíram com importância nunca inferior a Cr\$ 300.000.000,00 para o "déficit" de execução orçamentária, importância que foi reduzida em virtude de se ter verificado excesso de ingresso em outros itens, conforme está demonstrado no quadro constante desta Mensagem.

Várias foram as razões que determinaram este resultado negativo na execução orçamentária. No capítulo relacionado com a Secretaria da Fazenda, tais motivos se acham devidamente evidenciados e esplanados.

OBRAS PÚBLICAS

Pelo relatório da Secretaria da Viação e Obras Públicas, podereis verificar como foi intensa e extensa a ação do Governo relativamente à realização de obras e empreendimentos, devendo-se assinalar o seu caráter de utilidade imediata e de real atendimento aos anseios coletivos e às necessidades da administração pública.

Dentre estas obras destacam-se a construção do prédio do Colégio Estadual do Espírito Santo e de diversos prédios destinados a estabelecimentos de ensino, a postos de saúde, a delegacias de polícia e a casas do lavrador.

Introdução à mensagem do governador espírito-santense dirigida à Assembléia Legislativa

No setor de viação, foram profícuas as atividades do Departamento de Estrada de Rodagem que construiu, reconstruiu e melhorou algumas centenas de quilômetros de rodovias e estradas vicinais e grande número de pontes. É de se ressaltar a construção da rodovia Cachoeiro-Alegre-Guaçu, da rodovia Iuna-Muniz Freire, e alargamento da ponte sobre o Rio Doce e a construção da ponte sobre o Rio Pancas, no Município de Colatina, obras de vulto e que representam o atendimento das necessidades do escoamento da produção de toda a vasta e rica região da zona sudoeste do Estado e da vasta e próspera região do norte do Rio Doce.

No que se relaciona com as obras portuárias, vale destacar a construção do cais comercial de Paul, em convênio com a União. Aquela obra acha-se em franco desenvolvimento, tendo sido construídos 420 metros de cais, estando os serviços executados pela Companhia Vale do Rio Doce S.A., em consequência de contrato firmado entre o Estado e aquela poderosa empresa. O armazém n. 4 e o edifício anexo, destinados aos escritórios da Administração do Porto, acham-se concluídos. Para atender aos serviços portuários, foi adquirido um novo rebocador de 500 H.P., encontrando-se o antigo rebocador "Rio Doce" fora de serviço há alguns anos, em recuperação nos estaleiros da Ilha do Príncipe.

Mediante a aplicação do produto da Taxa de Emergência foram adquiridos e montados 9 guindastes elétricos, importados da Holanda.

ATIVIDADES AGRÍCOLAS

Este setor da administração pública tem dispensado toda a assistência possível ao homem do campo, mediante ajuda técnica, material e científica. Por intermédio dos diversos acordos com a União, tem sido fomentada a produção e mantido um sistema de sua defesa sanitária em bases cooperativas. Pelo relato circunstanciado destas atividades, em local próprio desta exposição, podereis verificar os esforços dispendidos pela Secretaria da Agricultura, Terras e Colonização, em favor das atividades agrícolas.

EDUCAÇÃO

Não é sem justo orgulho que vos declaro que 21% da previsão orçamentária do presente exercício financeiro estão reservados ao setor educacional. Ao assumir o Governo, a percentagem destinada ao mesmo setor era de 12%. Podemos, portanto, constatar, ter havido acréscimo percentual de 9%. Este acréscimo foi motivado pela criação de novas escolas e classes destinadas ao ensino primário, pela instalação de novos ginásios e cursos de formação de professores e pelo aumento geral concedido ao magistério de todos os graus, tendo sido elevados seus vencimentos a níveis compatíveis com a grandeza da missão que lhes compete cumprir. Podemos afirmar com satisfação que o Espírito Santo, em matéria de ensino, ocupa hoje um lugar dos mais destacados no seio dos demais Estados da Federação.

INTERIOR E JUSTIÇA

O meu Governo assegurou sempre à coletividade espírito-santense um clima de paz e tranqüilidade, mediante o fiel respeito aos preceitos constitucionais. Diversas medidas relacionadas com o melhor aparelhamento do organismo destinado à segurança pública foram executadas, sendo de ressaltar o reaparelhamento material da Polícia Militar do Estado e a ampliação dos serviços da Polícia Civil. A Secretaria do Interior e Justiça realizou um trabalho de perfeita coordenação nas relações entre as autoridades policiais e o público, decorrendo daí o clima de harmonia e tranqüilidade que podemos desfrutar.

No setor da saúde pública foram executadas diversas obras de vulto, principalmente a instalação de serviços de abastecimentos de água em Municípios e Distritos do interior do Estado e postos de saúde. Foi totalmente concluída a estação de tratamento de água do Cobi, com a instalação de dois modernos e potentes motores destinados ao bombeamento de água do Rio Marinho para a referida estação.

No setor da assistência social desenvolveu a administração estadual intensa atividade, especialmente no que se relaciona com a ampliação de hospitais, sendo de destacar a ajuda concedida à Santa Casa de Misericórdia para a reconstrução de suas enfermarias, construção e instalação do Hospital do Pronto Socorro e instalação do Hospital da Ilha da Pólvora, destinado à ampliação das atividades do Sanatório "Getúlio Vargas".

ENERGIA ELÉTRICA

Por intermédio da Divisão de Águas e Energia Elétrica foram instalados em Municípios e Distritos do interior do Estado inúmeros grupos diesel elétricos, destinados a fornecer energia elétrica às populações de hinterlândia capixaba e proporcionar força para a movimentação de pequenas indústrias. Pelo exame do presente relatório poderéis verificar que as atividades da administração estadual, neste setor, foram bastante amplas.

ESPÍRITO SANTO CENTRAIS ELÉTRICAS SOCIEDADES ANÔNIMAS — (ESCELSA)

Constituída em 6 de setembro de 1956, a ESCELSA tem por finalidade o aproveitamento das fontes de energia existentes no Estado, quer planejando, construindo e operando sistemas de produção, transformação, transmissão e distribuição de energia elétrica sob suas diversas modalidades, quer explorando mediante concessão o comércio de energia elétrica, quer adquirindo ou arrendando usinas geradoras de eletricidade, linhas de transmissão e redes distribuidoras de energia elétrica. Seu capital inicial é de Cr\$ 300.000.000,00, sendo o Estado do Espírito Santo o maior acionista.

O objetivo imediato das atividades da ESCELSA é a conclusão, no menor prazo possível, das obras da Usina Hidrelétrica de Rio Bonito que se destina a solucionar o problema do fornecimento de energia a Vitória.

Rio Bonito é a primeira das quatro usinas hidrelétricas componentes do sistema do Rio Santa Maria, sendo as outras três: Timbui Sêco, Suíça e Santa Leopoldina.

Com 24.000 cavalos de força, compõe-se de três turbinas com 8.000 cavalos cada uma.

A barragem é de concreto ciclópico, compondo-se de 13 blocos, com a extensão de 235 metros.

As obras da Usina foram contratadas em 12 de junho de 1952, respectivamente com a Companhia Construtora Nacional S.A. a parte das obras civis e com a A.E.G. (Companhia Sul-Americana de Eletricidade) a parte dos serviços eletromecânicos.

A linha de transmissão foi contratada com a AEG em 18 de fevereiro de 1955, consistindo em torres de treliça galvanizadas, sendo os cabos condutores de alumínio, com alma de aço.

A transmissão de Rio Bonito até a subestação de Suíça será em 66 kw e desta até Vitória em 132 kilovolts.

O contrato da linha de transmissão prevê a construção da subestação abaixadora de Vitória, donde sairá a energia para a rede de distribuição para, digo, nas zonas urbanas e suburbanas da Capital.

A Usina Hidrelétrica de Rio Bonito deverá custar, acabada, aproximadamente Cr\$ 410.000.000,00, incluindo neste total os juros do financiamento, na importância aproximada de Cr\$ 40.000.000,00.

Do início das obras até 31/1/55 foram dispendidos Cr\$ 85.360.685,00, cabendo ao atual Governo o pagamento da quantia de Cr\$ 324.639.315,00, da qual já foram pagos Cr\$ 213.414.187,90.

Não podendo deixar de salientar a colaboração importante prestada pela diretoria do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, tanto ao Estado quanto à ESCELSA, aumentando o empréstimo que fizera para a execução das obras, de Cr\$ 171.798.000,00 para Cr\$ 290.000.000,00.

As obras da Usina estão em face de conclusão.

Dos 13 blocos de que se compõe a barragem, 12 estão concluídos, faltando apenas o 13.º, que é o menor e estará concluído em breve.

Estão inteiramente concluídos os dois túneis e a chaminé de equilíbrio.

A casa de força está terminada, com todas as turbinas geradoras, sala de comando, etc., acabadas.

A estação elevatória está também terminada.

Só falta concluir a tubulação forçada, em parte do trecho do plano inclinado, que estará pronta dentro de 60 dias.

Estão sendo feitas as desapropriações das áreas inundadas pela barragem e o respectivo desmatamento, esperando-se concluir-se estas providências em dois meses, para então fechar-se a comporta da descarga de fundo, situada no bloco 12 e começar-se o enchimento da barragem. Esta chela, represará água numa área com cerca de 22 quilômetros de comprimento por 400 metros de largura.

Quanto à linha de transmissão, compor-se-á de 146 torres metálicas.

O material da linha, de fabricação alemã, está todo em Vitória.

Já estão colocados os dois grandes transformadores de 45 toneladas, na subestação situada no local denominado Alto Lage, nas cercanias da Capital.

O edifício da subestação, com dois pavimentos e área total de 1.000 metros quadrados, está em fase de acabamento, já coberto.

A montagem externa da subestação já foi iniciada, compreendendo além dos dois grandes transformadores já citados, cerca de trinta torres metálicas já levantadas.

O material das torres da linha de transmissão já foi distribuído ao longo da mesma, estando já montadas diversas torres.

Prosseguem portanto em ritmo bastante acelerado as obras para conclusão da Usina do Rio Bonito, empreendimento que dentro de alguns meses o atual Governo inaugurará, numa demonstração de que soube dar prioridade às obras de real interesse para a coletividade espírito-santense.

Como primeiro reflexo do funcionamento de Rio Bonito, ressalta o benefício que Cachoeiro do Itapemirim receberá, pois a energia da Usina de Jucu poderá socorrer aquela cidade, pela sua ligação em paralelo com a Usina de Fruteiras.

Os motores Diesel que servem atualmente a Capital e que deverão ser retirados pela Companhia Central Brasileira de Força Elétrica, logo após a entrada em linha da energia de Rio Bonito, provavelmente serão deslocados para Cachoeiro do Itapemirim.

A energia de Rio Bonito certamente atrairá inúmeras indústrias, que se estabelecerão em Vitória e arredores.

A indústria siderúrgica em larga escala fatalmente instalar-se-á aqui, dada a posição privilegiada do seu porto.

Em consequência, prevê-se um rápido esgotamento das disponibilidades dessa Usina.

Dai resultou a cogitação do atual Governo, de iniciar os passos para a construção da Suíça, 2.ª etapa do sistema do Rio Santa Maria.

Situada abaixo das quedas de Rio Bonito e Timbui Sêco, a cachoeira da Suíça é a mais importante em potencial elétrico e seu aproveitamento poderá suprir de energia a Capital por muitos anos.

Está sendo elaborado um projeto cuidadoso para esta Usina, a fim de evitarem-se os equívocos cometidos no projeto de Rio Bonito, responsáveis pelos grandes tropeços surgidos durante sua construção.

Estes indicam para a Usina da Suíça um potencial de 84.000 cavalos para um custo aproximado de Cr\$ 750.000.000,00, estimativa feita aos preços atuais dos materiais.

Comparando-se com o custo de Rio Bonito, em igualdade de preços de materiais, chega-se à conclusão de que o cavalo-vapor estudado para a Usina da Suíça custará a metade do preço do de Rio Bonito.

Este resultado demonstra a excelência dos estudos que estão sendo feitos para a Usina da Suíça.

Logo esteja concluído o projeto, será aberta concorrência para a sua construção.

Para o início da obra, há uma verba substancial no orçamento da União.

Embora com pouco mais de um ano de existência, vai a ESCELSA dando cumprimento a um vasto programa de eletrificação do Estado, lançando as sólidas bases para um futuro grandioso que certamente sorrirá para o laborioso povo espírito-santense.

Com esta introdução sucinta, em que assinalai apenas algumas das realizações do meu Governo, entrego ao vosso julgamento o presente relatório. Pelo exame das diversas peças que o compõem, em que estão discriminadas todas as atividades da administração estadual, poderéis verificar que tudo fiz para não desmerecer a confiança que em mim depositou o nobre e ativo povo capixaba.

Tenho o espírito tranqüilo e a convicção honesta do dever cumprido. Com esta disposição é que compareço perante este Augusto Plenário para submeter este relatório ao crivo do julgamento do povo pelo pronunciamento de cada um de vós que encarnais, na composição do Poder Legislativo, a vontade e a opinião da coletividade espírito-santense.

SENHORES MEMBROS DO PODER LEGISLATIVO:

Desejava ter podido sintetizar mais ainda o presente relatório, a fim de não tornar demorada a sua leitura. Todavia, o vulto das realizações aqui relatadas não permitiu tornar menos extensa esta Mensagem com que, pela terceira vez, me desobrigo perante este Excelso Poder, de uma das mais importantes obrigações que o texto constitucional impõe ao Governador. A tarefa que realizamos não foi produto de trabalho pessoal, e, sim, o fruto benéfico de uma equipe de dirigentes dos diversos setores da administração pública, destacando-se, de um modo especial, a dedicação do funcionalismo e do operariado, cujo amor à causa pública os torna credores da admiração de todos quantos acompanham o ritmo do nosso progresso.

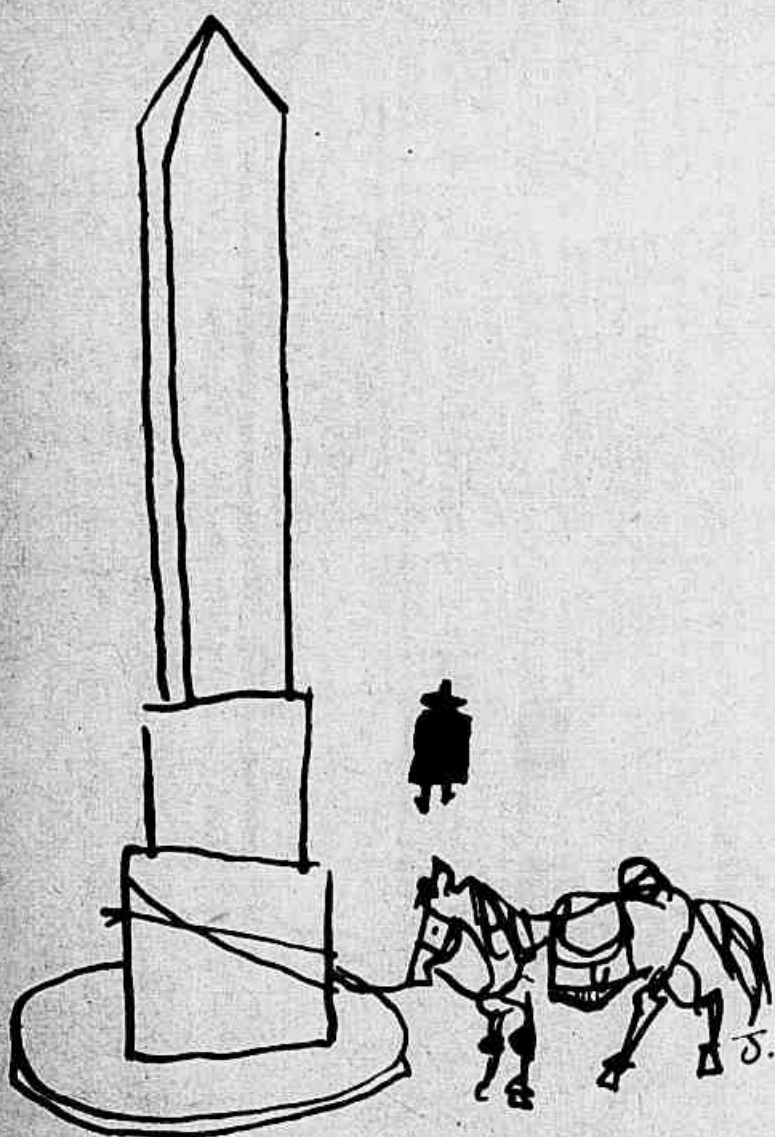
O Espírito Santo caminha a passos largos na escalada de sua emancipação econômica, graças ao labor fecundo de seus filhos e aos esforços patrióticos de seus dirigentes. No limiar de uma nova era de progresso, quando já se anunciam com objetividade grandes atividades industriais, com o evento do potencial hidrelétrico produzido por Rio Bonito, podemos prever para dias bem próximos uma seara de frutos opimos que haverá de colocar o Espírito Santo na vanguarda dos esforços para grandeza e prosperidade do Brasil.

Dar-me-ei por bem pago de todos os sacrifícios e, de todas as lutas ao constatar que o Espírito Santo, fiel à sua destinação histórica, fulgura na constelação das unidades federadas como estrela rutilante de primeira grandeza.

Rendo graças a Deus e ao povo capixaba pela tarefa realizada neste período de Governo que, estou certo, se constitui numa parcela de trabalho em favor dos anseios comuns de prosperidade para esta bendita terra.

Vitória, 15 de março de 1958.

Francisco Lacerda de Aguiar
Governador do Estado



SÓ AGORA SOUBE da morte de Caio Monteiro de Barros, na Sexta-Feira da Paixão. Os jornais nem noticiaram, e no entanto ele foi homem muito falado neste país. Foi o advogado de defesa de Manso Paiva, o assassino de Pinheiro Machado, e na Reação Republicana dirigia um jornal chamado "O Combate", que fez uma campanha violentíssima contra a candidatura Artur Bernardes à Presidência da República.

Caio Monteiro foi o criador da história do Cravo Vermelho, insígnia que, segundo se dizia, era usada por um grupo de capangas que fazia agitação nas ruas em favor da candidatura Bernardes.

Caio, que era tio do sr. Horácio Carvalho, diretor do "Diário Carioca", usava uma barba comprida, negra e encaracolada.

PRESTOU DEPOIMENTO na semana passada o sr. Otávio Brandão, comunista histórico que começou como anarquista e é farmacêutico de profissão. Brandão, que é atualmente casado com uma irmã do sr. Luís Carlos Prestes, era viúvo da poetisa Laura de Oliveira. Lembro-me de quando ele foi eleito vereador, juntamente com o marmorista Minervino Oliveira. Naquele tempo a Câmara se chamava Conselho Municipal e os vereadores chamavam-se intendentes. Brandão foi eleito pelo Bloco Operário e Camponês, em acordo com o deputado Azevedo Lima, também eleito para a Câmara dos Deputados. Naquele tempo o eleitor podia acumular seus votos, que eram individuais. Para deputado podia dar quatro votos acumulados no mesmo candidato. Para vereador dava oito votos.

QUE A FACADA é uma instituição tradicional, bem pode dizer o sr. Eurico Souza Leão. Conta ele a história de um facadista que diariamente "escorava" o sr. Celso Baima e pedia-lhe um emprego. Como Celso não tivesse o emprego no momento, o rapaz contentava-se com alguns mil réis. Um dia Baima resolveu arranjar o emprego para livrar-se do freguês mas, passado algum tempo, encontrou-o pedindo dinheiro a um amigo. "Então você vivia pedindo um

emprego para não ter que pedir dinheiro e continua dando facadas?". O facadista não se perturbou: "Foi para isso que o sr. me arranjou um emprego? Então prefiro deixá-lo, pois tenho muitos amigos, estimo-os muito e não vou abandoná-los assim de uma hora para outro, só porque tenho um emprego".

TENHO OUVIDO muita gente discutir se o general Flores da Cunha amarrou ou não amarrou cavalos no Obelisco da Avenida Rio Branco. Na verdade, ele não amarrou mas os cavalos foram amarrados por jovens parentes seus. Flores ficou muito aborrecido e mandou os rapazes de volta para o Rio Grande do Sul.

Outra verdade: os cavalos não foram amarrados para "afrontar a cidade", mas só para levar à prática uma ameaça de Flores ao governo central. Foi Irineu Machado quem transformou o episódio em afronta aos brios cariocas e organizou uma legenda eleitoral com o título: "Revidando a Afronta".

A CARTA QUE recebi esclarecendo a história do "placard" do jornal "A Pátria" (causa dos conflitos em torno do "raid" de Jaú) lembra-me outro episódio, até hoje não esclarecido. Logo após a vitória da revolução de 1930, sem que se saiba até hoje por que, a cidade foi surpreendida com movimentação de tropas e alguns tiroteios entre a Polícia Militar e o Exército. Houve também um choque entre a PM e o Corpo de Bombeiros, na Praça da República, no momento da transmissão do comando nesta corporação. Na rua São Clemente, ao marchar sobre o quartel da Polícia existente naquela rua, foi ferido (morreu pouco depois) um oficial médico do III Regimento, sediado na Praia Vermelha.

Na época se disse que tudo havia começado com uma reclamação dos praças da PM contra o rancho servido no dia. Outros disseram que tudo havia sido provocado pelos comunistas, que telefonaram para uma corporação dizendo que ela ia ser atacada pela outra. Pensou-se também em tentativa de reação armada ao movimento de 30. Mas, ao certo, não se sabe. Vamos ver se algum leitor esclarece.

CÂMERA LENTA



B B TOSTADA E AO PONTO

DEPOIS DE CHEGAR ao primeiro lugar entre as estrelas de bilheteria na França, Brigitte Bardot marchou sobre Hollywood e impôs suas condições: contrato de três anos; inclusos, o produtor Raoul Levy e o diretor Roger Vadim, seu ex-marido; os filmes poderão ser feitos em Hollywood ou na Europa; a Columbia entrará com o dinheiro (ou parte) e a distribuição. Com a carência de filmes novos que assustou os exibidores americanos em 1957, os europeus invadiram em grande escala os circuitos. Só de Brigitte, quatro filmes foram lançados quase simultaneamente. "E Deus... Criou a Mulher" ("mas o Diabo criou Brigitte Bardot") invadiu cerca de quatro mil cinemas. Este filme prepara-se para estrear no Rio, quase em dupla com "O Príncipe e a Parisiense".

A controvérsia sobre "E Deus... Criou a Mulher", entre tesouradas da Censura e adjetivos extremados da crítica, foi forte na França. Os brigítófilos afirmam que os filmes menos interessantes da "nova fase" B.B., são no mínimo "perfeitamente digestivos"; e que, com sua grande força ante os produtores, ela está favorecendo a carreira de jovens como Vadim e Michel Boisrond, que representam corrente renovadora no cinema francês. São muitos os filmes de B.B. que aguardam estréia no Brasil. Hoje abordamos dois.

"E DEUS... CRIOU A MULHER" (Et Dieu... Créa la Femme), filmado em "Cinemascope" e "Eastmancolor" em St. Tropez, Riviera francesa, pretende ser um estudo de psicologia feminina. Juliette (Brigitte) é uma órfã de 18 anos que prefere tostar-se nua ao sol do que trabalhar na livraria de seus pais adotivos, o casal Morin. Monsieur Morin, embora inválido, tem um forte apetite pela garôta — tostada, mal passada ou ao ponto. Mas a concorrência é grande: há o bem maduro Eric (Curt Juergens), proprietário da cantina "L'Escale" e de um iate; o tímido Michel (Jean-Louis Trintignant) e seu irmão, o donjuanesco Antoine (Christian Marquand). "Uni-Duni-Tê... Salamê-Minguê..." Antoine parece o mais expressivo e Juliette dá-lhe preferência. Logo o rapaz se vangloria de sua conquista e a jovem se refugia no iate de Eric. Madame Morin (Jane Marken), à essa altura, não quer saber mais de filhas adotivas e resolve devolver a sua ao orfanato. Para contornar o perigo, Eric induz Michel a casar com Juliette. Realizado o casamento, Michel se dispõe a protegê-la contra tudo e todos. Outra vez, porém, Juliette cede

à atração de Antoine. Depois, envergonhada, foge. Michel vai buscá-la. Primeiro, enfrenta com os punhos a oposição do irmão. Depois, interrompe com bofetões o chá-chá-chá ébrio de Juliette, em um cabaré sórdido, reconduzindo-a por caminho insólito à fidelidade conjugal.

Quanto às qualidades da fita, convém começar pelo setor menos controvertido: o aspecto "produção". Embora Edistribuído pela Columbia, "E Deus... Criou a Mulher" é anterior (1956) ao contrato Bardot-Vadim-Levy com esta companhia. Apesar disso, a produção é bem cuidada. A fotografia foi entregue ao excelente Armand Thirard, colaborador freqüente de Clouzot. No elenco, a melhor figura deve ser o austríaco Curt Juergens ("Miguel Strogoff", "A Rapôsa do Mar"), um dos maiores "cartazes" do cinema europeu. Trintignant e Marquand são galãs novos que vêm recebendo boas oportunidades ultimamente. Entre os coadjuvantes, merecem citação Jane Marken, Jean Tissier e Georges Poujouly (o menino de "Brinquedo Proibido", já rapaz). Roger Vadim escreveu a história, cenarizou-a em colaboração com Raoul Levy e dirigiu.

Qualquer apreciação deverá levar em conta os cortes vários da Censura francesa, que deixou muita coisa fortemente erótica (inclusive a famosa "Brigitte Deitada" na cena inicial — REVISTA DA SEMANA n. 5), mas podou mais ou menos um quarto da metragem original. Os críticos americanos que consultamos não dão qualquer importância extra-erótica à fita. Segundo o inglês Peter John Dyer, "é um filme jovem, e seria irresponsável negar-lhe certa significação. As caracterizações são firmes e autênticas". Na França, muitos reprovaram os "excessos" de erotismo, porém não faltou o apoio moderado de críticos sérios como Bazin, Rohmer, Agel, e quase irrestrito (três estrelinhas das quatro que constituem o máximo nos "Cahiers du Cinéma") por parte do inteligente Doniol-Volcroze. Mais difícil é levar a sério os que encerraram com "E Deus... Criou a Mulher" sua lista dos "melhores de 1956": Claude de Givray e François Truffaut. É preciso ver esse primeiro filme dirigido por Vadim. O segundo, "Saint-on Jamais", com Françoise Arnoul teve recepção ainda melhor na crítica francesa e também já tem distribuição certa no Brasil, via Columbia.

"O PRÍNCIPE E A PARISIENSE" (Une Parisienne) conta aquela velhíssima his-



Trintignant e Bardot



La Femme en Nu



Brigitte Bardot

tória da esposa-moço que finge enganar o marido para evitar que ele a continue enganando. Brigitte é a mulher de Henri Vidal. Nadia Gray, a amante. Charles Boyer, um príncipe estrangeiro, cinquentão e boa-vida, cúmplice prazeroso da trama de B.B. André Luguet faz um simpático presidente do Conselho de Ministros. Também no elenco o notável Noel Roquevert.

Alguns críticos exigentes consideram perfeitamente aceitável essa comédia maliciosa, sem as audácias de "E Deus... Criou a Mulher". Jean de Baroncelli ("Le Monde") considera "viva, espirituosa, de bom tom" a direção de Michel Boisrond ("Aconteceu em Adem..."), antigo assistente de René Clair. Acrescenta: "Esta Parisiense conhecerá o sucesso nos quatro cantos do mundo". O "script" é de Annette Wademant (colabo-

Nossos números especiais 1958

NÚMERO ESPECIAL
DE HUMOR

NÚMERO ESPECIAL
DO ESPAÇO

NÚMERO ESPECIAL
MISS BRASIL

NÚMERO ESPECIAL
COPA DO MUNDO

NÚMERO ESPECIAL
DO D.E.

Dia 26
número
especial
de humor

radora em bons filmes de Jacques Becker), Jean Aurel e Jacques Emmanuel. Em "Technicolor".

«ESTRANHO ENCONTRO»

Aguarda lançamento há pelo menos seis meses esta produção da Brasil Filmes ("nova fase", mais modesta, da Vera Cruz). É verdade que a fila de nacionais prontos é grande, mas os exibidores estão dando preferência às chanchadas de bilheteria fácil, concluídas mais recentemente. Fala-se em lançamento próximo em São Paulo. Para orientação prévia, ouvimos o crítico e cineasta Jorge Ileri, que viu o filme de Walter Hugo Khoury no Festival de Curitiba.

"É surpreendente. O enredo (escrito e cenarizado por Khoury) é comum, porém desenvolvido com segurança. Um filme intimista, de cinco personagens, que introduz o cinema brasileiro no terreno difícil do drama psicológico. Acho que, se tiver bom lançamento, poderá fazer muito sucesso. Tem bons momentos de "suspense". A fotografia de Rodolfo Icsey (húngaro, fotógrafo de "Quem Matou Anabela?" e "Arara Vermelha") é excelente e auxilia muito na criação da atmosfera. No elenco, Luigi Picchi vem em primeiro lugar, no papel vilanesco. Andrea Bayard e Sergio Hingst são autênticas revelações — é verdade que muito bem dirigidos. Muito boa a interpretação de Lola Brah. Mário Sérgio é o mais fraco".

A leitura da sinópse distribuída à imprensa não impressiona. Um rapaz da sociedade paulista (Mário Sérgio) dirige-se, à noite, para a casa-de-campo da amante (Lola Brah), quando acontece o "estranho encontro": uma jovem (Andrea Bayard) surge cambaleante na estrada e por pouco não é atropelada. Desmaia sobre o farol do carro. Mário leva-a para a casa de Lola, ausente, pretendendo conduzi-la à cidade no dia seguinte. Andrea revela que fugia do vilão Luigi Picchi, atormentado por um defeito físico, e que a mantinha em permanente terror. O zelador da casa (Sergio Hingst), inimigo de Mário, lê um anúncio prometendo recompensa a quem localizar a moça, e entra em contato com Picchi. Inesperadamente, Lola regressa e Mário se vê obrigado a ocultar Andrea em um barracão próximo. Surge também o vilão, levando a história ao clímax. Embora sabendo que perderá o amante, Lola defende Andrea, levada por um irresistível impulso de solidariedade humana.

"Estranho Encontro" recebeu quatro dos seis prêmios distribuídos no Festival de Curitiba. E acaba de ser selecionado pela A.B.C. (entidade que reúne as sucursais brasileiras das empresas de Hollywood) para representar o Brasil em festival programado para Nova Iorque. Para nós, uma das principais credenciais do filme é Lola Brah. Walter Hugo Khoury escreveu sob medida para essa atriz de grande classe o papel de Wanda, a amante de Mário Sérgio. (A quem teve olhos para ver, Lola impressionou

em "Uma Pulga na Balança" e "Flordas na Serra", como "a viúva" e a "grã-fina alcoólatra", respectivamente). Andrea Bayard, já nas primeiras fotos conhecidas, impressiona pela beleza. Seus diálogos não agradaram ao diretor e foram "dublados" por Liana Duval, a interessante estrêla de "João Gangorra". A montagem (Lúcio Braun) e a música (Gabriel Migliori) são de elementos dignos de um crédito de confiança.

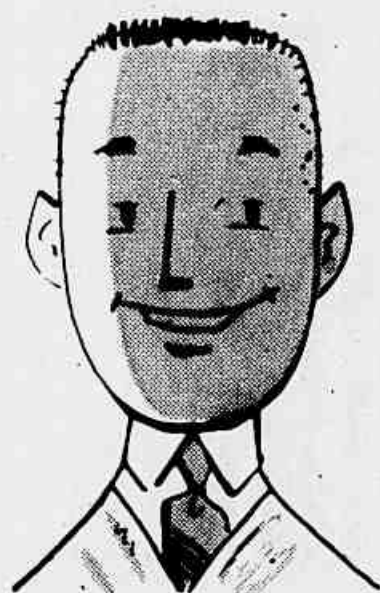
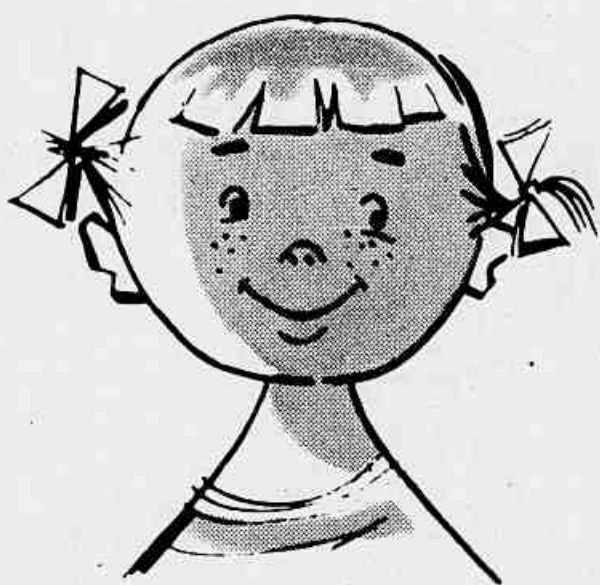
Khoury, que não pode ser responsabilizado pelo fracasso do primeiro filme que dirigiu (dentro de um clima de confusão característico do baixo "oito por



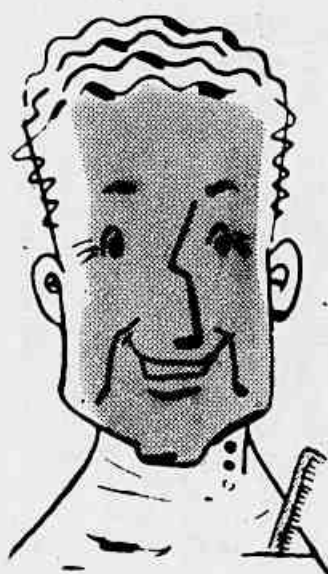
um"), "O Gigante de Pedra", faz aqui sua verdadeira estréia. Jovem, bem intencionado, dono de uma cultura cinematográfica ("Encontro" parece influenciado pelo cinema genial do sueco Bergman), Khoury merece do público e da crítica uma acolhida atenciosa e até otimista.

SELEÇÃO

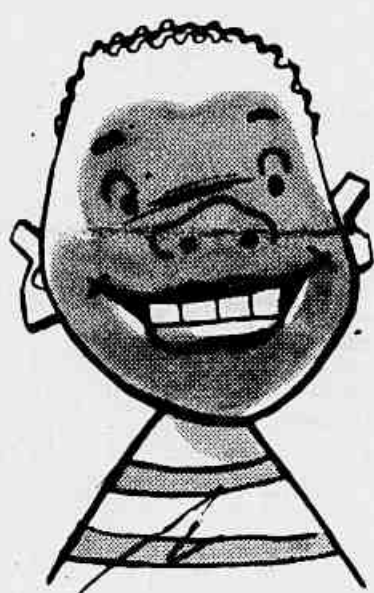
Os melhores de 1958 até as estréias de 31 de março no Rio — Filme: "Em Busca de um Homem" (Will Success Spoil Rock Hunter?), produzido, escrito e dirigido por Frank Tashlin, para a Fox. ♦ Filme nacional: "Absolutamente Certo!", "script" e direção de Anselmo Duarte (Prod. Oswaldo Massaini). ♦ Ator: Laurence Olivier (Ricardo III). ♦ Atriz: Joanne Woodward (As Três Máscaras de Eva, A Mulher do Próximo). ♦ Coadjuvantes: John Williams (Em Busca de um Homem) e Madeleine Robinson (Alma Satânica). ♦ Musicista: William Walton (Ricardo III). ♦ Fotógrafo em cores: Oswald Morris (estilo cromático em colaboração com John Huston, em "Moby Dick"). ♦ Fotógrafo em preto-e-branco: Claude Renoir (As Virgens de Salém).



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

encontra nas UNIDAS
— o melhor!

EPEL

SIMPLIFIQUEI A MINHA TAREFA

Dona de casa faço como eu que transformei um trabalho cansativo numa tarefa agradável, com o novo ASPIRADOR DE PÓ EPEL, modelo vertical.

Quem adquire
os produtos
EPEL,
está
adquirindo
a certeza
de ser
bem servido
por
muito tempo



EPEL S/A. — Indústria e Comércio de Aparelhos Elétricos

S. Paulo — Rua da Consolação, 88 — fones 33-8831 e 33-1724
em frente a Biblioteca Municipal

Rio de Janeiro — Rua México, 74 — 7º andar — sala 704
Fone: 32-8677